

es·pe·ran·ça
(esperar + -ança)

substantivo feminino

Disposição do espírito que induz a esperar que uma coisa se faça de realizar ou suceder.

AI EXILE,
① S S S
② S H S →
ASBESTOS,

pedagogia da ancestralidade

ISSN 2965-6427



vol.03
n.02
2025





Jurubeba. Por Bitta Bardo, 2025

Concepção

Primeira turma do curso de extensão "Pedagogia da Ancestralidade"

Produção e edição

Beatriz Matos Teixeira

Carlos Alexandre Rodrigues Pereira

Eduardo Santana Toledo

Glabia Soraia Andrade Silva

Natália Alvim Braz

Roberta Gil

Rodrigo Barreto

Arte e Identidade Visual

Roberta Gil

Rodrigo Barreto

Realização e publicação

Coletyva Pyndorama

Rua Leopoldo 731, Andaraí, Rio de Janeiro - RJ.

CEP 20541-172

Contato: coletyvapyndorama@gmail.com

Apoio

Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências e Tecnologias Africanas, Indígenas e Diaspóricas (G PI), UFRJ

Capa

“Esperança”, por Rodrigo Barreto, 2025

Revista produzida e editada no Canva Pro

Classificação da Informação

As informações contidas neste documento são direcionadas para fins educativos. Direitos autorais cedidos pelos autores à Coletyva Pyndorama. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial.

Rio de Janeiro, agosto de 2025

pedagogia da ancestralidade

ISSN 2965-6427

vol.03
n.02
2025





O início. Por Beatriz Matos, julho de 2024

Sumário

Editorial	10
Artigos	
Mães na luta pelo bem viver nos territórios: o exercício político da maternidade como lugar de reivindicação pelo direito à vida	17
<i>Ana Paula de Oliveira - Mães de Manguinhos</i>	
Tecendo um olhar decolonial: o Toré e a cosmopercepção Potiguara (Paraíba)	51
<i>Claudia Moreira e Pedro Ka'aguasu Potiguara</i>	
Conheça mais sobre o Toré	57
<i>Claudia Moreira e Helson Potiguara</i>	
“Uma vida é pouco pra fazer música” – Conversa com Reginaldo Bessa	59
<i>Reginaldo Bessa e Beatriz Bessa</i>	
Letramento originário indígena: saberes ancestrais como caminhos de resistência e existência	85
<i>Aiyra Amana Tupinambá (Alciete Arruda Azevedo)</i>	
O valor da comunidade em um mundo que só fala de indivíduo	89
<i>João Guilherme Oliveira Silva</i>	
Campos antes de Campos: território, cultura e extermínio dos Goytacazes	93
<i>Aaron Horowitz</i>	

Sumário

Festival de Parintins: A disputa entre Bumbás e o que ela representa para a identidade brasileira 97

Adriana Mota Barbosa

Poemas e Outras Poesias

Quem navega pelos rios da floresta, navega pelos caminhos da alma 106

Aiyra Amana Tupinambá (Alciete Arruda Azevedo)

Ao meu eu futuro, talvez, meu futuro eu - encruzilhadas psicossociológicas escrevientes 108

Victor Meirelles

Grito de socorro 112

Nélio Cândido

Águas profundas 113

Nélio Cândido

Tambor de Anna Érika 115

Amadeuza Batista

Araruna 120

Flora Araruna

Sem título 123

Juliane Barroso

Sumário

Sobre o que é ancestralidade	124
<i>Drieli Sampaio</i>	
Sem título	125
<i>Adriana Veridiana (Adriana Arantes dos Santos)</i>	
Sem título	126
<i>Debora Costa</i>	
Cultura Oleira	127
<i>Brendha Pereira Carvalho</i>	
Sem título	129
<i>Angela Stelitano</i>	
As Visitas de Fayola	131
<i>Bitta Bardo</i>	
Diz Que Eram Três Reis, ou, Ainda, como Ogum, Oxóssi e Ossaim sempre fazem a gente se curar	136
<i>Bitta Bardo</i>	
Sobre a Revista	140
Nossos Agradecimentos	141
Autories neste número	145
Índice Artístico	148
Sobre o G PI	156
Sobre a Coletyva Pyndorama	159



A mulher no centro do universo. Por Ana Lilyan Santos, 2025

editorial

por **Carlos Alexandre Rodrigues Pereira**

Estamos no terceiro ano de publicação desta revista, o que pra nós é motivo de grande alegria, pois significa a longevidade e permanência de vínculos que ligam tantas pessoas, de diferentes identidades, territórios, experiências e conhecimentos, a tantas outras que, assim como você agora, interagem conosco por meio desses registros. Tratamos tudo que já foi, o que está sendo e o que será publicado com muito respeito e cuidado, pois são, pra nós, marcas impressas no tempo pelo esforço e criatividade coletivas dedicadas a um trabalho voltado a produção de bem viver. É um trabalho que segue o simbolismo da gestação: leva tempo, demanda responsabilidade, requer afeto, zelo, atenção, não só ao que estamos gerando, mas também às pessoas, vidas e sentidos que dão forma e fôlego ao que nasce. É um trabalho que acontece, muitas vezes, no silêncio, mas sempre na profundidade.

Profundidade de águas turbulentas das quais as ideias, artes, mensagens, textos emergem e ganham forma e vida. No simbolismo das águas primordiais, turvas, profundas, inquietas, mas, ao mesmo tempo, silenciosas, eternas: o nada que tudo contém em potencial, um estado de vir a ser permanente. Para alguns povos, o mundo, o sol, as divindades nasceram dessas águas primordiais, o próprio caos. Poderíamos dizer que tudo que nasce e ganha sentido parte desse mesmo início, dessas mesmas águas primordiais.

Isso pode parecer estranho a você, que nos lê, mas é exatamente essa a sensação que temos quando a gente decide começar mais um número. A decisão traz consigo uma série de condições e interditos. A densidade do ar muda. Os músculos se comportam diferentes. O sono muda. O corpo se comporta diferente. As ideias parecem que navegam em mar turbulento que, de tão agitado, as faz afundar. As coisas parecem inacessíveis. Mas, na verdade, elas ficam inacessíveis à pressa. Um corpo ansioso que se lança nesse propósito sofre bastante, pois as coisas não fluem, não ganham forma, não dão liga no ritmo da urgência.

É difícil, quando se tem prazos, vontades, pressões e multidemandas, se dispor a viver o processo de gestar, respeitando o tempo das coisas. Uma pessoa, pra nascer, demora cerca de nove meses. Um bolo tem tempo de preparo. Uma planta, pra dar fruto, precisa de condições de cumprir seu ciclo. No fim, é tudo sobre o tempo.

Um tempo atrás, ouvi de uma amiga algo que me marcou muito. Ela me disse: “estou me esforçando pra me tornar uma mulher lenta”. Entendo o desejo de ser uma pessoa mais lenta como o desejo de se tornar uma pessoa mais atenta a duração, aos processos; uma pessoa que gesta sem pressa, que não vive no ritmo da urgência, mesmo que isso a coloque na contramão do intenso fluxo da vida na cidade capitalista, onde tudo parece “pra ontem”.

Cada número tem seu processo, e esse foi especialmente intenso. Muita coisa aconteceu ao mesmo tempo, sobrepondo demandas que pareciam urgências. Lá vai a gente de novo acelerando o ritmo das coisas. De tão acelerado, o corpo acusou: perdemos o ritmo. Paramos e recomeçamos muitas vezes, pra cuidar do corpo, inclusive. Parecia que não ia rolar, “que estava tudo atrasado”. Mas, assim como diz a canção de Majur: “Há tempo para todas as coisas.... Viva o tempo das coisas”, foi preciso entender o pulsar do tempo das coisas. Quando entendemos o ritmo do ciclo das coisas e como se movimentam essas águas primordiais, a gente começou a acessar aquilo que parecia escondido, impossível. E as coisas foram acontecendo, ganhando forma, até que ficou pronto. Agora, é hora de nascer. Quebrar a casca do ovo e ganhar o mundo. Agora, nascido, os órgãos voltam pro lugar de antes, a respiração volta ao normal. Os ombros relaxam. Não que houvesse neles um peso, não nesse sentido, mas não demanda mais o mesmo esforço de antes.

É importante falar disso, do quanto de nós as nossas criações demandam. É um pouco da gente que sai da gente e ganha outra forma, outro sentido. Realmente, não existe escrita neutra, produção neutra, isenta de sentido e pessoalidade, pois, no simbolismo daquilo que era eu e que sai de mim pra se tornar outro pela gestação, tudo o que a gente cria leva um pouco da gente, é um pouco da gente. E aqui tem muito de nós, que dividimos com você, agora.

Ficamos felizes por isso. Pois realizamos esse trabalho na esperança, no desejo, no vislumbre de que possa contribuir aos seus processos de construção de corpo, identidade, pertencimento. De construção da sua ética e da sua consciência racializada, seja qual for a cor da sua pele. Contribuir com os seus processos, assim como esse exercício contribuiu com os nossos. Pois, mesmo os pulmões voltando a respirar como antes, nosso corpo já não é mais o mesmo, nossa consciência já não é mais a mesma. A gente mudou, a gente renasceu. Morreu e renasceu muitas vezes antes de chegar aqui. E que bom que isso foi possível, pois a realidade da vida é a variação, assim nos diz Martina Deivison. Então, temos esperança que esses registros tenham importância pra você, nos seus processos.

Não é a toa que escolhemos pra capa deste número a colagem do nosso querido Rodrigo: “Esperança”. Esperança na gente, naquilo que o tempo pode trazer de bom pra nossa vida. É uma expectativa e, mesmo se ganhar aspecto de fantasia, ainda terá o mesmo propósito: de que serve a fantasia se não pra criar mundos, vislumbrar possibilidades de mundo, possibilidades de vida? A fantasia nos faz ter confiança na vida, nos faz sentir que vale a pena insistir nessa caminhada. Temos nos deparado com tantos acontecimentos que têm nos entristecido, que têm mesmo balançado nossa confiança, nossa esperança, nossa vontade. Então, é momento de voltar pra dentro. Pra dentro de si. Pra dentro do útero. Pra dentro da grande mãe. Pro colo da mãe. E como tenho desejado o colo da minha...

Como são as coincidências da vida, né... Nos três cursos que estou dando esse semestre, estamos, nessa semana, falando sobre o tempo. Falamos, inclusive, que a aceleração imposta pelo capital dificulta que a gente transforme as vivências do dia a dia em experiências, pois não temos um tempo de espera, de vazio, onde poderíamos elaborar os fatos e acontecimentos atribuindo significado a eles. Essa falta de condições de produzir experiências e compartilhá-las estaria ligada ao sentimento de tristeza, de vida vazia, sentimento de, mesmo fazendo muita coisa, não estar vivendo nada de significativo, como se estivéssemos vivendo “no modo automático”. Seria necessário, portanto, rever nossa relação com o tempo e prezar ao máximo pela manutenção de momentos de vazio, de contemplação e reflexão. Momentos de ócio. Falei de voltar pra dentro e do colo de mãe porque acredito que o útero foi o primeiro experimento físico de processo e de duração: a primeira experimentação de tempo. Acho que esse exercício de voltar me sincroniza com o pulsar da minha origem.

Talvez pela pressa, ansiedade, multitarefas e cansaço que experimentei esses últimos meses, desde que publicamos nosso último número, eu me vi, muitas vezes, entristecido, nesse sentimento de vazio da existência, num estado deprimido de ânimo. A gente começa a questionar tanta coisa, inclusive os esforços e as lutas. Vale a pena mesmo? Gritos de socorro: as visitantes de Fayola estavam a minha porta pedindo passagem. Na verdade, elas já estavam comigo. Nesses momentos, foi bom voltar pra dentro. Lá, (re)encontrei esperança, lá encontrei os presentes dos três reis e também outros, de rainhas.

No meu caso, só foi possível voltar pra dentro quando voltei à cidade que nasci e pisei de novo naquele território. Foi quando fui ver minha mãe. Só foi possível voltar pra dentro quando voltei a minha mãe. O povo Yorubá realmente tem razão ao defender que a presença de Iyá é necessária pra boa vida, boa sorte, boa saúde; pra vida ser plena. Que bom que não precisa necessariamente ser a nossa genitora, isso facilita quando estamos longe, ou não estamos mais. Eu precisei voltar ao útero. E tenho precisado com muito mais frequência. Talvez, porque a aceleração imposta pelo capital esteja sob arroxio e me pressionando mais. Ou, talvez, porque eu esteja com mais pressa, mesmo tendo me inspirado, pela minha amiga, a me tornar, também, uma pessoa mais lenta.

Me tornar uma pessoa mais lenta... grande mudança! Mas não existe mudança sem desconforto. E tem mudanças difíceis, que demandam decisões muitas vezes amargas. Mas, nem todo amargor é coisa ruim. Jurubeba amarga, mas traz saúde.

Esperança, confiança, útero, começo. Neste segundo número de 2025, buscamos destacar a importância do começo que, como bem lembra a professora e pesquisadora Kaká Portilho, “no início, era o útero”. Dessa forma, abrimos este número com obras que evocam o início, a reprodução, o gestar, a maternagem e o trabalho de cuidado com a vida. Falamos, também, da maternidade racializada e territorializada na luta pelo bem viver nos territórios. Compõem, ainda, este número, obras que falam das cosmopercepções e encantamentos que se traduzem em ritos, como o Toré, e festas, como o Festival de Parintins. Falamos de letramento e compartilhamento de conhecimentos entre indígenas, falamos do sentido de comunidade e da sua finalidade, falamos da memória Goytaká, falamos do sagrado tradicional e originário,

evocando divindades, a encantaria, o rito. A arara preta, Araruna, no voo da noite, mostra que ainda vive.

Falamos da música preta brasileira, quando conversamos com Reginaldo Bessa. Cantamos, também, o Toré, na voz de Helson Potiguara. Ouvimos o tambor de Anna Érika. Vislumbramos o futuro: há esperança nas encruzilhadas de um futuro eu. Eu que não é só carne minha, eu que também é mundo: pra navegar os caminhos da alma, navegamos os rios das florestas. Navegamos em águas profundas. Nas paragens, encontramos aconchego, encontramos Tia Ditinha Maria da Silva.

Acho que tudo isso serve pra lembrar a gente que a vida é uma travessia. A gente pode fazer ela sozinha, mas já nos ensinava o povo de Kemet: se tem espaço na tua barca, leve consigo outras pessoas. Reciprocidade e empatia; pra vencer o estresse, precisamos de uma comunidade inteira. Que bom ter encontrado você neste momento da travessia. Sigamos juntas nesses caminhos.



*Nascer do Sol
(Pictograma do alfabeto da língua Ndébélé que significa nascer do sol)
por Carlos Pereira, 2025*

"NENHUMA POSSÍVEL IYÁ
PODE DAR À LUZ SEM
O APOIO DO SEU PRÓPRIO
ORÍ"

-OYÈRÓNKÉ
OYÈWÚMÍ

ÒRÌSÀ
YÀ

ONÀ
RÈ
KONÌ



ÌKÚNLÈ
ABIYAMỌ

artigos



Mães na luta pelo bem viver nos territórios: o exercício político da maternidade como lugar de reivindicação pelo direito à vida

por Ana Paula de Oliveira - Mães de Manguinhos

Em 29 de maio de 2025, Ana Paula Oliveira concedeu uma entrevista à Carlos Pereira; o encontro aconteceu na Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), mais precisamente nos banquinhos da praça que existe em frente a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (Ensp). Ana Paula, que é cria de Manguinhos, deve ter escolhido este lugar não foi à toa: a Fiocruz é uma instituição vinculada ao Ministério da Saúde, que se dedica à pesquisa científica e tecnológica em saúde e ao fortalecimento do Sistema Único de Saúde (SUS), tendo compromisso público com a defesa do bem-estar da sociedade e com a redução de iniquidades, que são desigualdades injustas, desnecessárias e evitáveis. Localizada no coração de Manguinhos, a Fiocruz também tem papel de promotora de políticas públicas de saúde, inclusive a política nacional de saúde integral da população negra.

Durante a entrevista, Ana Paula falou da sua vida e trajetória pessoal, bem como da sua atuação como ativista pelos Direitos Humanos e, em especial, sobre o movimento “Mães de Manguinhos”, que nasceu da organização de mães cujos filhos foram vítimas da violência provocada pelo Estado. Foi uma oportunidade de, a partir da sua história de vida, conhecer um pouco sobre a história não só do território de Manguinhos, mas também do processo de urbanização da cidade do Rio de Janeiro e do exercício do poder do Estado sobre os territórios de favela, especialmente no que se refere a processos de remoção. Além disso, foi uma oportunidade de refletir como se dá o cuidado, a promoção da saúde e a reprodução da vida nos territórios, com especial atenção a como raça, gênero, classe e território se articulam e condicionam os modos e condições de vida, colocando mulheres como principais protagonistas dessas ações de suporte à vida. Essas mesmas mulheres, enquanto corpos políticos, têm suportado opressões e violências as mais diversas na luta pela sobrevivência diária e na luta política diária pela vida.

Mais do que reconhecer a força e bravura dessas mulheres, majoritariamente negras, é importante que façamos reflexão sobre como o cuidado de suporte à vida, e a luta política por direito em territórios de favela e periferia ainda são, maior parte das vezes, processos patriarcais e de matrigestão que colocam mulheres na linha de frente da luta social, como na luta contra a violência praticada pelo Estado.

*A transcrição da entrevista está sendo publicada aqui neste texto e também na revista parceira *Cyências e Tecnologias Orygynáryas*, da UFRJ.*

“Nós nos arreponderemos, no tocante a essa geração, não apenas das palavras e ações odiáveis das pessoas más, como também do silêncio espantoso das pessoas boas”. Martin Luther King, 1963

Eu acho que é uma oportunidade das pessoas conhecerem quem é Ana Paula Oliveira para além de todos os trabalhos que já são conhecidos, né? E eu acho sempre bom lembrar, é uma mulher preta a falar, num espaço que é dedicado pra gente falar da nossa memória, da nossa ancestralidade, coisas que interessam a nossa comunidade. Então, no limite do seu conforto, pense em coisas que você gostaria de falar, na mensagem que você gostaria de deixar. E eu acho legal começar falando um pouco sobre quem é você, se puder falar um pouco da tua história...

Ai... Então, Ana Paula Oliveira. Na verdade, Ana Paula Gomes de Oliveira. Mas de 11 anos atrás para cá, eu adotei Ana Paula Oliveira para ficar algo mais rápido de falar, menor e tal. Eu nasci em Manguinhos, tenho 48 anos e há 48 anos eu moro em Manguinhos. Mas a minha história de vida começa com a chegada dos meus avós, tanto paternos quanto maternos, com seus respectivos filhos. E eles vindo de remoções.

Manguinhos é uma favela. Era um mangue que foi aterrado. Foram feitas construções provisórias. Inclusive, tem um local em Manguinhos que é conhecido como CHP2. Que quer dizer Conjunto Habitacional Provisório 2. Ainda carrega esse resquício da história do nascimento de Manguinhos. E aí, a minha avó paterna com o meu pai, ainda criança, isso na década de 60, chegam a Manguinhos vindos de uma remoção. Porque eles moravam ali na zona portuária, na favela do Caju, uma favela do Caju que foi removida. Eu já ouvi pessoas falando que foi, na época, pra construção da ponte Rio Niterói, alguma coisa assim. Tiraram várias pessoas dali. Não sei se isso se confirma.

E aí, nessa mesma época, também minha mãe com a minha avó materna e a minha bisavó materna e os irmãos da minha mãe. Minha mãe não conheceu o pai dela. Então, eles chegaram aqui em Manguinhos também removidos. Aconteceu um incêndio, que, se você for pesquisar, algumas pessoas estudiosas dizem que foi um incêndio criminoso na favela da Praia do Pinto. É uma favela que ficava situada ali, Leblon, Lagoa, por ali.

E eu cresci sentadinha no chão, entre as pernas da minha mãe. Lembro perfeitamente minha mãe penteando meus cabelos e falando, contando o quanto tinha sido doloroso pra ela aquela passagem da vida dela. Eu lembro que sempre ela falava assim: “vocês hoje podem dar graças a Deus. Porque vocês têm uma casa, têm um lar. Eu morava num barraco com a minha mãe, com a minha avó, com meus irmãos. E teve um incêndio que a gente perdeu tudo. E passamos uns dois, três dias dormindo embaixo de marquise, na rua”. Aí minha mãe falava que lembra da mãe dela abraçando ela, pegando os filhos, juntando tudo. E assim, sempre agarrada com os filhos, com medo de alguém passar e levar. Ficaram ali, e as pessoas dos prédios próximos que levavam alguma comida, alguma coisa pra eles. Até eles serem acolhidos numa igreja próxima. Lá nessa igreja fizeram um cadastro, e eles vieram pra cá, foram trazidos pra Manguinhos.

Então minha história de vida começa em Manguinhos com esses processos de remoções vividos pela minha família. Minha mãe e meu pai chegam aqui crianças. Acho que deveriam ter idade de 10, 11 anos. Acredito que é por essa idade aí. Minha mãe nasceu em 58. E ela chega aqui na década de 60. E aí, dona Maria José, que é minha mãe, e seu José Isídio, eles se conhecem na escola e começam a namorar. E eu sou a filha mais velha desse casal. Eles tiveram



Ana Paula Oliveira durante protesto
foto cedida por Ana Paula

quatro filhos, três meninas e um menino. E aí, quando minha mãe e meu pai se juntam, minha mãe acaba engravidando de mim. Meu pai tinha 16 anos. Minha mãe tinha 18. Minha mãe engravida, e aí a minha avó, mãe do meu pai, dá um pedacinho do barraco dela. Eu lembro até hoje, era um barraco de madeira mesmo, mas tinha dois andares e tinha uma varanda. Ficava bem aqui em frente à estação mesmo, de trem.

E aí minha avó, dona Sylvia Nunes, dá um pedacinho do barraco pra minha mãe e meu pai morarem, trabalharem e me criarem. A gente morou ali, acho, que até o segundo filho. Quando nasce a minha irmã, Patrícia, a gente ainda morava ali, nesse pedacinho que minha avó cedeu pros meus pais. Minha avó, tanto paterna quanto materna, sempre ajudando meus pais. Foi assim.

Depois de muitos anos, eles conseguiram comprar uma casa nessa mesma rua. Depois, também com muitos anos, minha avó conseguiu construir de alvenaria a casa dela. Na casa da minha avó, nesse barraco, eu lembro, tinha uma mesa grande e bancos de madeira de um lado e de outro da mesa. A gente tomava café ali. Eu, agora aqui, falando com você, venho as lembranças. Éramos pobres, mas sempre teve fartura. Muitos pães. Minha avó gostava muito de fazer uma farofinha de ovo de manhã... O cheirinho de café... Sempre tinha café. Essas coisas. Lembro também dos almoços na casa da minha avó, mãe do meu pai. Minha avó comprava galinha, frango e matava no quintal. E fazia. Eu lembro eu ajudando a depenar galinha, frango. Minha avó era uma cozinheira de mão cheia, cozinhava muito. A comida dela era muito gostosa. Mas era sempre panelões de comida e todo mundo que chegava, comia. Mesmo os filhos que moravam em outros lugares, chegavam e comiam. Minha avó fazia uns doces, angu doce, com coco. Nossa! Era muito bom. Eu lembro que tinha essa fartura sempre.

E... Muita saudade da minha avó. E hoje em dia eu vejo nas redes sociais essas coisas de memes. Me traz mesmo uma coisa que eu vivi na minha infância que era sempre mais o meu avô, pai do meu pai. Ele, quando ia dar dinheiro pra mim e pra minhas irmãs, era sempre assim, escondidinho. Era aquele dinheirinho amassado: “Não fala pra ninguém que eu te dei”. Ele fazia a mesma coisa com as minhas irmãs. Hoje eu vejo isso e falo: “gente, então era dessa geração”. Hoje é pix, mas era bem mais legal e bem mais gostoso, eu acho, vivenciar esses momentos.

Eu tive uma boa educação dos meus pais. Nunca faltou cuidado, carinho. Nem pra mim, nem pros meus irmãos. Mas sempre fomos criados com muita dificuldade. E eu lembro que quando eu terminei a quarta série primária pra ir pro ginásio, eu queria muito ter uma bicicleta. E eu lembro que meu pai, quando eu fui pro ginásio, ele falava assim: “filha, quando você passar de ano o pai vai te dar uma bicicleta”. E aí eu passava de ano e ele não conseguia. Mas eu nunca me revoltei. É claro que eu ficava triste. Eu ficava naquela ansiedade, esperando. Mas eu entendia, porque eles tinham quatro filhos. Só o meu pai que trabalhava. Porque tinha o machismo ali. Meu pai não deixava a minha mãe trabalhar fora. E é um pouco disso, assim, a minha história.

Minha mãe sempre foi uma filhona, uma irmãzona. Ela sempre cuidou da mãe, da avó, que era

a minha bisavó, dos irmãos. Minha mãe sempre foi essa mulher, sempre nesse lugar de cuidadora de todo mundo. Eu lembro muito bem quando a minha avó, mãe dela, adoeceu, quanto que ela se dedicava. Lembro do sofrimento dela, quando minha avó faleceu e depois a minha bisavó também. E ela não tinha pai. Eu também lembro sempre da minha mãe falando da vontade dela de conhecer o pai, porque ela nunca conheceu o pai dela. Ela tinha uma vontade de saber se ela tinha outros irmãos. Minha mãe, ela perdeu todos os irmãos através mortes violentas, sabe? Ela também teve um sobrinho que foi assassinado pela polícia. E depois de tantos anos, ela acaba tendo um neto também assassinado pela polícia. Então, assim, são muitas violências nesse contexto de vida da minha mãe e também da minha família, em geral.

Mas a gente, eu e meus irmãos, a gente cresceu numa rua onde tínhamos vizinhos que vieram com a minha avó, lá da favela do Caju. Então, já conheciam minha avó, meu avô, todo mundo. Então, naquela rua ali tinha um vínculo afetivo muito grande, sabe? Um vínculo que nossa! E passou, foi passando... Crescemos.

Eu sou mãe de dois filhos, do Johnatha e da Maria Paula. Quando eu engravidei do Johnatha, que é o meu primogênito, eu tinha 17 anos. Foi num momento bem difícil que eu me encontro grávida, porque foi pouco tempo depois do meu pai se separar da minha mãe e deixá-la sozinha numa situação difícil com os quatro filhos menores de idade. Ela trabalhava antes deles juntarem os trapinhos, mas depois que foram morar junto, ele ficou nessa de não deixar a minha mãe trabalhar. E quando ele decide se separar e arruma uma outra mulher, minha mãe se vê naquela situação, com quatro filhos menores de idade, só estudantes, e sem trabalhar. E aí, mais uma vez, é a minha avó, mãe do meu pai, quem ajuda. Nessa época, minha mãe já não tinha mãe, já não tinha avó, não tinha ninguém, só tinha os filhos. E ela falava: “eu só tenho vocês”. E era muito triste ouvir minha mãe falando “eu só tenho vocês”.

E pra mim foi muito difícil, porque eu era a mais velha. Eu tinha uns 16 anos quando isso aconteceu, meus irmãos eram mais novos. E aí, quando eu engravido, e eu descubro essa gravidez, eu tava no último ano do ensino médio, no Clóvis Monteiro. E aí, eu escondi o quanto eu pude a gravidez da minha mãe, porque, se eu falasse, todo mundo ia ficar sabendo. E eu também tinha um medo, um receio, que eu falei: “caramba, agora todo mundo vai apontar o dedo, vai falar que é culpa da minha mãe, que foi por causa da minha mãe. Meu pai foi embora, separou”. E não era essa a realidade, não era isso. Minha mãe não tinha culpa de nada. E aí, quando eu conto pra ela, eu já estava com três meses. Foi quando eu me encorajei, e o pai do Johnatha também. Eu falei: “a gente tem que falar, não dá mais”. Porque eu tava usando roupas largas, até pra ir pra escola mesmo. Na escola tinha que ir de calça, e eu ia de calça jeans, mas sempre desabotoada. E aí, quando eu consigo coragem pra contar que eu tava grávida, ela falou assim: “eu já sabia. Eu tava esperando, eu queria ouvir da sua boca. Eu tava esperando você me falar”. Aí eu falei: “mãe, e agora?”

Ela falou assim: “e agora? eu não vou te botar pra fora de casa, nada. Você vai falar pro teu pai”. Eu falei assim: “eu não tenho problema nenhum em falar pro meu pai. O meu problema era magoar a senhora”.

E aí, engravidado do Johnatha, a barriga foi crescendo, crescendo, e isso foi trazendo uma alegria pra minha mãe. Era o primeiro neto, e ela já amava aquele neto desde ali da barriga, aquela coisa. E quando o Johnatha nasce, e é por isso que eu falo que ele é um ser de luz pras nossas vidas, o Johnatha chega com essa força de juntar novamente os avós. Juntar, mas de uma forma amigável, sendo os avós do Johnatha. Eu estava na maternidade, era uma maternidade particular, porque tinha um plano de saúde aqui da Fiocruz e tal. Então ele nasceu na Casa de Saúde de Bonsucesso, que hoje nem existe mais. Quando eu saio da sala de parto pra ir pra enfermagem, quem é que tava lá, já me aguardando? Meu pai. Meu pai... E aí ele pega o Johnatha no colo, chora, me pede desculpas, me pede perdão e tal. Eu ali muito... ainda, mas depois foi passando e a partir daquele momento ali, a gente reatou de novo os laços; ele também com a minha mãe, mas numa parceria mesmo de amizade e tal. E o Johnatha chega pra fazer isso aí.

Johnatha cresce ali naquela rua, sendo muito amado, sendo muito querido. Quando eu engravidei, minha mãe deu uma laje pra que eu e o pai do Johnatha construíssemos um cantinho. Maria Paula nasce 10 anos depois do Johnatha.

E aí em 2010, 2011, começa um novo processo de remoção por conta das obras do PAC, da elevação da Via Férrea, aqui em Manguinhos. E foi um processo muito adoecedor, porque meus avós moravam naquela rua, eu morava, meus irmãos que também já tinham crescido. Conforme a gente foi crescendo, minha mãe foi dando um pedacinho e cada um foi construindo o seu cantinho. Então meu irmão já morava ali, já tinha casado, também estava com um filho, o filho dele é da idade da Maria Paula também. Hoje está com 20 anos, fez agora em maio, e Maria Paula vai fazer 20 anos em junho. Então assim, todo mundo morava ali e a vida toda foi assim, morando na mesma rua.

E aí chega isso, esse projeto, que é o Programa de Aceleração do Crescimento que, ao meu modo de ver, o rio continua transbordando, continua enchendo o Rio Faria Timbó, as enchentes continuam castigando Manguinhos, os moradores de Manguinhos. Então fez a elevação da Estação Férrea, mas quando chove cai água ali, sabe?

Começou esse processo, cadastramento... começa o povo da EMOP ir batendo a porta pra medir casa, não sei o quê. Então foram alguns anos a gente passando por esse processo adoecedor, sabendo que ia ter que se separar. Ia ser a nossa primeira separação. A gente tinha medo de atender o telefone, a gente tinha medo de abrir a porta, porque eles começaram a fazer muita pressão. A gente começou a ver nossos primeiros vizinhos adoecendo por conta disso. Passou um tempo, um ano, dois, já vimos nossos primeiros vizinhos indo embora. Vizinhos de uma vida toda indo embora e não estavam conseguindo comprar casa aqui, se realocar em Manguinhos mesmo, não estavam. Os preços estavam muito elevados.

Como é que eles fizeram? Eles pagaram com dinheiro pras famílias pra elas mesmas procurarem?
Você procurava a casa e aí você ia lá na EMOP com a pessoa que estava vendendo a casa. Ah, e tinha que ser dentro do valor que eles definiam, porque eles mediam a casa e o valor era pelo tamanho. Às vezes, a casa poderia ser linda, maravilhosa, mas se fosse pequena... começaram



*Johnatha e Maria Paula crianças
foto do acervo pessoal de Ana Paula*

assim, sabe? E isso foi acontecendo, a rua começou a ficar como esses lugares onde tem guerra mesmo. Eles não tiravam os entulhos, não. E eles não jogavam abaixo, não. Eles só arrancavam janelas, quebravam, ficavam aqueles esqueletos das casas. A gente chegou a passar um ou dois anos, um ou dois natais naquela rua ali já escura porque começaram a cortar a iluminação. Então só tinha iluminação das casas que ainda resistiam ali.

Isso começa desde 2011, 12, 13... É... Começou o processo, mas as remoções mesmo começaram, eu acho, que foi em 2012 ou 13. Em 2012, em outubro de 2012 chega a unidade de polícia pacificadora em Manguinhos. Estava tudo junto, né? Programa de aceleração do crescimento com a UPP, eram projetos conectados. E quando chega a unidade de polícia pacificadora é que começam mesmo as remoções. Eu acho que era pra garantir que eles tivessem total liberdade pra tirar as pessoas sem uma reação.

Então, em outubro de 2012 chega a UPP. Teve aquela encenação toda com policiais montados em cavalo, hasteamento de bandeira, também, na pracinha ali. Policiais femininas. Eles tinham uma nova roupagem, mas nada mudou. O modo de agir, a atuação, mudou em nada. Quando chega em março de 2013, já acontece, já tem a primeira vítima da unidade de polícia pacificadora, que é o Mateus de Oliveira Cazé. Ele tinha 16 anos. Era um jovem negro, criado pela avó. Ele foi morto com arma de taser. Os policiais alegaram que estavam passando em ronda, tinha um grupo de jovens que estavam rindo e debochando da cara deles. Eles ameaçaram, os jovens correram, eles correram atrás. Dispararam com arma de taser. Mateus teve uma parada cardíaca. Que a gente tem registro, foi a primeira vítima letal após a chegada da UPP.

Nesse mesmo ano, em 2013, um outro jovem foi assassinado, espancado, por uma outra guarnição de policiais da UPP de Manguinhos. É o jovem Paulo Roberto. Tinha 18 anos e tinha apenas 15 dias que ele tinha saído do sistema prisional. Ele foi reconhecido por policiais da UPP que atuavam no centro. E todas as vezes que eles encontravam com Paulo Roberto, era uma sessão de espancamento. Até o dia que eles bateram tanto que levou o Paulo Roberto à morte. Isso foi em outubro de 2013. Quando chega 2014, e eu até trouxe aqui a camisa pra mostrar, a gente tem uma bandeira. Não sei se você já viu. Já viu a bandeira? E a camisa é a mesma foto da bandeira. Quando chega em 2014, exatamente em maio de 2014, o meu filho, o Johnatha, se torna a terceira vítima da letalidade policial, da violência de Estado, do braço armado do Estado. Então, esse é o Mateus, morto em março de 2013. Esse é o Paulo Roberto, que foi espancado. E esse é o Johnatha, meu filho, em 14 de maio de 2014 (diz apontando para as fotos na camisa).

Então na minha casa era eu, o pai dos meus filhos, meus dois filhos, Johnatha e Maria Paula, minha avó e minha tia-avó. Morávamos nós seis. E aí, só tinha sete meses que a gente estava morando nessa casa, que a gente conseguiu comprar, reformar, construir outros andares que não tinham. Minha mãe e a minha irmã Patrícia e a minha outra irmã Alessandra continuavam ainda porque ainda não tinham conseguido outra casa. Os preços super aumentaram. Foi horrível. Muita gente procurando. E aí, muita gente não estava conseguindo se realocar no próprio Manguinhos. Muita gente foi pra longe, foi pra Baixada, foi pra outros lugares.

E a gente queria muito continuar aqui. Então, tinha só sete meses que eu estava morando nessa casa nova com a minha avó. Quando numa tarde de quarta-feira, 14 de maio de 2014, o Johnatha sai da nossa casa com a namorada dele e uma travessa de pavê.

Quando ele sai do quarto dele com a namorada, eles tinham almoçado no quarto, eu tinha terminado de fazer o pavê, porque na terça-feira eu tinha vindo na casa da minha mãe e minha mãe falou assim: “você nem fez o pavê no dia das mães, tem umas caixas de morango aí, leva e faz, estou com vontade de comer”. Eu falei: “tá bom mãe, vou levar”. Levei na terça-feira. Eu lembro também que ela falou assim: “olha Ana Paula, eu estou já encaixotando tudo, botando tudo nas caixas e nisso que eu estou guardando algumas coisas, eu achei a roupinha do batizado do Johnatha”. Minha mãe me fala isso na terça-feira. “Lembra que eu falei pra senhora dar pra alguém?” “Mas eu fiquei com tanta peninha, não queria dar roupinha de batizado do meu neto, não... eu quis guardar. Aí hoje eu lembrei e deixei ali pra mostrar pra você, pra saber de você, se você vai querer ou não. Se você não quiser, eu vou guardar pra mim”, minha mãe falando. Aí eu falei assim: “ah mãe, vou levar, porque eu estou lá com o vestidinho da Maria Paula do batizado... vou levar a roupinha do Johnatha também, vou deixar as duas juntinhas”.

E assim eu fiz, fui embora com a roupinha dele do batizado, com as caixas de morango na terça-feira. Geralmente a gente vinha todos os dias, ainda estava aquele vínculo assim... então a gente vinha todos os dias na casa da minha mãe e das minhas irmãs. Só que eu ia vim só à noite. E aí, ele falou que ia vir trazer a namorada, que a namorada queria ir pra casa. Eu falei: “aproveita, então, passa na casa da sua avó e deixa o pavê dela lá. Fala pra ela que mais tarde eu vou lá”. E ele, quando ele desce do quarto e eu estou ali na cozinha, ele chega, eu estou lavando a louça do pavê, e aí ele vem me abraçando assim, por trás, me dando beijo... Aí, quando eu olhei, tinha um prato, os pratinhos sujos do almoço. Aí ele falou assim: “dá uma moral aí, mãe! Já está com a mão na massa!”

“Eu sabia que esses beijinhos não eram à toa!”. Foi a nossa última conversa. Foi os últimos beijos que eu recebi do meu filho, e ele com aquela carinha de sem vergonha, aquele sorrisinho que sempre conseguia tudo. Até mesmo quando eu dava bronca no Johnatha, falando sério com ele, ele fazia uma gracinha e eu acabava rindo. Eu ficava com raiva porque eu acabava rindo, e aí eu falava assim: “eu estou rindo mas não estou achando nada engraçado. Eu estou rindo, mas estou falando sério”. Eu ficava assim.

Eu tirei foto do pavê, mandei para a Patrícia, mandei para a Alessandra, minhas irmãs, e falei: “olha só, o pavê está indo assim bonitinho, se ele chegar aí todo... foi por conta do Johnatha que não levou direito”. Eu falei: “leva sim, bonitinho”. E aí ele foi, saiu. Eu olhei da janela: ele desce, porque a gente morava no segundo andar, e aí quando ele desce com a namorada e a travessa do pavê, a minha ex-sogra, a mãe do pai dele, morava na mesma rua, do lado. Ele desce, eu vou olhar na janela: a avó dele estava sentada na porta de casa, ele entrega a travessa de pavê na mão da namorada e vai lá pedir a benção à avó. Aí ele beijou a avó e ela falou: “vai para onde Johnatha?” “Vou levar a Ingrid em casa e vou passar na minha avó Maria”. E ele vai, e eu fico ali olhando, vendo essa cena e depois que ele sai, a avó fica olhando ele ir.

E na minha casa tem uma janela na sala que dá para o beco de trás, e eu sabia que ele ia passar por ali, que era o caminho. Aí eu fico na janela olhando ele ir. Foi as últimas vezes que eu vi meu filho vivo.

Nisso, antes dele sair da nossa casa, tinha chegado uma comadre minha com meu afiliado pequeno. Maria Paula, minha filha, naquela época, ia completar nove anos. E quando minha comadre chega, ela ainda consegue ver o Johnatha, toda essa cena do Johnatha comigo e ela falou assim: “comadre, eu vim visitar minha tia, mas o Gabriel quer ficar aqui com a Paulinha. Falou que ia ver DVD com a Paulinha, desenho no DVD”. Naquela época era DVD. Aí ela falou assim: “pode?” Falei: “pode, pode sim”. E ela foi embora. E eu fui ver, falei: “gente, não tem um refrigerante!” Não tinha pipoca... Falei: “vou fazer pipoca para as crianças”. E perto de casa tinha um mercadinho e eu fui lá. Falei com a minha ex-sogra: “a Maria Paula e o Gabriel estão aqui, passa o olho neles, eu só vou aqui no mercadinho e já estou vindo”. Ela: “tá bom”.

O Johnatha já tinha saído também. E eu vou ao mercado. Chego lá e sabe como que é, né, quando a gente vai no mercado! Não sei se você é assim, mas vai para comprar uma coisa, acaba vendo outra, tem que levar isso aqui também, tem que levar isso aqui também... E ali fui me distraíndo no mercado. Ouvei uns tiros... e as pessoas começaram: “hii, a chapa está quente!” As pessoas falando dentro do mercado: “e a chapa está quente! Olha os tiros”.

Daqui a pouquinho, várias viaturas de polícia passando na Avenida dos Democráticos com as sirenes ligadas e tal. Já deu um negócio assim... Mas peguei a cestinha e fui para o caixa. Nisso que eu estou no caixa, o meu telefone toca. Era a Patrícia, minha irmã. E aí eu já atendi, assim, não sei, com um aperto no coração. Eu falei assim: “oi”. Ela: “você está onde?” Eu falei: “eu estou aqui no Rei, no Mercadinho. Por quê? aconteceu alguma coisa?” Aí ela: “o Johnatha sofreu um acidente, eu estou indo para lá. O Cássio (que é nosso primo, ela falou) o Cássio veio aqui me avisar que o Johnatha sofreu um acidente. Levaram ele para a UPA. Vai pra lá, que eu estou indo pra lá agora”.

Quando ela falou isso, eu larguei a cestinha e saí correndo de dentro do mercado. Mas assim, sem saber que o meu filho já tinha morrido. Ela fala que ele sofreu um acidente; como ele costumava andar na moto dela, na moto do meu irmão, eu achei que ele tinha caído de moto. E aí, quando eu saí do mercado, eu já encontro com a minha ex-sogra, com a avó do Johnatha. Estava indo ao meu encontro. E eu já encontro ela chorando, desesperada. Eu falei: “o que aconteceu com o Johnatha? A Patrícia ligou, falou que ele sofreu um acidente”. E é nesse momento que ela fala: “a polícia atirou no Johnatha. Foram lá na rua gritando, o pessoal chegou lá na rua gritando que a polícia tinha atirado no Johnatha”. Eu falei: “mas o tiro pegou aonde? Foi grave? Foi de raspão? Foi o quê?” E ela falou: “não sei, não sei... Vai pra UPA, vai para a UPA!” Parecia que tinha abrido um buraco e eu não parava de cair, sabe?

E aí começou a chegar os vizinhos falando: “vamos para a UPA, a gente vai com você. Vamos para a UPA”. E nisso eu tinha deixado minha filha em casa e ela recebe essa notícia logo depois que eu vou para a UPA; já chega a notícia de que o Johnatha tinha morrido. Então, assim, minha filha recebe essa notícia assim também, que o irmão que tinha acabado de sair de casa,



INATHA

*Ana Paula e Johnatha
foto do acervo pessoal de Ana Paula*

brincado com ela – porque antes dele descer com o pavê, ele se escondeu no banheiro, e aí eu tinha ido buscar alguma coisa, e quando eu cheguei na sala estava a Maria Paula, Gabriel e eu falei assim: “ué, Maria Paula, cadê o Johnatha?” Não, a Ingrid também se escondeu com ele. Eu falei: “Maria Paula, cadê o Johnatha?” Aí eu falei: “o Johnatha foi embora sem levar o pavê!”. Aí a Maria Paula quietinha, porque ele pediu para ela ficar quieta. Aí eu falei assim: “eu não acredito!” Eu já comecei a ficar brava! Aí ele sai: “tô aqui, tava te zoando!” Eu falei: “ah, sem graça!” não sei o que... – então assim, ela vê toda essa cena do irmão, ela tinha 8 anos e chega a notícia de que o irmão morreu.

Quando eu chego na UPA, eu já vejo duas blazers, duas viaturas da polícia. A UPA nunca foi tão longe pra mim. Eu chego lá, entro correndo... já encontro minhas irmãs, vizinhos, todo mundo em prantos. Eu só: “cadê o Johnatha? cadê meu filho? Quero ver meu filho”. Porque até então, até eu encontrar com a avó dele, eu tava achando que tinha sido um acidente de moto. Quando eu encontro com a avó dele e ela fala que ele levou um tiro, que a polícia atirou nele, eu fico imaginando: “será que ele tava de moto e a polícia atirou, ele não ouviu falar pra parar e a polícia atirou, foi isso?”

Mas até eu chegar naquela UPA, pra mim, meu filho tava vivo. Pra mim não tinha sido nada grave. E quando eu chego, eu já vejo meu cunhado saindo lá de dentro e já vem com a notícia. E eu falo: “cadê meu filho? Eu quero ver meu filho”. E aí ele me puxa, puxa minhas irmãs e fala: “a gente vai ter que ser forte. O Johnatha levou um tiro de pistola, ponto 40, nas costas. Ele teve hemorragia interna e ele não resistiu”. E aí... aquela ficha não cai ali na hora... não dá pra acreditar... meu filho saiu de casa cheio de vida, brincalhão, alegre... não dá pra acreditar que isso aconteceu... pra mim, eu tava num pesadelo e... a qualquer momento eu ia sair daquele pesadelo...

Mas esse pesadelo já dura 11 anos. Acabou de completar 11 anos... e... eu lembro que os policiais envolvidos no assassinato do Johnatha, eles tiveram total acesso ao interno da UPA, eles tiveram acesso ao corpo do meu filho... É porque, eu acredito, que naquele momento eles não deveriam estar com o kit flagrante pra forjar. Quando eu começo a gritar “QUERO VER MEU FILHO! QUERO VER MEU FILHO! MEU FILHO NÃO MORREU! MEU FILHO NÃO MORREU! É MENTIRA!”, aí eles fizeram uma barreira pra ninguém entrar pra sala onde o Johnatha tava. Era a sala vermelha. Aí eles falaram que não podia passar. Aí, nisso já chega a sogra do Johnatha com a namorada dele, desesperadas... Foi um desespero. Nossos vizinhos começaram a chegar naquela UPA, todos os vizinhos que me viram na barriga da minha mãe, viram o Johnatha na minha barriga. Foi uma comoção total mesmo. Ninguém acreditando que aquilo tava acontecendo. Ninguém, ninguém, ninguém...

E aí a Patrícia fala: “se você quiser ver seu filho, você vai ver”. Eu lembro que eu falava: “mas ele tá vivo?” E a Patrícia começava a chorar, a Alessandra também. Aí eu falei: “ele tá vivo, né?” E aí minha ex-cunhada entra lá, consegue ver, e ela vem. Aí eu falo: “como que meu filho tá? ele tá vivo?” Aí ela: “não, Ana Paula, não”, Aí eu falei: “ele tá machucado? como que tá o rostinho dele? como que tá o rostinho do meu filho? meu filho tá machucado? ele sofreu? o que fizeram com meu filho?” E aí ela fala: “não, aqui nele ele tá um pouquinho ralado, o joelho

dele tá ralado, deve ter sido na hora que ele foi atingido que ele caiu, deve ter ralado o joelho”. Mas eu não tive coragem de entrar. Eu queria o meu filho do jeito que ele saiu da minha casa... vivo, sorrindo, alegre... eu não tenho essa imagem do meu filho. Mas, infelizmente, no dia seguinte, eu tive que ver o meu filho; se despedir dele, dar o último beijo nele, fazer o último carinho no rosto dele, ele dentro de um caixão...

Uma coisa que eu nunca imaginei na minha vida: ver meu filho dentro de um caixão, de uma forma que nunca foi ele... imóvel, gelado.... mas ele tava com um semblante, assim, muito em paz, mas nada disso nunca serviu pra amenizar essa dor. E quando eu tava sentada, ainda em casa aguardando, isso no dia 15, porque foi o dia seguinte, aguardando minha família pra me levar pra esse último momento com o Johnatha... a televisão tava ligada. Não sei quem ligou, não sei se foram as crianças. Algumas pessoas estavam lá com crianças, vizinhos... mas passa uma reportagem, essas policiais, no horário de meio dia, e aí a foto do Johnatha. A foto dele com a roupa do quartel, que na época ele tava servindo o exército. E aí eu lembro que botaram a foto dele e falaram: “mais um jovem morto em Manguinhos. A polícia alega que ele morreu numa troca de tiros. A família diz que o jovem não tinha envolvimento com o tráfico local”. E foi isso. Foi essa reportagem. E quando eu olho aquilo, eu não sei... eu só falei assim: “eu preciso ter força. Eu não posso morrer, apesar do sentimento ser de morte”. Eu achava que não iria sobreviver, e eu falava assim: “gente, eu preciso ter força, eu preciso ser a voz do Johnatha”. Não bastou matar o corpo, eles estavam numa movimentação pra criminalizar aquele corpo e aquela vítima. E eu falei: “isso eu não vou deixar”.

Pra ele nunca faltou amor, nunca faltou cuidado. Ele era cuidado por toda a família, por todos os vizinhos. Todos os vizinhos amavam o Johnatha, gostavam do Johnatha, do jeito alegre que ele era, educado, nunca respondeu ninguém... E aí eu falo: “eu vou ser a voz do meu filho, eu não vou deixar que o Johnatha se torne apenas um número pra estatística da violência policial”. Ele tem mãe, ele tem pai, ele tem uma família que o ama. Ele só não está aqui fisicamente, mas esse amor que a gente carrega por ele é cada dia mais forte. Ele vive em nós. Meu cunhado, ele foi perguntado por um funcionário da UPA se o Johnatha tinha algum envolvimento com tráfico e ele falou: “não, o garoto está no quartel, estuda”. E aí ela falou assim: “então, se eu fosse o senhor, eu iria na delegacia mais próxima, fazer um boletim de ocorrência”. E assim foi feito. Acho que se isso dependesse de mim, eu não estava nem acreditando que o meu filho tinha morrido, quanto mais ter cabeça pra ir pra uma delegacia fazer um registro e estar ali diante de uma instituição que foi quem matou o meu filho. Mas o meu cunhado foi até a delegacia.

Chegou lá pra fazer o registro, os policiais envolvidos na ocorrência estavam ali tentando fazer um registro também, de auto de resistência. E aí, quando o meu cunhado chega, porque isso não é comum, a polícia mata em Manguinhos ou em qualquer favela e as pessoas dificilmente vão fazer uma reclamação, vão registrar, fazer um boletim, e meu cunhado chega lá pra isso, explica toda a situação e, aí, alguém fala: “ah, as pessoas, os policiais envolvidos na ocorrência, são esses, eles estão falando que foi troca de tiros”. Meu cunhado falou: “não”. “O que eu posso fazer é acionar a Delegacia de Homicídios, que é lá na Barra, enviar uma equipe pra UPA, pra que possa ver se ficou algum projétil”.

E graças a Deus tinha ficado, e graças a Deus era a arma mesmo da corporação, porque a gente sabe que eles usam armas frias, né? E apreenderam as armas dos policiais envolvidos na ação. E ele falou: “a gente vai precisar de testemunhas. Se o senhor tiver testemunhas, traga as testemunhas pra serem ouvidas”. E aí vai, Patrícia e meu cunhado vão até o local, a rua onde o Johnatha foi alvejado. Foi um tiro nas costas, mas segundo as testemunhas, esse mesmo policial já havia feito disparos antes, pro alto, alegando que era pra dispersar uma confusão, sendo que, segundo as testemunhas, essa guarnição já era muito conhecida na favela, desde a chegada da UPP, por ser uma guarnição que fazia abordagem violenta aos moradores, por ser uma guarnição que hostilizava os moradores. Então, eles já eram conhecidos, já se sabia o nome deles e, então, quando a minha irmã chega na rua onde o Johnatha é assassinado, ela encontra várias mulheres pretas corajosas – porque pra testemunhar contra a polícia, precisa ter coragem, mas elas foram.

Acho que, também, uma coisa é que o Johnatha não foi o primeiro nem o segundo, foi o terceiro. Então, acho que isso também mobilizou essas mulheres a terem essa coragem. Foram pra delegacia. Uma dessas mulheres é a mãe do Paulo Roberto, desse daqui (apontado pra foto na camisa). É a Fátima. Paulo Roberto tinha só sete meses que tinha sido assassinado quando o Johnatha é assassinado.

Fátima é uma das testemunhas, e ela é a principal testemunha. E ela vai também e, aí, quando os moradores chegam e já veem os policiais lá, já vão falando: “ah, foi eles, foi eles!” E no primeiro momento eles foram ouvidos na vigésima primeira DP. No dia seguinte ou depois, eles foram ouvidos na DH. Na primeira escuta do policial, ele fala que não tinha feito nenhum disparo. Um mês depois, quando o resultado da balística, do confronto balístico sai, provando que foi da arma dele, ele é chamado novamente na DH e, aí, ele fala que não falou porque ele estava sem a presença do advogado.

E aí, dez meses depois, quando acontece a primeira audiência – porque aí tem uma investigação, tem um autor, e o Ministério Público fez a denúncia... porque é todo um passo a passo e, quando o Ministério Público faz a denúncia, aí que o processo vai para o Tribunal de Justiça –, então aconteceu a primeira audiência dez meses depois do assassinato do Johnatha e essa audiência aconteceu numa segunda-feira, acho que foi em fevereiro, se não me engano ela acontece numa segunda-feira. Quando era uma sexta-feira antes, entra em contato comigo um repórter do jornal O Dia: “ah, consegui seu contato”... O nome dele era Diego, eu esqueci agora o sobrenome, mas lá no jornal, que eu tenho guardado até hoje, está lá o nome dele. Ele: “Ana Paula, eu queria muito conversar com você. Eu soube que vai acontecer a primeira audiência do caso do seu filho. Isso não é algo comum de acontecer, dificilmente um caso de letalidade policial chega até o Tribunal. Geralmente, esses casos não tem uma investigação. Queria saber o que você espera disso”.

Eu falei: “eu espero o mínimo. O que eu queria era o meu filho, isso ninguém vai poder me devolver. Então o que eu espero é que o policial que tirou a vida dele seja responsabilizado, para que não aconteça, para que ele não repita isso, não faça isso com o filho de mais ninguém”. E aí ele falou assim: “você sabe o nome do policial?” Falei: “sei, porque está no

processo. Tem o nome dele no processo, sei”. E aí eu falo: “Alessandro Marcelino de Souza”. “Ana Paula, eu vou também procurá-lo, tentar procurá-lo, vou entrar em contato com a polícia militar para ver se ele quer falar a versão dele, tal... e é isso, te desejo boa sorte”. Falei: “tá”.

Quando foi na segunda-feira, estou me arrumando de manhã cedo para ir para o Tribunal, ia ser a minha primeira vez dentro de um Tribunal, nunca tinha entrado em um Tribunal na minha vida, um amigo me manda o link da reportagem do jornal O Dia e ele falou assim: “aí o resultado da nossa luta, da sua denúncia”. Quando eu abro o link, meia página assim do jornal. E aí, depois, uma mãe da escola da minha filha, no outro dia, ela falou: “eu vi sua reportagem, você com uma foto, segurando a foto do seu filho; saiu no jornal”. Aí eu falei: “eu não vi, porque eu só tinha visto online”. Ela falou: tem um jornal lá em casa, eu posso te dar”. E aí, no outro dia, ela levou o jornal para me dar: meia página do jornal O Dia. E só ali que eu fico sabendo, através daquela reportagem – porque esse repórter fez uma reportagem investigativa e, através do nome do policial, ele consegue, ele faz a reportagem. E ele fala: “hoje não será a primeira vez que o policial acusado de matar jovem em Manguinhos vai sentar no banco dos réus. Esse mesmo policial é acusado de triplo homicídio e duas tentativas de homicídio na Baixada Fluminense. Esse mesmo policial, em 2013, chegou a ser preso. Ficou um mês preso e é acusado, junto com outro policial de folga, em Queimados, de levar cinco jovens para um terreno baldio e assassinar três jovens. Dois conseguiram escapar”.

Mesmo indo à delegacia, relatando, reconhecendo, nada aconteceu com esse assassino. Quando ele sai da cadeia e tudo, o que é que eles fazem? Só tiraram o problema ali de Queimados e jogaram pra Manguinhos, mas aí ele estava com muita certeza da impunidade, de que ele podia chegar em qualquer lugar e tirar a vida de jovens pretos que nada ia acontecer. Então, ele mata meu filho com um tiro nas costas. Fátima, uma das testemunhas, diz que estava dentro de casa quando houve os primeiros disparos. Olha da janela, vê uma confusão, vê os policiais e lembra que os filhos dela, pequenos, estavam na quadrinha jogando bola, quadrinha em frente. E ela desce correndo, junto com outro filho, ela desce correndo pra tentar chegar até a quadra pra pegar os filhos. Nisso que, ela falou, que já sai na porta, vê o Johnatha e algumas pessoas e, ali tinha uma confusão entre os policiais e os moradores. Alguns moradores atirando garrafas. Mas isso foi perguntado lá no Tribunal de Justiça, por um das promotoras, se algum policial foi atingido por alguma garrafa, alguma pedra, atirada pelos moradores. Ninguém foi atingido. E aí, ele alega que fez disparos pra dispersar a confusão.

Fato é, que a principal testemunha diz que viu que, quando ela desce, já vê ele se posicionando, se agachando e apontando pra lá, pra direção dela, onde também estava o Johnatha e o filho dela. E ela falou assim: “gente, aquele policial lá ele vai atirar”. E aí as pessoas falam: “não, vai não”. “Vai atirar!” E aí ele realmente atira. Ela falou que só dá tempo dela puxar o filho, ela falou que tem certeza que se não puxa o filho dela, ela ia perder o segundo filho ali, só com sete meses que ela tinha perdido o outro. Ela falou que só dá tempo dela puxar o filho dela pro canto e falar pro Johnatha: “não segue não, volta porque ele vai atirar”. É quando o Johnatha vira pra voltar e a bala pega bem aqui na região do cóccix dele.



*Ana Paula e Johnatha
foto do acervo pessoal de Ana Paula*

Provavelmente, se meu filho sobrevivesse, ele iria ficar vegetando numa cama... na região que pegou, provavelmente, na coluna e tal. Quando eu saio de casa com a certeza de que o policial que matou meu filho é realmente um assassino, isso só me dá mais força. Mas foi muito difícil chegar lá naquele primeiro dia da audiência e ver que quem tava sendo julgado não era o assassino, que já tinha sido preso, que já respondia por outros processos de homicídio. Quem estava sendo julgado ali, por aquele tribunal, era meu filho. Eles começam com as testemunhas de acusação, que eram moradores, que foram criminalizadas: é perguntado pras testemunhas: “ah, no local onde vocês moram tem venda de drogas?” Onde que não tem, nesse país? É perguntado pras testemunhas se trabalhavam... essas coisas que estavam sendo perguntadas pras testemunhas, numa forma também de tentar intimidá-las, né? E ali também foi perguntado se o Johnatha trabalhava, se o Johnatha estudava... De que isso interessa dentro de uma situação de uma pessoa que foi vítima de um assassinato?

Em nenhum momento foi colocado ali, naquele lugar, foi falado que o policial já tinha sido preso, que ele já respondia por outros homicídios, sabe? Então, assim, eu saí daquele lugar adoecida. Eu fui pra lá com uma ignorância, porque eu não sabia... eu achei até que já ali naquela primeira audiência já ia acontecer o julgamento, a sentença, tudo! E que ele seria condenado, mas não. Era apenas a primeira audiência de muitas que viriam pela frente. Entre cancelamentos, adiamentos, foram dez anos assim. Ano passado que aconteceu o julgamento do policial que assassinou meu filho. Foram dois dias de julgamento. Depois, se você quiser ver, provavelmente tem, porque Globo, Record, SBT, estavam todos lá acompanhando, nos dois dias de julgamento. Foi 5 e 6 de março. E, aí, tinha provas testemunhais que, mesmo depois de dez anos, as testemunhas ainda estavam lá. A gente sabe que isso não acontece muitas vezes. Se perde testemunhas pelo tanto tempo que se passa. As testemunhas morrem, as testemunhas se mudam. Muitas vezes, a família não consegue mais ter um contato com essas testemunhas, então fica bem difícil. Mas, no caso do Johnatha, estavam lá.

Conseguimos que fosse feita, antes do julgamento, uma perícia investigativa. E aí a pessoa, a profissional responsável, levou dois anos pra fazer essa perícia investigativa usando o método forense. Não sei se você já ouviu falar na Ciência Forense. Ela foi até o local do assassinato do Johnatha, ela fez medição, usou imagens de satélite da época, tudo, tudo, tudo... Estudou todos os depoimentos, tanto do policial assassino, quanto das testemunhas de defesa dele. Estudou os depoimentos das testemunhas de acusação, que eram os moradores, dos familiares... E, a partir daí, ela faz dois vídeos, que é em 3D, uns bonequinhos... faz toda uma simulação, mas com relação aos depoimentos.

A simulação que ela faz com os depoimentos dos policiais mostra, ali, que não tinha como o Johnatha dar tiros. Joga por terra... Mostra várias contradições na fala do policial e dos parceiros dele. E, aí, o 3D, com a fala, com o depoimento da principal testemunha, e tudo com as medições, com a trajetória da bala no corpo do Johnatha, tudo foi medido, tudo. Laudo cadavérico e tal ... e mostra que, realmente, o que eles falam não é verdade.

Mesmo diante disso tudo, numa última cartada do advogado de defesa, já quando não tinha mais nem como o Ministério Público, nem como a Defensoria Pública fazer fala, porque a

última fala era do advogado lá do réu para o Tribunal do Júri. Quem é o Tribunal do Júri? Tribunal do Júri é a nossa sociedade. E aí esse advogado fala: “mas ele não saiu da casa dele, naquele dia 14 de maio, com a intenção de tirar a vida de um jovem, com a intenção de matar alguém. Eu acho que valeria a gente pautar aqui que foi um homicídio culposo, sem a intenção de matar”. E aí o júri acata essa prerrogativa do advogado e vota como se fosse realmente um homicídio culposo, sem intenção de matar. E aí o caso é passado para a Justiça Militar, porque a Justiça cível não julga casos de homicídios culposos. E aí vai para a Justiça Militar, e isso acontece depois de 10 anos. E esse julgamento só aconteceu porque, em nenhum momento, desde então, eu parei de denunciar. Eu já fui não sei quantas vezes para a ONU, para a Suíça, em Genebra; já fui para Londres duas vezes também, sempre levando essa denúncia da letalidade policial, do racismo existente no sistema de justiça do Brasil.

Tenho denunciado. O que eu tenho feito nesses 11 anos é denunciar, acolher outras mães que, infelizmente, vieram depois de mim, mas esse foi o fato... Tanto a Defensoria Pública quanto o Ministério Público recorreram dessa decisão, dele ser julgado por homicídio sem intenção de matar. O julgamento foi em março e aí, a decisão, o julgamento do recurso, acontece em dezembro, depois de ser adiado em uma outra data. E aí, por unanimidade, os 3 ou 4 desembargadores votam a favor de anular o júri. Então esse júri é anulado. Eu não aceito que aquele resultado tenha acontecido diante de todas as provas que a gente tinha, diante dos precedentes do assassino. Eu falei: “eu não lutei esses 10 anos pra ver ele ser julgado pela própria polícia, não aceito; ele tem que ser responsabilizado, ele tem que ser condenado”.

E aí, agora, a gente está aguardando uma nova data, um novo julgamento, e eu só fico pensando: “por mais que eu queira isso, por mais que eu lute por isso, eu não queria ter que passar por isso tudo de novo”. É claro que eles vão vir com novas armas, porque eles são capazes de tudo pra não responder pelo crime que eles cometeram.

Então, nesses 11 anos, a partir da primeira audiência que eu assisto do meu filho, eu saio dali e já começo a me mobilizar e começo a ir ver, participar de outras audiências, apoiar outras mães. Porque eu passei por aquilo, mas eu estava com uma rede de apoio. Eu tinha família, eu tinha amigos, eu tinha vizinhos. Estava todo mundo ali, comigo, naquele tribunal. E eu fiquei imaginando uma mãe sozinha passar por isso tudo, sem essa rede de apoio.

Ao assistir outras audiências eu vi que é exatamente a mesma coisa. Parecia que eu estava em outra audiência do Johnatha mesmo, porque é a mesma coisa: é a criminalização da pobreza, é o racismo permeando ali as estruturas desse sistema de justiça, que não é feito pra ser justo com a gente, não foi criado pra realmente fazer justiça pra todo mundo de forma igual. Então, o que eu tenho falado é que esse sistema de justiça ele tem dois pesos e duas medidas, ele não é igual pra todos e ele só enxerga um corpo preto quando é pra condenar, e isso é muito revoltante. Mas, ao mesmo tempo, é o que me dá força, é o gás que me dá pra continuar, porque eu não acredito na justiça; pode ser que essa justiça institucional aconteça, mas eu, enquanto mãe do Johnatha, eu preciso ir até o final. Saber que eu fiz o que eu pude, dentro das minhas condições.

Eu nunca vou deixar de cuidar do meu filho e, nessa militância, eu encontrei uma forma de continuar sendo a mãe dele... eu encontrei uma forma de poder continuar cuidando do meu filho: não deixar que o que aconteceu com ele caia no esquecimento. Então são 11 anos aí, nessa luta, tendo que, muitas vezes, guardar minha dor pra ouvir outras dores, acolher outras dores. Mas também foi onde eu encontrei sentido pra minha vida, porque naquele momento, lá na UPA, quando eu recebo essa notícia, e depois, no segundo dia, quando eu tenho que ver meu filho pela última vez dentro daquele caixão, eu tinha certeza que eu não iria resistir. Pra mim, não tinha sentido a minha existência nesse mundo sem meu filho, sem aquele pedaço que me arrancaram. E eu falava: “eu não vou conseguir”. Era uma coisa, eu não sei nem como descrever, mas eu achava que eu não iria sobreviver. Eu achava que realmente eu iria morrer.

E era uma vontade de estar com ele, de querer morrer pra estar com ele... Passou isso pela minha cabeça, algumas vezes, mas foi onde eu recorri, também, pra uma fé de acreditar que existe algo pra além disso aqui. E muitas vezes, na hora desses desesperos, eu pedia a Deus pra me enviar sinais. E ele me enviava. Ele enviou sinais, e isso foi me dando uma certa calma. Acreditando que o Johnatha, ele está em algum lugar, mas ele, principalmente, está em mim, e eu preciso estar viva, que enquanto eu viver, o Johnatha vai estar vivo também. E o dia que eu não estiver mais aqui, ainda assim, eu já vou ter deixado um legado... tem uma história que está sendo escrita há 11 anos.

Ainda não acabou. A gente segue na luta. É muito duro... foi triste, hoje, pra mim, acordar e ver na televisão o MC Poze sendo preso, porque quando eu olho pra ele, eu vejo um filho preto de favela de uma mãe de favela, e aquilo ali é o que acontece diariamente com vários outros meninos, jovens, adultos, homens pretos, moradores de favela e periferia. A gente vê a discrepância.

Eu vi muitas pessoas revoltadas nas redes sociais, fazendo mesmo comparações com a prisão do Poze, que foi preso dentro de casa, foi levado pra delegacia algemado, com as mãos pra trás, descalço, sem camisa. Enquanto, e aí botaram um vídeo daquele deputado Roberto Jefferson, que a polícia foi pra prender ele, ele jogou granada na polícia, ele deu tiros e todo mundo tratou ele super bem... conseguiram depois entrar na casa, depois de muito custo, tomaram cafezinho juntos, ficaram ali negociando como ele seria encaminhado pra delegacia... E é dessa forma. A gente tem visto aí que tá cada vez mais escrachado. A gente acabou de ver a ministra Marina Silva, sendo espezinhada por homens brancos, enquanto uma outra aí foi lá dar depoimento, e os deputados faziam selfie com essa mulher branca. Mas é isso. A sociedade, ainda assim, segue em inércia e a gente sabe que, eu sei que a transformação vai vir.

Os resultados não vão vir de políticos, mas acho que da nossa luta mesmo, da luta do povo. O caso do meu filho não chegou no Tribunal de Justiça porque eles são bonzinhos, são bons profissionais, não. Chegou porque tinha uma mãe ali, gritando, indo pro mundo denunciar, se juntando com outras mães, com outros pais, pra ter mais força nesse grito. Porque a gente sabe que a grande maioria desses casos nem tem uma investigação e, quando tem, chega no Ministério Público, fica empacado, ou não tem um encaminhamento.



Ana Paula durante trabalho
foto cedida por Ana Paula

Eu tenho formação de pedagoga. Eu me formei em 2005, pela Universidade Estácio de Sá. Não era um projeto, não estava planejado eu fazer um curso superior. Quando eu terminei o ensino médio - eu terminei grávida do Johnatha. Na verdade, ele nasceu em 4 de dezembro e eu tinha ficado de recuperação em química. Eu fui pra maternidade mas tendo que voltar lá pra fazer a prova depois. É... consegui passar e, aí, quando o Johnatha tinha 10 meses, o meu primeiro emprego foi na creche comunitária aqui em Manguinhos, onde eu trabalhei por 8 anos como recreadora. Mas aí, num determinado momento, veio um Decreto de que todo profissional pra trabalhar com educação infantil precisava ter uma formação superior, uma formação de professor, e eu não tinha. Eu só tinha ensino médio. Mas quando eu fiz a inscrição, a prova lá na prefeitura, e tudo, eu poderia. Era uma coisa da prefeitura com associação de moradores, a prefeitura toda semanalmente mandava merenda, depositava o salário dos funcionários, dos recreadores, merendeiros, tal... e era carteira assinada. Eu trabalhava do lado da minha casa, minha mãe levava o Johnatha pra mamar nos horários que as crianças estavam dormindo... O Johnatha mamou até 2 anos e meio e, aí, quando chega num determinado momento, fala: "ah, vai precisar fazer essa formação". Como eu não queria perder meu emprego, fui fazer. Podia ser normal superior ou licenciatura, ou não sei o quê, e eu escolhi pedagogia.

Muito incentivada, também, por outros colegas do trabalho: "ah, vamos fazer pedagogia, a gente faz junto". Gostei; e eu falei assim: "ah, agora eu vou gente!". Quanta coisa nova aprendemos... "vou aplicar isso com as crianças"! Mas, infelizmente, a creche fechou. Tava tendo desvio das verbas. Ficamos três meses sem receber, os funcionários. E quando a gente faz uma greve, fecha a creche, vai pra prefeitura, a gente fica sabendo disso. Mas não tava acontecendo só aqui, em outras creches também tava acontecendo, então, por conta disso, acabou esse convênio. Hoje eu utilizo a pedagogia, nunca utilizei em sala de aula, mas eu tenho utilizado bastante nessa luta. Na militância, tem me ajudado bastante.

Sou muito convidada pra dar palestra em universidade. Gosto muito quando é na universidade de Direito, porque eu acho importante; não acho que são palavras vazias, nem acho que jogo pro vento, porque numa sala com 30, 40 pessoas, eu tenho esperança e fé de que alguém sai dali afetado e atingido pelo que eu falo. Então, acho importante a gente estar falando com quem vai ser os próximos promotores, juízes, defensores públicos, porque isso precisa mudar, mas isso não vai ser uma mudança repentina. Então, acho que a gente precisa fazer esse trabalho de formiguinha e acreditar. Se hoje a gente tá aqui e a gente tem uma certa liberdade, foi porque nossos ancestrais vieram antes, muito antes. Teve muito sangue nosso derramado, muitas lágrimas, muito sofrimento... eles lutaram, resistiram muito pra que a gente pudesse estar aqui e pudesse estar usufruindo de alguns direitos.

Eu acho que a gente tem que dar continuidade a isso. Eu acredito que eu não vou estar aqui pra ver o resultado disso tudo que a gente tá fazendo hoje, que a gente tá plantando. Mas pensar que num futuro, espero eu que não tão distante, as mães pretas periféricas, faveladas possam ter o direito de conviver com seus filhos, não tenham seus filhos arrancados... Apesar que isso não é de agora, lá atrás, período escravocrata, os filhos já eram retirados das mães pretas... as mães pretas já eram impedidas de amamentar seus filhos com seu sangue, porque o

leite materno é o nosso sangue. Então, quantas mulheres pretas, mães, perderam seus filhos desnutridos, porque tinham que dar o seu leite, tinham que amamentar os filhos dos brancos? Hoje, as mães têm que sair das suas casas pra trabalhar em casas dos brancos, tem que deixar seus filhos, pra cuidar dos filhos dos brancos, e ainda, quando acontece alguma coisa com esses filhos, a mãe é colocada como a culpada por isso. Então, não mudou... hoje a gente vive num período escravocrata capitalista contemporâneo, mas continua. Demos alguns passos à frente, mas muitos retrocessos também. A gente está aí diante de um governo que é isso: o governador do estado do Rio de Janeiro usa a política de combate às drogas, a política de segurança pública pra exterminar mesmo a população preta, pobre, favelada; pra encarcerar nossos filhos... Acho que o que a gente tem que debater não é só a letalidade policial, mas por que isso acontece. Acho que a gente tem um debate aí que precisa ser feito sobre as drogas, porque isso é utilizado para o extermínio de um povo, extermínio nos territórios. Então, a gente tem que trazer essa discussão.

A gente tem uma educação super defasada. Na época da pandemia a gente ouvia muito falar: “está todo mundo no mesmo barco”. A gente sabia que não estávamos no mesmo barco. Foram nossos filhos que perderam anos de estudos que não vão ser recuperados; não tem como ser recuperado. Enquanto os filhos dos brancos estavam lá com todo o aparato pra não perder conteúdo escolar. Então, e aí? como é essa correria para conseguir rever tudo que foi perdido? As escolas estão aí, falta de professores, professores mal pagos, falta uma boa estrutura nas escolas... tempo de verão brabo, muitas escolas nem ventilador têm... esse é o projeto político que a gente tem, que está em curso há muito tempo.

É bem complicado, é muita luta. Eu só posso dizer que a gente só tem que lutar, não dá pra ficar de braços cruzados, só vendo isso acontecer. Eu sou uma pessoa que eu já me incomodava com tudo isso. Cresci vendo já muitas injustiças. Eu nunca me calei diante das injustiças, mas eu também não sabia como fazer, o que fazer. Infelizmente, eu só consigo chegar a ter essa visão política, essa formação política, até mesmo de me enxergar realmente – porque é claro, eu nasci e cresci sempre sabendo que era uma pessoa preta, mas ter isso mesmo atravessado em mim é quando eu tenho meu filho assassinado. Eu lembro que uma das perguntas que eu mais fazia, quando essa ficha caía, era: “por que que a polícia matou meu filho? por que que a polícia atirou no meu filho?” E eu consigo ter essa resposta um mês depois do assassinato do Johnatha, quando eu já estou gritando, a Patrícia pesquisando, porque, ela, além de tia do Johnatha, uma grande companheira minha, foi o principal ponto para que o movimento Mãe de Manguinhos acontecesse, porque ela que faz essa ponte entre mim e a Fátima e a gente constrói esse movimento, muito se movimentando mesmo; a gente nem sabia o que a gente estava fazendo, a gente só queria falar o que tinha acontecido com os nossos filhos. E o movimento acaba acontecendo.

O movimento das Mães de Manguinhos nasce em 2014, após o assassinato do Johnatha. A princípio a gente só queria acolher outras mães, outras famílias, mas a gente começa a entender que a gente também construiu uma rede. E os assassinatos continuaram acontecendo em Manguinhos e outros lugares. A gente começa a se conectar, fazer encaminhamentos para a Defensoria, para o Ministério Público, e a gente começa a entender, também, que não é só



*Ana Paula durante trabalho
foto cedida por Ana Paula*

isso, não é só esse acolhimento. Não é só encaminhamento. A partir do momento que uma mãe acha realmente que existe bala perdida, ou então que “foi Deus que quis assim”, “estava nas mãos de Deus”, “foi a vontade de Deus”... Não é vontade de Deus. A gente precisa fazer formação política também, porque os principais alvos dessa violência tem que entender por quê essa violência nos atinge. Não é por um acaso, não é porque os policiais da UPP estavam mal preparados não, é um plano mesmo. É um projeto mesmo de extermínio, e é uma barbárie que está acontecendo. Então, a gente precisa entender isso, porque se a gente não entende a gente não consegue lutar, porque como que a gente vai lutar e exigir um direito que a gente nem sabe que tem, ou entender o por quê que isso está acontecendo com a gente?

Isso tudo eu não aprendi lá na faculdade, não. Isso tudo eu aprendi na faculdade da vida, na militância, ouvindo outras mães como Mônica Cunha, que foi vereadora mas, muito antes disso, também teve um filho privado de liberdade onde, ali na fila para visitar o filho no socioeducativo, ela cria o Movimento Moleque, se juntando com outras mães para saber o que fazer com as denúncias que recebiam, dos filhos, de espancamento e de tantas outras coisas que aconteciam ali dentro do DEGASE. Ela cria esse movimento. Quando o filho sai, o filho, anos depois, é assassinado pela polícia com as mãos para o alto, ajoelhado, pedindo para não morrer. E ouvir essa mulher falando disso, também trouxe para mim um ensinamento, porque quando eu vou para fora de Manguinhos, encontro outras mulheres, outras mães e toda vez que me dava o microfone, a primeira coisa que eu falava: “a polícia matou meu filho, mas meu filho não era bandido”.

E aí, ouvindo outras mães, que tiveram filho que passou pelo sistema e que foi executado, eu começo a pensar e refletir: “eu tenho que mudar essa fala, porque o meu filho ele só foi assassinado pela polícia porque existe esse pensamento e essa fala ‘se é bandido, tudo bem pode morrer’. Não, não pode”. E é por isso que a polícia entra na favela, mata jovens como o meu filho, sem envolvimento com coisas ilícitas, mata criança dentro da Kombi com a mãe, mata a mulher grávida que foi visitar a avó, mata todo mundo e fala: “era bandido, estava trocando tiros”. Então, assim, essas mulheres que têm seus filhos assassinados, que cometeram algum delito - muito empurrado pelo sistema, sim, não é vitimismo, não é blá blá blá -, elas precisam ter voz, elas precisam entender que elas também têm direito a buscar por justiça, elas também têm direito a falar dessa dor, e é sobre isso. Isso tudo eu aprendi na luta, e eu tento passar pra outras mães que chegam, né? É isso.

Quantas mulheres, hoje, fazem parte desse movimento?

Cara, eu vou te dizer, a gente não tem essa estatística numérica. Até porque, pelo fato da gente não ter uma sede, não ter uma planilha... Em Manguinhos, eu acho que somos umas 10, mas não que estão na militância, mas 10 ou mais. Se for pensar em mães que a gente acolhe, vai pra além de Manguinhos, vai até pra outros estados, porque a partir do momento que a gente cria uma rede social, a gente cria um Instagram com a página Mães de Manguinhos, a gente recebe pedidos de ajuda de mães de outros estados e, muitas vezes, essas mulheres, elas só querem falar da sua dor, só querem falar do que seus filhos gostavam e, aí, a gente já tem uma movimentação de passar essa conversa pra um WhatsApp...

Muitas mulheres de outros estados acompanham a página das Mães tanto no Facebook quanto no Instagram e, aí, querem saber se a gente sabe se lá no estado onde ela mora tem um movimento desse de mães, que ela quer também se juntar, quer denunciar. Muitas querem saber se lá no estado onde elas moram existe uma defensoria que elas possam procurar... então, a gente só vai fazendo e a gente não consegue, porque a gente não tem essa assessoria ou alguma coisa. Muitas vezes a gente não consegue nem postar, nas nossas redes, as atividades que a gente está participando; não dá, é muita coisa!

A gente tem que estar ali lutando pela nossa sobrevivência, é operação policial, a gente é convidada pra ir pra Brasília pra acompanhar julgamento de ADPF 635 e, aí, a gente vê aquele resultado da ADPF 635, um retrocesso lamentável... a gente é convidada pra construir um projeto que a RAAVE - depois você pode procurar também na rede social, a RAAVE. É uma rede de atenção a mulheres afetadas pela violência letal do Estado -, um projeto que a RAAVE construiu também por uma parceria com Defensoria Pública, mas quem deu o pontapé e quem foi dando a direção de como deveria ser construído esse projeto foram as mães.

Foi criado um grupo de trabalho, majoritariamente com mães, claro, tinham defensores públicos, outras pessoas, parcerias também, professores universitários, mas foi majoritariamente o grupo formado por mães vitimas da letalidade policial. E aí a gente conseguiu ter esse projeto aprovado pelo Ministério da Justiça e com apoio também da UFRJ e outras faculdades, a gente conseguiu tornar 100 mães bolsistas com certificado de pesquisadora pela UFRJ. Elas estão recebendo uma bolsa de 700 reais, mas são 100 mães que precisaram passar por um edital elaborado pela UFRJ. E são essas mães que vão acolher outras mães e a gente conseguiu, através desse projeto, buscar mães que não estavam conectadas a nenhuma rede, a nenhum movimento, a nenhum grupo, mas que, através da mobilização e da divulgação, se interessaram, puderam vir. E os encontros, eles acontecem duas vezes no mês. É um projeto que a gente quer que se torne uma política pública. O que a gente queria mesmo era que isso parasse... que a gente não precisasse acolher mais nenhuma mãe, mas a gente vai aí construindo coisas.

A gente não está só chorando e só sofrendo, mas a gente está pensando também, a gente está também se articulando com outros movimentos de mães de outros estados também, a gente segue aí também sendo reconhecida. Ano passado, não acredito que tenha sido coincidência, mas eu fui convidada por uma organização defensora de direitos humanos de São Paulo, é uma rede que me convidou para receber uma homenagem como Defensora de Direitos Humanos, mas com outras pessoas também, e essa homenagem aconteceu, justamente, no dia 4 de dezembro, quando o Johnatha completaria 30 anos de idade. Eu falei: “isso não é por um acaso”. São esses sinais que eu te falo que eu acabo recebendo e que vai me dando forças para continuar. E aí eu falei assim: “é um dia muito simbólico para mim, porque é o dia que meu filho completaria 30 anos; para mim é muito importante ter minha filha comigo, vocês têm como levá-la? Porque é comprar passagem, tudo, hospedagem...”. “Vamos levar seu pedido para a organização do evento”. E, aí, aceitaram; minha filha foi.

Foi a primeira viagem dela de avião, mas eu via lá, os olhinhos dela brilhando, acho que acaba

também tendo uma dimensão do que eu faço e eu tento ao máximo, aos poucos ainda, inserindo ela nesse meio, porque é isso, é uma mulher preta de favela, precisa estar engajada, precisa estar por dentro disso. Em outubro do ano passado eu estava lá em Genebra. Fui convidada para fazer uma fala no Conselho de Direitos Humanos da ONU. Sabe, independente de estar fazendo alguma coisa ou não, a gente vai ser sempre o alvo. Mesmo que um dia a gente tenha dinheiro, tenha condição financeira, uma posição alta dentro da sociedade, isso tudo não nos tira esse alvo do nosso peito. Então a gente continua sendo o alvo, porque a gente é um corpo preto. Então eu falo: “não precisa fazer nada, nem de certo, nem de errado, para ser o alvo, basta ser um corpo preto”. Então é isso, não tem mais.

Você falou desse sentimento de achar importante tua filha tomar consciência da dimensão disso tudo que vocês estão fazendo. Mas quando você olha para isso tudo, você consegue ter a dimensão do tamanho disso?

Eu só consigo quando as pessoas de fora falam. “Caramba! É, Ana, olha que importante isso”... Geralmente as pessoas que falam, e aí que eu fico: “meu Deus, é mesmo, né?!” Porque a gente só vai e faz, sabe? A gente está fazendo. Quando isso começou, não sabia que no ia chegar, eu só queria uma coisa: que fosse me dando força para me manter viva. A partir do momento que eu boto na minha cabeça que eu preciso estar viva para o meu filho continuar vivo, para que ninguém esqueça o que aconteceu com ele. Mas aí, não sei... as coisas vão acontecendo. Você viu, estou aqui e passa uma pessoa e fala: “eu quero que você esteja no projeto de pesquisa aqui da Fiocruz”, e vai acontecendo. Eu só vou indo e, nesse caminho, vou encontrando muita luz, muitas pessoas de luz também, que vão me dando a mão e isso é desde lá, quando essas mulheres tiveram muita coragem, se colocando como testemunhas do que aconteceu. Porque muitos casos, às vezes, não têm uma investigação porque não tem testemunha.

E eu estou sempre querendo retribuir para Manguinhos o fato dessas mulheres terem se encorajado e ido lá testemunhar. Então eu quero trazer esse retorno. O que a gente tem feito é isso, é entender que eu não sou só mais a mãe do Johnatha e da Maria Paula, mas realmente sou Mães de Manguinhos, e estou aqui com os braços abertos para acolher, acolher com a minha maternidade, com o meu amor, todos os filhos, todas as mães, porque eu também fui acolhida, também seguraram na minha mão. Então, é o mínimo que eu posso fazer.

Eu acho que tenho conseguido. Falei para você da pandemia. Na pandemia a gente não teve o privilégio de ficar restrito dentro de casa, porque chegavam pedidos de mães sem ter o que comer, não só em Manguinhos. Então, começamos a se movimentar. A gente começou a ser acionado também, perguntando se a gente poderia ser a ponte para fazer levantamentos de quem estava precisando de cesta básica, de máscara, de material de limpeza. Então a gente teve que sair de casa e fazer uma busca ativa dentro de Manguinhos, no território, para saber das pessoas, da saúde das pessoas. As pessoas estavam sabendo de que forma se proteger e a gente aproveitava também para falar, para apresentar Mães de Manguinhos, porque se você entrar em Manguinhos, muita gente não conhece o movimento; muita gente não sabe que existe um movimento de mães dentro de Manguinhos, que estão aqui fazendo todo esse trabalho que, hoje, a gente percebe que não é só um acolhimento, um direcionamento para as mães que

UNITED NATIONS



NATIONS UNIES



Ana Paula em Genebra, na sede da ONU
foto cedida por Ana Paula

perderam, não... É para as mães que estão com os filhos privados de liberdade, é para uma mãe que está com um problema com a filha, que eu recebi ontem, um problema com a filha que não consegue aprender, está na escola e não consegue aprender. Dislexia ela falou, alguma coisa assim. E aí foi no médico, na consulta, a médica falou que ela precisa de um neurologista, mas aí vai para o SISREG... E ela me falou: “Ana Paula, eu sei que você tem os conhecimentos, você conhece tanta gente, será que pode ajudar?” E aí eu vou lá para a minha terapeuta, para a minha psicóloga. E eu falo: “posso compartilhar seu áudio?”, “Pode”. Mando para a minha psicóloga, que também criou um projeto onde ela também conseguiu inserir mães multiplicadoras que estão fazendo um trabalho de formação junto com profissionais do SUS e do SUAS, e é isso.

Antes da gente encerrar, fala pra gente: o que que Manguinhos representa pra você?

Eita! Ai, cara, é a minha raiz. Manguinhos é a minha raiz, é o chão que me formou, é onde eu aprendi a viver em comunidade, é onde eu aprendi tudo sobre afetividade. Manguinhos é um lugar que me traz dores, mas que também me trouxe muitos amores, sabe? O amor dos meus vizinhos, dos amigos que construí ao longo desses 48 anos... Então, é um lugar de aprendizado que me formou mesmo, quem eu sou hoje.

E quando tu olha tudo que você já fez e pensa na mulher que você se tornou, que pensamento que vem, que sentimento que fica?

Ah, eu estou orgulhosa! Eu fico pensando... Antes disso eu era apenas uma mãe, uma mãe que vivia sua rotina de casa e trabalho, mas não tinha toda essa formação e essa consciência de classe, de gênero, consciência política que eu tenho hoje. Eu não tinha nem essa força pra falar, eu não era essa faladeira que eu sou hoje, Carlos, não era! Porque também o que eu aprendi dentro de casa, ali, mais com meu pai, que era muito rígido, era que criança não pode se intrometer em conversa de adulto. Então era muito oprimida pra me silenciar; eu, meus irmãos.... Então isso, de dentro de casa, esse medo de ser reprimida porque não deveria falar na hora que não era a hora devida, eu levei pra fora de casa. Então, nos espaços, eu era muito tímida. Eu sempre falo: “gente, eu sou tímida!”, as pessoas falam: “tímida?”, sim, sou.

Eu não tinha essa desenvoltura pra falar. Se você for ver, depois você olha o documentário ‘Cada Luto, Uma Luta’. Foi o primeiro documentário, ele foi lançado em 2015, são as primeiras vezes que eu pego no microfone. É na missa de sétimo dia do meu filho que foi gravado. Tinham as mídias independentes que começaram a acompanhar o caso do Johnatha, porque o Johnatha foi assassinado na época de Copa do Mundo, 2014, época que tinha muito estrangeiro aqui. Também, alguns mídia-ativistas não de Manguinhos, mas que estavam acompanhando o que tava acontecendo em Manguinhos, que estavam acompanhando as ocupações das favelas com UPPs, isso que tava acontecendo, eles tavam tendo contato com a mídia estrangeira. Então, assim, muitos trouxeram pra cá, Manguinhos, pra poder eu falar e isso também foi dando uma visibilidade. Mas se você for ver esse documentário ‘Cada Luto, Uma Luta’ eu pego no microfone e não tinha ainda essa força.

Eu lembro que a primeira vez que eu vi a Débora que é do Movimento das Mães de Maio, de São Paulo, falar... a Débora teve filho assassinado em São Paulo, em 2006, quando aconteceu

uma grande chacina lá. A primeira vez que eu vi essa mulher falar, eu falei: “meu Deus, que mulher forte, corajosa! Ai, eu queria ter essa força pra falar, eu queria falar assim com essa força, com essa coragem”. E Mônica Cunha também, umas mulheres assim. Logo que eu comecei eu falava: “eu quero ter essa força pra falar, quando eu falar eu quero impactar, eu quero também atingir as pessoas com a minha fala”. E hoje eu falo, eu nem sei que eu estou atingindo dessa forma. As pessoas que me falam.

Outro dia, eu encontrei com uma defensora pública, que é uma mulher que eu admiro muito, pelo trabalho que ela desenvolve como defensora pública. Eu tinha estado com ela numa mesa na EMERJ, a Escola de Magistratura do Rio de Janeiro, onde eu fui convidada pra palestrar e, ali a gente trocou contatos telefônicos. Agora, depois de muitos anos, foi ano passado, que eu fui na defensoria e a gente se reencontrou. Eu estava numa conversa com uma outra defensora, que falou assim: “ah não, esse caso é com a doutora Patrícia, peraí que eu vou chamar, a sala dela é aqui em frente”; quando ela vem, fala assim: “ah! Essa daqui eu sei quem é ela! Ela não deve estar lembrando de mim, mas eu lembro dela”. Aí ela falou assim pra outra defensora, a que estava me atendendo antes: “Você já ouviu essa mulher falando? Cara, quando essa mulher fala, não tem como alguma coisa dentro da gente não se mover”. E continuou: “eu tenho o seu telefone”. Ela tinha o meu contato e, realmente, eu não lembrava, porque é isso, eu vou passando por muitas pessoas e se eu não tiver mais de um contato com essa pessoa, eu não consigo gravar. Mas eu, de alguma forma, acho que eu marco, sabe? Essa é uma das provas; e ela tinha o meu contato. Ela falou assim: “aqui, seu contato aqui no meu telefone”. E foi isso, me ajudou bastante, também, ela.

É assim que eu vou tendo essa dimensão... Receber uma homenagem em outro estado como uma defensora de direitos humanos... A gente é vista como uma mãe que vai pra porta do tribunal ficar gritando, vai pra porta do Ministério Público gritar, e aí, quando essas coisas vão acontecendo, que eu vou tendo uma dimensão. Quando sou convidada pra ir lá no Conselho de Direitos Humanos da ONU falar, quando a gente é convidada pra construir junto projetos pra garantir o mínimo de direito pra outras mães... Entender que, num lugar como esse aqui, a Fiocruz, que a gente pode estar contribuindo também, porque é uma instituição de saúde que está cercada por diversas favelas que são violentadas diariamente, e que muitas pessoas adoecem por conta dessa violência. Então esse lugar precisa entender isso, que não é medicamento, é claro, é em muitos casos, mas precisa pensar em outras formas de cuidar dessa saúde, dessa mulher preta que tem sua vida atravessada por diversas violências: é violência doméstica, é violência de todo tipo. Mas que a gente precisa pensar outros caminhos, que não seja só medicação.

Mas é a partir do que acontece com o meu filho em 2014, que eu acabo tendo um encontro comigo mesma e me conhecendo. Porque eu nem sabia que eu tinha essa força, eu não sabia que eu era capaz disso... Aí é que eu começo a saber quem é Ana Paula, e hoje eu tô muito orgulhosa de mim. Mas orgulho de poder fazer algo pelas outras pessoas, orgulho de poder inspirar outras mulheres, de poder ser uma força motora para outras mulheres, porque também tive mulheres que foram e que são essa força pra mim. Quando hoje eu sou citada por algumas mães, como eu cito também várias mães que me inspiraram, eu falo: “caramba, eu queria falar

igual aquela mãe que eu admiro e hoje eu também sou citada por outras mães, por outras pessoas, chamada pra participar de banca em universidade"... é isso. A gente segue aí na luta. É triste ver como que tratam nossos filhos, como que tratam nosso povo preto, seja numa unidade de saúde, seja dentro de uma escola. Eu acho que é a gente que precisa movimentar isso e construir, porque não vai vir de nenhum milagre, nem vai vir das mãos dos opressores, dos nossos opressores, de quem tá no governo que a gente sabe que é pra interesses próprios, que as leis são feitas pra garantir o direito de quem tem o poder, de quem tem o dinheiro. Mas acredito que se a gente lutar, a gente consegue mudar isso.

Quando sai o resultado do julgamento, ano passado, do meu filho, eu saí muito destruída. Foi um segundo momento que eu achei que eu não iria conseguir me reerguer, porque eu não esperava. Porque eu falava: "cara, tem testemunha, tem tantas provas, ele precisa ser responsabilizado". A justiça, pra mim, ela nunca vai acontecer; pro meu filho muito menos... não vão conseguir devolver o Johnatha pra mim, pra minha família, pros nossos amigos, pros nossos vizinhos. Então, pra mim, eu tô lutando por algo que vai muito mais além. É pra que não se repita. Pra que não aconteça com outras pessoas, com outros meninos...

É muito difícil. Mas o defensor que tava acompanhando o caso, ele me chamou, no outro dia, pra uma conversa na defensoria e ele falou: "eu sei que o resultado não era o que a gente esperava, o que a gente queria, mas eu queria compartilhar uma coisa com você. Depois que você passou na televisão, o que eu recebi de telefonemas de mães que nem queriam mais saber dos casos dos seus filhos... eu queria muito que você soubesse disso, Ana Paula; eu posso aqui te mostrar, e elas citam você. Falou que se você tem força, que se você tá 10 anos, ela que tá 3, ela quer continuar, quer que reabra o caso dos filhos, quer retomar. Você sabe o que isso significa?" Muitas vezes a ficha não cai na hora não... é depois mesmo, pensando e refletindo. É passo de formiguinha mesmo. É saber que em algum momento alguém vai colher os frutos disso tudo que a gente tá plantando aqui hoje.

E planos pro futuro?

Fazer mestrado... Falar inglês fluentemente... Escrever um livro... Conseguir ver alguns resultados da nossa luta sendo realizados. Quero ficar viva e vivendo! Quando eu consigo me olhar no espelho e me ver bonita, me ver viva, eu falo assim: "caramba, eu gosto de me ver assim, porque eu tô contrariando uma expectativa desse sistema; eu tô contrariando a expectativa do Estado". Porque quando matam nossos filhos e nos violam de todas as formas, o projeto é que a gente adoença e morra, como infelizmente eu vi várias mães, companheiras minhas, de luta, adoecerem e morrerem, caírem no estado profundo de depressão e acabar morrendo mesmo. Uma das fundadoras do movimento das Mães de Maio, de São Paulo, a Vera, morreu em casa dormindo. A mãe do Christian, cadê o Christian? (fala, procurando seu rosto entre as fotos da camisa). A mãe do Christian, a Janaína, também caiu num estado de profunda depressão e morreu em 2018. É pensar que se manter viva é contrariar a expectativa do Estado.

Então eu quero seguir contrariando, quero contrariar mesmo. Eu queria mesmo é que esse extermínio parasse, queria que nenhuma mãe mais precisasse sofrer apreensiva, ou com medo

quando o filho sai de casa, ou que tivesse que criar um filho já falando: “você precisa ter uma identidade, você precisa ser alguma coisa, você precisa estar o tempo todo provando que você é produtivo, que você trabalha, que você estuda”, quando isso não é cobrado da juventude lá da elite. Isso não é cobrado deles. Nenhuma mãe branca tem essa preocupação com seus filhos, de eles precisarem provar que trabalham, que estudam, pra não serem mortos, pra não serem presos...

Eu luto... meu desejo é que a gente possa viver numa sociedade mais igualitária, justa. Que ninguém seja morto nem julgado pela cor da pele, ou pelo local onde mora, ou por gênero, raça, classe... Nem por questão política, assim como a Marielle foi assassinada... Foi uma grande companheira. Foi uma das mulheres que me deu a mão quando o meu filho foi assassinado e ela nem era uma vereadora ainda, mas sempre foi uma grande mulher. Na época, ela era da Comissão de Direitos Humanos da ALERJ e ela foi uma das mulheres que me ligou no dia do assassinato do Johnatha e, dali em diante, até 2018, ela nunca largou minha mão.

Quando esse daqui (diz, apontando pras fotos na camisa) o Matheus, foi assassinado, em 12 de março de 2018, eu não estava no Brasil, eu estava na Jamaica, eu estava em Kingston, com a Anistia Internacional. Tinha ido participar de um intercâmbio com mães da Jamaica e dos Estados Unidos que também tiveram filhos assassinados pela polícia, e eu fui a representante do Brasil, eu fui com a Jurema Werneck. Fomos juntas, a convite da Anistia Internacional. E no dia que eu cheguei lá, quando eu chego no hotel, eu recebo um áudio da tia do Matheus pedindo ajuda, porque o Matheus tinha acabado de sair da igreja, aqui em Manguinhos, foi levar a namorada no Jacarezinho... Parece que eu estava vendo a história do Johnatha se repetindo... Matheus sai de Manguinhos, da igreja, de moto com a namorada, vai levar ela no Jacarezinho, deixa ela em casa. Quando ele sai dali do Jacarezinho, as testemunhas contam que ele não foi abordado, não ligaram sirene, não fizeram nada disso, simplesmente atiraram. Era um jovem preto numa moto, saindo da favela. Atiraram e mataram o Matheus. Eu estava lá, e a primeira pessoa pra quem eu liguei pedindo pra que ajudasse, fosse ao encontro dessa família, foi pra Marielle. E foi a última vez que eu falei com ela, foi nessa mensagem de WhatsApp, pedindo pra ela ajudar a família do Matheus. E ela falou: “me passa o contato de alguém da família que esteja em condições de falar que eu vou”... e foi a última vez que eu falei com ela.

A gente não sabe quem vai ler. Espero que alcance muitas pessoas. Quer deixar alguma mensagem pra essas pessoas que vão poder ler sua entrevista?

Acho que não podem normalizar o que está acontecendo no Brasil. Eu acho que no mundo, porque a gente está vendo o que está acontecendo na Palestina também. A ganância por poder, a ganância por dinheiro, tem levado a isso, a barbárie que toma conta do mundo. Então eu acho que, simplesmente, as pessoas não podem seguir indiferentes. Se eu tiver de deixar uma frase, é aquela de Martin Luther King, de que a indiferença, ela também mata. Então, se você passa e está vendo a polícia abordar um jovem, você tem que se sentir responsável por aquilo que está acontecendo. Acho que você não pode ser indiferente e passar batido. Acho que você tem que parar e observar, acompanhar. O que tem me assustado, realmente, é esse silêncio das pessoas, sabe? Essa indiferença das pessoas, como se o que está acontecendo não fosse responsabilidade delas também. A gente está vendo crianças sendo assassinadas, mesmo a



*Ana Paula em Manguinhos
foto cedida por Ana Paula*

gente tendo um Estatuto da Criança e do Adolescente, onde diz que é dever da família, da escola, e de toda a sociedade, zelar pelo bem-estar, educação das crianças e adolescentes; e o que a gente vê é crianças sendo assassinadas dentro de casa, como foi o João Pedro, na pandemia; dentro da Kombi, como foi o caso da Agatha, chegando em casa com a mãe. E o que a sociedade tem feito? Porque, pra mim, tinha que parar; a cidade tinha que parar. Mas só vai parar quando, realmente, a favela se conscientizar da sua força.

Então acho que a gente deveria pensar: “o que esses governantes têm feito?” Muito tem sido investido na dita segurança pública. O maior orçamento do Rio de Janeiro, do estado, vai pra segurança pública, pra comprar o quê? Helicópteros blindados pra servir como plataforma de tiros pra tirar a vida das pessoas nas favelas, como a gente viu, que foram comprados dois ou três helicópteros de grande porte pra serem usados no combate ao crime organizado. E a gente sabe pra onde vão ser direcionados esses tiros.

Então, acho que a gente tem que lutar mais por uma educação de qualidade, porque eu acho que é através da educação, do acesso à educação, do acesso ao conhecimento; e quem está no poder já sabe disso. Quem está na governança sabe disso. Por isso que a gente não vê investimento nessa área da educação, da saúde. Apesar de eu ser uma grande incentivadora do SUS, a gente vê que tem um sistema que faz com que tudo isso seja sucateado, pra que as pessoas tenham que recorrer a outros atendimentos.

Mas eu acho que é educação. Que nossos filhos possam acessar um ensino de qualidade. Eu acho que a transformação vai vir daí. Que possam realmente se conscientizar, se politizar e acho que só quando tiver todo mundo mesmo com essa consciência de força, de classe, que as coisas vão mudar. Às vezes, a gente vê dentro da própria favela as pessoas repercutindo falas racistas, homofóbicas... Essas pessoas precisam se conscientizar, acessar o conhecimento, pra ter força pra lutar contra tudo isso. Acho que é isso.



por Alexander Santiago Rodrigues, 2025

Tecendo um olhar decolonial: o Toré e a cosmopercepção Potiguara (Paraíba)

por Claudia Moreira e Pedro Ka'aguasu Potiguara

Claudia Moreira é aluna no doutorado em antropologia PPGAS/UFRN e pesquisa Movimento Indígena no Rio Grande do Norte, com financiamento CAPES.

Pedro Ka'aguasu Potiguara é aluno no mestrado em antropologia da UFRN. Pesquisa concepções de saúde entre os Potiguara. Professor da língua tupi em uma escola indígena na Paraíba.

O texto apresenta o trabalho final do curso Teoria Antropológica Contemporânea ministrada pela Professora Ana Gretel Echazú Böschemeier no semestre 2021.2 do PPGAS/UFRN.

“Todas as histórias são grandes demais e pequenas demais”. (Haraway, 2016)

Pretendemos a partir de autoras que encaminham um debate epistemológico descentrado no âmbito da antropologia (La Cadena, 2019; Haraway, 2016; Todd, 2015) tematizar alguns aspectos da cosmopercepção Potiguara. A elaboração da reflexão partiu da análise de uma peça artesanal, precisamente um tecido em juta natural bordado com linhas coloridas inspirado na obra da Violeta Parra (1917 – 1967).

Para construir esta abordagem ocorreram diversos momentos de trocas com os colegas do curso Teoria Antropológica Contemporânea na UFRN. O artefato apreendido como um texto (La Cadena, 2016) possibilitou abordar concepções sobre saúde nas práticas cotidianas mediadas através do Toré. Na experiência Potiguara uma representação cosmológica relacionada com os aspectos de saúde (inclui a dimensão espiritual) envolve a flecha que é cantada nos ritos do Toré. A figura da flecha ocupou a maior parte da peça artesanal, além da árvore tão emblemática na obra artística da Violeta Parra.

Para tecer a reflexão sobre os sentidos dados à flecha, consideramos um conjunto de narrativas tomados como parte de uma história oral (Haraway, 2016), que é reconstruída, contextualizada e tornada específica na cosmopercepção Potiguara.



A flecha emergiu como um dos componentes de um saber presente na dimensão não-humana mencionada e vivenciada nas canções do Toré nas aldeias Potiguara (1).

As escolas oferecem educação escolar indígena dentro dos parâmetros curriculares e de acordo com as especificidades do povo indígena. Vivencia-se o aprendizado. A maioria dos professores possui o Ensino Superior. A língua Tupi Potiguara é ofertada aos alunos desde a Educação Infantil ao Ensino Médio. Como parte das “performances cosmológicas” Potiguara, o Toré é vivenciado diariamente no âmbito escolar, como meio de proteção nas ocasiões de chegada e de saída para o livramento dos mesmos; o que pode ser lido também como atitude crítica e integradora “para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Para alguns não indígenas o Toré exhibe uma forma de apresentação cultural folclórica. Escrever sobre o tema nos coloca na posição de colaborar com “estratégias permanentes de contestação, despossessão, ordem jurídica nas epistemologias indígenas (não somente “Folklore”)” (Todd, 2015 p. 55). Os trechos a seguir são “pontos” de Toré em Tupi Potiguara e sua tradução para o português. Os trechos são explanados por Pedro Ka’aguasu Potiguara, um dos autores deste texto, que também fez a transcrição das narrativas que contam sobre os antepassados.

(1) Os Potiguara possuem uma população superior a 20 mil indígenas vivendo em 32 aldeias situadas nos municípios de Baía da Traição, Marcação e Rio Tinto, no Litoral Norte do Estado da Paraíba. A organização política mantém um cacique em cada aldeia, um cacique geral e várias lideranças indígenas. O Povo Potiguara tem resistido a invasão das três Terras Indígenas. A TI Potiguara de São Miguel (Baía da Traição) e a TI de Jacaré de São Domingos (em Marcação), são homologadas e registradas. A Terra Indígena de Monte Mor apenas é declarada, não homologada pelo Governo Federal, situação que reflete a questão indígena no Brasil. Os Potiguara se relacionaram com os primeiros órgãos estatais de política indigenista (séc. XX), contudo, a questão fundiária segue indefinida.

Fotografias do processo de construção da peça artesanal.
Acervo pessoal dos autores, 2021

(T'IANHE'ENGAR?)

Asó oíei ka'ape; Asó eíra t'aiar
Osyk kuribokĩ Tupyia esapy'a
Kuriboka Juremĩ aporasei nde Toré
T'aiépyrõ, Jurema, Kanindé ru'uba ri (bis)
A'e kanindé, a'e Kanindé
Taseityk Jurema'yba kanindé resé (bis)

(VAMOS CANTAR?)

Minha caboca de pena,
Eu dancei no seu Toré
Para me livrar das flechas
Dos Tapuio Canindé. (BIS)
Rei Canindé, ou Rei Canindé
Palmas de Jurema Pro Rei Canindé. (BIS)

Contam os nossos ancestrais Potiguara que havia dois irmãos gêmeos vivendo na mesma aldeia. Ocorriam guerras constantes entre eles. Certo dia, o parente Tapuia Canindé resolveu dividir a aldeia. E assim o fez, transformando em duas aldeias Potiguara. Cada um dos irmãos se tornou Cacique, muito conhecido na época por 'REI'. A distância que separava cada aldeia era dois dias de viagem (a pé) e mesmo distante, eles continuavam a guerrear entre si. Só que essa guerra não era uma briga entre os dois grupos e sim, era uma briga de feitiçaria.

Quando no Rito do Toré Potiguara canta: “Minha caboca de pena, eu dancei no seu Toré, para me livrar das flechas, dos Tapuio Canindé”, esse ritual do Toré era uma forma dos parentes fechar o corpo contra as investidas das flechas enfeitiçadas que vinham do Tapuio Canindé para prejudicar seu irmão Rei Canindé. O parente Tapuio Canindé enviava suas flechas com feitiço venenoso e os Reis Canindé as transformavam em animais, em árvores. Contudo, algumas vezes, as flechas enviadas pelo Tapuio Canindé eram fortes e, quando pegava em algum parente da aldeia, ocasionava a morte física. Mas, o Rei Canindé, em defesa, mandava de volta a flecha que foi lançada pelo seu irmão, e quando chegava no local de origem, muitos parentes também vinham a óbito por causa da própria feitiçaria. Quando cantamos: “Rei Canindé, ou Rei Canindé, Palmas de Jurema, Pro Rei Canindé”, e ao final do rito, “palmas de Jurema pro Rei Canindé” é uma forma de agradecer pelas vidas poupadas que o Rei Canindé salvou. O Tapuio Canindé sempre foi mal, *agorento* e perverso. Já o rei Canindé era bondoso, generoso, honesto e correto.

Os dois reis, Tapuio Canindé e o Rei Canindé, morreram no mesmo dia e na mesma hora. Os filhos deles ocuparam a posição de cacique nas aldeias. Eles fizeram um acordo para que cada aldeia doasse um *kurumí* (menino) e uma *kunhataí* (menina) para que se casasse e selasse o pacto. As duas aldeias ficaram pacificadas sem brigas entre os parentes. Nesse caso, quem sonha com o parente Tapuio Canindé pode lançar a flecha enfeitiçada contra os parentes ou não. Quem sonha com o Rei Canindé vai saber como se livrar das flechas enfeitiçadas e como transforma-las em sabedoria.

Fotografia da peça artesanal. Acervo pessoal dos autores, 2021



(T'IANHE'ENGAR?)

Ixé aguapyk itápo'ipe, aba reía osenõiuakar
kunhã kuriboka, kunhã-poranga
maratekoara xe Jurema (BIS)
Ybyrapara u'uba abé no
aroporasei tasenoiuakar
kunhã kuriboka, kunhã-poranga
maratekoara xe Jurema (BIS)

(VAMOS CANTAR?)

Tava sentado na pedra fina
O rei dos índios mandou chamar (BIS)
Caboca índia, índia guerreira
Caboca índia do Juremar. (BIS)
Com meu bodoque eu sacudo as flechas
Com minha flecha, vou arriar! (BIS)
Caboca índia, índia guerreira
Caboca índia do Juremar. (BIS)

Nesse rito de Toré destacamos a expressão: “tava sentado *na pedra fina...*” Se trata de um tipo de pedra usada para amolar facas, foices e machados. Objeto comum nas casas dos parentes nas aldeias Potiguara. Quando o ‘REI’ dos índios chama, é como se fosse o cacique da aldeia para que você fosse dançar o Toré de limpeza do seu corpo. Nesse ritual é necessário descarregar toda a sua raiva, a inveja, o quebrante, mal olhado. Nesse sentido, se poderia ver as coisas que estavam para vim contra. Quando canta: “com meu bodoque sacudo as flechas, com minhas flechas, vou arriar”!... Significa dizer que se vai derrubar todas as forças do mal e vai “arriar ou radiar”, entrando para o mundo dos encantados. Para nós Potiguara, os piores sentimentos são esses citados, principalmente a “INVEJA” que destrói todo sentimento de parente que tanto usamos entre nossos irmãos biológicos ou não (Pedro Ka’aguasu, 2022).

A grafia do termo Toré com a inicial maiúscula neste texto constitui um posicionamento crítico (2). No léxico brasileiro o termo aparece identificado como um substantivo masculino cujos significados remetiam a: “trombeta indígena, dança indígena” e apareceu ainda como uma “religião indígena”. Nos aproximamos da autora La Cadena (2016) quando questionou o lugar dos indígenas atuantes politicamente nas narrativas da *História* e da *história* como “*sujeto, como forjador de la historia y sin embargo invisibilizado...*”. Nessa acepção, conforme aqui apresentado, a visão dos próprios indígenas transcende esses significados. O Toré constitui uma instituição múltipla e valiosa entre os povos, sobretudo no Nordeste brasileiro. *No ritual o Toré aproxima e faz entrar em consonância com os encantados. E nesse radiar, pedir proteção, livramentos cantados no rito do Toré* (Pedro Ka’aguasu, 2022).

Parnamirim, 15 de março de 2022

(2) Observamos que os(as) antropólogos(as) alternam a grafia do termo Toré, mas não deixam claro porque o fazem. Contudo, na maior parte das produções antropológicas o termo aparece grafado com letra minúscula.

REFERÊNCIAS

DE LA CADENA, Marisol. Aperturas onto-epistémicas: conversaciones con Marisol de la Cadena, Helene Risør y Joseph Feldman *Antipod. Rev. Antropol. Arqueol.* No. 32 · Bogotá, julio-septiembre 2018 · ISSN 1900-5407 · e-ISSN 2011-4273 · pp. 159-177. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/antipoda32.2018.08>. Acesso em: 8 mar 2022.

DICIONÁRIO ON-LINE MICHAELIS. Busca pelo termo Toré. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/tor%C3%A9/>. Acesso em 12 fev. 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das letras. São Paulo. 2019.

TODD, Zoe. Indigenizing the Anthropocene. in: *Art in the Anthropocene: Encounters Among Aesthetics, Politics, Environment and Epistemology*. Heather Davis and Etienne Turpin, editors. Open Humanities Press. P. 241 – 254. 2015. Disponível em: https://law.unimelb.edu.au/_data/assets/pdf_file/0005/3118244/7-Todd,-Zoe,-Indigenizing-the-Anthropocene.pdf. Acesso em: jan 2022.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, capitoloceno, plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. *Clima com Cultura Científica - pesquisa, jornalismo e arte* I Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4197142/mod_resource/content/0/HARAWAY_Antropoceno_capitaloceno_plantationoceno_chthuluceno_Fazendo_parentes.pdf. Acesso em: 15 jan 2022.

Fotografia da peça artesanal. Acervo pessoal dos autores, 2021





Fotografia da peça artesanal. Acervo pessoal dos autores, 2021

CONHEÇA UM POUCO MAIS DO TORÉ

A seguir, dois ritos do Toré, gravados por Helson Potiguara, em maio de 2025

Primeiro rito

Kamusi kuationasara
'ybotyporangeté
T'oikobé Tupã xe ruba
Maria membyra bé

Quem pintou a louça fina
foi a flor da maravilha
Pai, filho, Espírito-santo
Filho da Virgem Maria

Escaneie para ouvir o primeiro rito



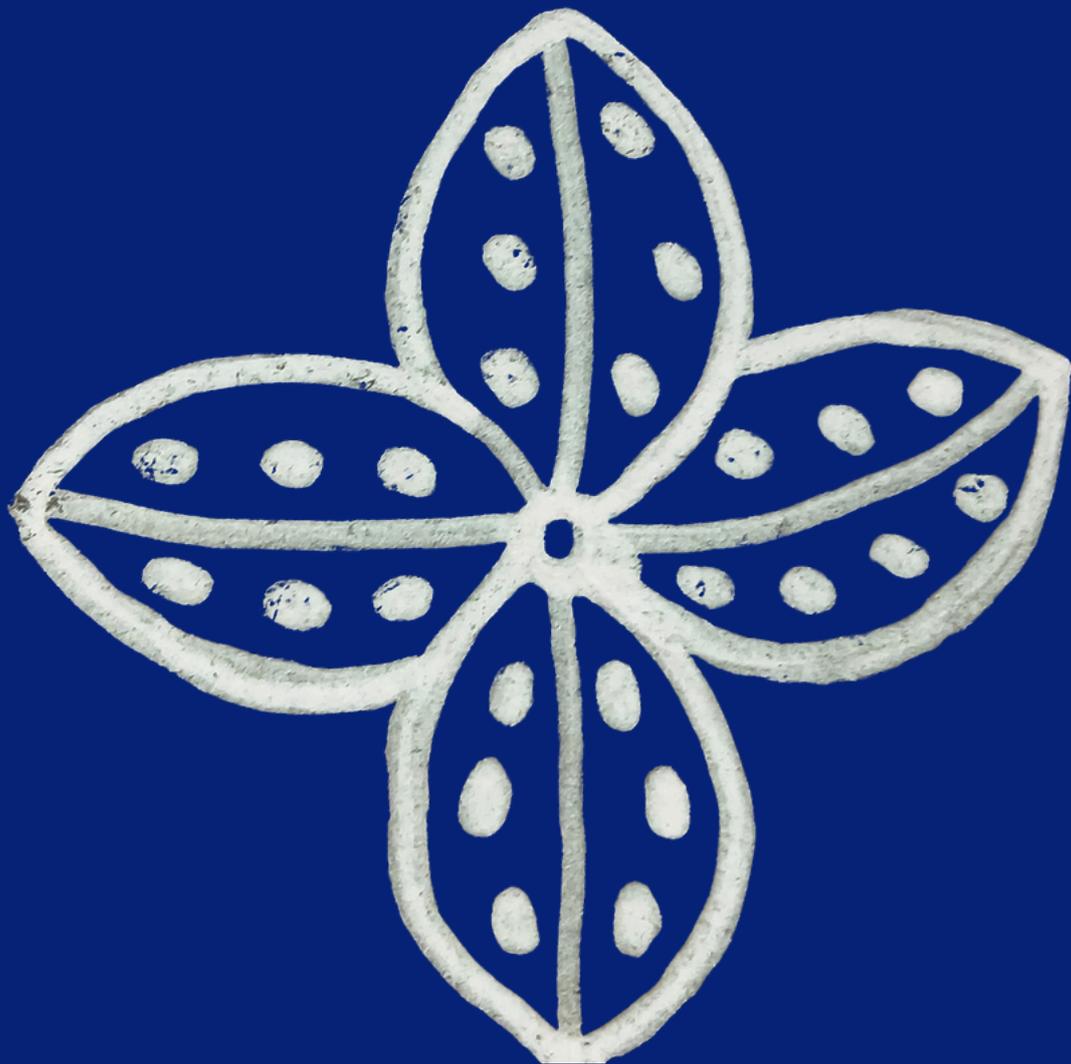
Segundo ritual

Tupãsyporangeté
eimomboropámarana*
Tupãsyporangeté
xesyangaturama
Reina, reina, reina,
Reina, reina, rei oh
Tupãsyporangeté
esepiákókunumĩ
Ixémorubixaba
kueiba'ekunhataĩ

Oh mãe de Deus
arreda os males*
Oh mãe de Deus
Minha mãe soberana
Reina, reina, reina,
Reina, reina, rei oh
Oh mãe de Deus
olha aqui meus kunumĩ
Eu sou morubixaba
ela é kunhataĩ

Escaneie para ouvir o segundo ritual





A flor
(Desenho inspirado nas artes utilizadas para adornar as casas em
comunidades Changana, ao sul de Moçambique)
por Carlos Pereira, 2025

“Uma vida é pouco pra fazer música” - Conversa com Reginaldo Bessa

por Reginaldo Bessa e Beatriz Bessa

No primeiro semestre de 2025, Beatriz Bessa ministrou a disciplina “Processos de Musicalização”, com a temática “Relações Étnico-Raciais: práticas e pensares”, no curso de graduação em Música do Instituto Villa-Lobos, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Como parte das atividades, ela convidou o músico Reginaldo Bessa para que promovesse um bate papo interativo sobre essas vivências com a turma. Reginaldo é professor de música aposentado do município do Rio de Janeiro, licenciado em música pela Unirio, cantor e compositor de inúmeras obras que versam sobre a cultura afrodescendente, além de muitas outras experiências musicais.

O encontro aconteceu em 28 de maio de 2025 e, além de uma oportunidade de diálogo e troca de experiência com a turma de graduandos, foi momento de celebração da vida, da trajetória e da produção de Reginaldo e do que sua obra representa para a comunidade negra brasileira. Foi, também, uma oportunidade de refletirmos sobre legado e continuidade, uma vez que estavam lá Reginaldo e Beatriz, pai e filha, juntos, compartilhando, gentilmente, memórias e vivências que, embora pessoais, inspiram a pensar sobre identidade e racialização; memória coletiva e pertencimento; e sobre o corpo negro, enquanto corpo político, produzindo arte no Brasil.

*Fizemos a transcrição deste encontro e compartilhamos aqui neste texto, publicado também na revista *Cyências e Tecnologias Orygynárias*, da URFJ, nossa parceira. Esperamos que o relato deste encontro possa inspirar a outras pessoas, assim como foi tão potente para todos nós que estivemos juntos ali naquele momento.*

Beatriz: *Gente, hoje a nossa aula vai ser com o Reginaldo Bessa. Em setembro ele faz 88 anos de vida. Ele vai contar pra vocês quantos desses anos são de música. E eu acho que a contribuição dele pra nossa aula, pra nossa disciplina, é porque ele adora contar histórias, ele adora conversar, e ele tem muitas experiências de vida que estão muito interligadas a muitas coisas que a gente tem discutido durante esses meses: na questão da educação musical, ele foi professor do município do Rio de Janeiro; a questão da negritude na música popular brasileira, ele vai cantar, nós vamos cantar juntos algumas dessas músicas.*

Ele vai contar algumas das histórias de algumas dessas músicas, também, pra gente compartilhar. Como é que foi esse processo criativo e como foram os processos conflituosos também por estar compondo músicas dessas temáticas. Ele foi estudante aqui da Unirio. Ele vai contar; não exatamente nesse prédio, mas também ele é licenciado em música pela Unirio. E algumas, também, experiências de vida enquanto músico, né? Enquanto instrumentista, compositor, cantor, jinglista.

Então acho que... a ideia, gente, é como a nossa aula é. Não vai dar uma palestra de 40 minutos e as perguntas são depois. Hora que vocês acharem que é legal fazer algum comentário, fazer alguma pergunta... E aí vocês vão falando as experiências, fazendo perguntas, tudo no meio, né?

Boa noite. É um prazer muito grande estar com vocês aqui. Não só pelo ambiente que eu conheci, como estudante, né? Embora ele tenha sido em outro local, lá na praia do Flamengo, onde era o Instituto Villa-Lobos. Aliás, tem um título maravilhoso, Instituto Villa-Lobos. É tudo de bom como nome de escola. E contar pra vocês alguma das minhas experiências, para que sejam bem úteis pra vocês. E queria também que no curso da minha fala, de acordo com o assunto que eu fale, vocês façam perguntas. Não tenham receio de interromper, tá? Que aí até me ajuda pra falar aquilo que interessa a vocês saberem. Cada um pode perguntar o que quiser sobre o assunto.

Eu sou carioca, de família bem pobre, né? E isso já é um problema quando você resolve atuar, adotar a música como meio de profissão, porque todo mundo sabe que a música é uma coisa muito difícil. Você tem que batalhar muito, né? Todos nós temos muita dificuldade com música, depende muito do “quem indica”, se você tem dinheiro pra estudar, pra se manter e tudo isso. É uma profissão bem difícil, mas é uma das melhores que existe.

Eu até acho que a música é uma... uma representação da natureza, né? Porque ao longo dos séculos da existência do ser humano, as primeiras experiências de consolidar a música como linguagem vieram das primeiras experiências com a natureza. Os ruídos da natureza, ruídos que emocionam, ruídos que assustam, né? E esses foram que conduziram o ser humano a abranger, a dominar essa linguagem que é universal, maravilhosa. Os músicos se entendem em qualquer quadrante do mundo e o público entende qualquer música em qualquer quadrante do mundo. E assim foi que, mais ou menos aos 20 anos, eu consegui entrar na música de maneira profissional.

Eu tinha 12 anos, morava em Botafogo, e houve o casamento de uma prima minha em Petrópolis. Então havia lá aquelas festas que duram o dia todo, né? Aquelas tradicionais, tipo

roça, e eu lembro que havia um conjunto tocando, e eu fiquei hipnotizado. Era o bandolim, o cavaquinho, o violão, o pandeiro, aquele conjunto bem de... tipo de choro, né? E eu fiquei ali, maravilhado com aquilo. Nem lembro se eu comi algum doce da festa. Na semana seguinte, aqui no Rio, meu pai, sem me dizer nada, sem me dizer nada, chegou em casa com o violão pra mim, sem dizer nada. Eu fiquei louco com aquilo. Eu lembro que eu dormi três noites seguidas abraçado com o violão. Ele me deu o método que tinha naquele tempo, né? Método de posições... E ali eu comecei a entrar nesse caminho que foi o grande presente que Deus me deu.

Então eu comecei. Ele me ensinou... Ele batia um pouco de violão, assim, de maneira bem rudimentar. Aí comecei, ali, a tocar violão. Aí, quando eu tinha uns 15 anos, eu me lembro que bateu na minha porta um colega do ginásio que eu estudava. Ele veio, eu já morava na Penha, no Conjunto Habitacional do IAPI da Penha. E esse meu colega chegou de carro com o diretor do Braz de Pina Country Clube. E (disse) que tinha um baile, que tinha uma festa, um baile, e que eu tinha que tocar. Mas ele nunca tinha me visto tocar. Maluco o cara, né? Ele era acordeonista, tinha um conjunto e me chamou pra tocar, porque parece que o violonista não foi. Problema lá. Aí eu tava no banco de trás, com o violão, e comecei a solar uma música americana. Eu me lembro que ele virou pro diretor, assim, deu aquele sorriso: “problema resolvido”. Aí eu comecei a tocar no conjunto dele, né? Meu começo como músico. Tocava no Grêmio da Penha, daquele negócio todo. Aqueles clubes todos lá da Leopoldina, né? Eu comecei com música. Mas a música não dava dinheiro nessa época, né? Era tudo muito simbólico. Pintava um dinheiro de vez em quando, e eu, com 15 anos, eu comecei a trabalhar como office boy, estudar à noite, curso normal, tudo isso, né? E assim eu comecei com a música. Foi muito bom.

Fui levando a minha vida, até que, com 23 anos, eu conheci uma pessoa, uma argentina, me apaixonei e fui morar em Buenos Aires. E lá em Buenos Aires, ela moveu uns pauzinhos lá, e eu me apresentei no programa de televisão. Era o programa *Sábados Circulares de Pipo Mancerra*. Aí daquele programa, chamou a atenção, cantando Bossa Nova. Aí eu fui cantar em outra televisão. Aí o cara da CBS me chamou, companhia de discos, o disco está aí, né? (pergunta à Beatriz) Aí foi... Foi o meu primeiro... O primeiro disco que eu gravei, com a Bossa Nova.

Beatriz: *Você tinha quantos anos aqui?*

Eu tinha 24 anos. Aí depois eu voltei para o Brasil, cheguei a gravar também na CBS aqui, um disco menor, que ela (Beatriz) não trouxe, que fazia muito, o tal compacto. Tinha compacto, compacto duplo...

Beatriz: *Mas você está na Argentina ainda?*

Não, eu voltei para o Brasil. Aí gravei na CBS do Brasil.

Beatriz: *Só uma história que eu queria que você contasse para eles, a história do estabilizador. Foi na*

Argentina?

Ah! Eu cheguei lá, não sabia falar... Não sabia falar castellano, não sabia falar espanhol. Mas eu tinha que arranjar um serviço, né? Aí eu consegui ir para uma agência de publicidade, e a recepcionista me atendeu muito bem, mandou servir cafezinho, água e tudo isso. “Senta aí que o senhor Golov (Golov é o nome do diretor da empresa) vai atender o senhor”. Fiquei até surpreso, com tanta amabilidade, né? Aí eu cheguei na sala de reunião, ele botou um aparelho na mesa, assim: “O senhor é brasileiro, né? Eu tô com um problema aqui, que é esse produto. Quero fazer uma música pra botar na televisão, e eu não consigo ninguém fazer essa música aqui em Buenos Aires. É o *estabilizador de tension para televisor Italavia 63*. Aí, de repente, o senhor consegue resolver”. Falei: “é comigo mesmo, vou fazer”. Aí, eu não sabia direito a língua, né? Aí eu fui pra casa, tava precisando, já tava precisando de dinheiro pra comer, né? Já tava casado, recém casado. Aí eu fiz a música e foi assim, um sucesso. Os caras ficaram loucos com a música. Assim...

Escaneie o código QR ao lado para ouvir o áudio.



*Capa do disco Amor en Bossa Nova, de
Reginaldo Bessa.
Fotografia por Carlos Pereira, 2025*

Assim que eu comecei a minha carreira de jinglista, que depois foi uma atividade que eu exerci muitos anos aqui no Brasil. Então foi esse o começo, e fui muito feliz lá, fiquei lá dois anos, mas voltei pra Rio de Janeiro com a minha esposa e, aqui, eu comecei a tentar gravar, gravei na Fermata, gravei na CBS e depois vieram os festivais. Festivais da Canção, que começaram. No Festival Internacional da Canção, que eu participei em 66, 67, 68 e 70. Muitos festivais. E sobre essa geração dos festivais, eu queria fazer um comentário que foi colocado por alguns críticos aí de música, dessa geração que surgiu nessa época, nos anos 60, e que até hoje ainda comanda a música brasileira no item da qualidade, da coisa “a música boa”, né? Você vê aí, Milton Nascimento, Edu Lobo, Francis Hime, Marcos Vale, Caetano, Gilberto Gil, Chico Buarque de Holanda, né? São pessoas que vieram de uma época que coincidiu também com o tipo de ensino de música que se fazia no Brasil, nessa época. Eu, quando estudava primário, aqui em Botafogo, escola municipal, escola pública, do primeiro ao quinto ano, que naquele tempo eram cinco anos de primário, havia a cadeira de canto orfeônico.

A gente cantava os hinos, cantava músicas folclóricas, tinha a divisão de naipes, né? Naquele tempo tu dizia soprano, tenor... era primeira, segunda, terceira e quarta voz. Depois, no ginásio, durante dois anos, eu também estudei canto orfeônico. Então, eu tive contato com a música, como aluno, sete anos. Isso mudou muito uma geração que teve acesso a esse tipo de ensino que hoje é mais precário, né? Porque nas escolas particulares não é obrigatório o ensino da música. Aqui no Rio de Janeiro, parece que ainda é, faz parte da grade, né? De maneira mais simples assim, mais que não dá nota. Mas na minha época, contava como nota. Agora é mais uma atividade paralela, né? Então, esse tipo de ensino que esse pessoal teve, como eu tive, moldou uma geração de músicos excelentes, que estão até hoje aí. Não é à toa, né? Essa gente tão bacana.

Então, eu participei pelos festivais e depois fui tocando a minha vida. Fiz muitos jingles, tive uma empresa de jingles. Eu tinha uma empresa. E aí, fui fazendo as minhas músicas, fazendo o que me dava uma vida independente muito boa. E foi assim que a minha carreira se delineou, como até hoje faço as minhas coisas, né? Coloco na internet, tudo isso... O tipo de música que se faz hoje é um pouco discutível, né? O nível... tem um nível que... não vou criar critério de valor aqui, mas é um tipo de música mais baseada na atitude, na roupa, na beleza, na postura, né? Postura sensual, tudo isso, né? Então, isso domina comercialmente a música hoje no mundo inteiro. Mas continua um naipe de música de muita boa qualidade, no mundo inteiro também, que é uma parte muito importante da cultura universal que é a música.

Beatriz: *O Nei Lopes ele começa trabalhando nessa sua empresa?*

É, o Nei Lopes, que é um compositor muito consagrado hoje, ele foi trabalhar como meu auxiliar lá na minha empresa, como redator, né? Para fazer letras de jingles. E depois nós fizemos a primeira música.

Beatriz: *Só um comentário, ok? Que tem essa coisa da música atual e da música de grandes compositores, mas a música de vocês, Figa de Guiné, que estava ali também meio escondida, foi trazida de volta por uma pessoa que tem, foi a MC Tha, né? Que tem, talvez, a postura mais sensual*

e mesmo assim ela trouxe essa música.

É verdade. Essa música foi feita em 1972 e agora tem aí não sei quantos milhões, no mundo... traduções da música Figa de Guiné no mundo todo. TikTok está lá, tantas milhões de visualizações. E essa música foi engraçada, foi uma música encomendada.

Beatriz: Alcione gravou em que ano essa música?

Foi em 72. Chegou para mim o Roberto Menescal, ele era diretor da PolyGram, naquela época, gravadora, e o meu escritório era ali na Cinelândia, na Santa Lúcia. E a gente se encontrava sempre por ali. Todo pessoal de música circulava muito por ali, naquela região do centro da cidade. Aí ele contou: “puxa Reginaldo, que bom que eu te encontrei aqui. Eu estou com uma cantora aí, que ela é uma cantora da noite e eu quero fazer um disco com ela. Ela é cantora jazzística. Ela é cantora jazzística e eu queria colocar ela na área do samba. Você pode fazer uma música para mim?” Aí eu cheguei no escritório e: Oh, Nei, vamos trabalhar. Tem uma cantora nova aí que a gente tem que fazer uma música para ela”. E foi feito o primeiro compacto da cantora Alcione. Foi assim que começou o “Figa de Guiné”, que é essa música nossa que agora está tendo bastante evidência. No segundo disco dela fizemos uma música para ela que foi a música “Tem Dendê”. Mas a “Figa de Guiné”, para minha surpresa, ela voltou e não voltou como saudade, ela voltou como coisa nova e na área dos jovens. Na Indonésia cantando a música; outro lá da Bulgária... Outro dia pediu um cantor francês, fez uma versão e pediu a Warner, que é a minha editora, para lançar a música. Então foi uma coisa muito bacana. É uma música que representa uma coisa importante que é a religiosidade negra, se além a isso. Quer que cante a música agora?

Beatriz: Que tom você fez?

Eu fiz em Mi menor.

Beatriz. Podem pegar os instrumentos!

Escaneie o código QR ao lado para ouvir o áudio.



FIGA DE GUINÉ
(Nei Lopes e Reginaldo Bessa)

Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é
Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é

Sou da fé, cabeça feita
Axê, axé
No peji do candomblé
Axê, axé
Tenho o meu corpo fechado
Axê, axé
Da cabeça até ao pé

Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é
Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é

Vai com calma, te segura
Axê, axé
Quem avisa amigo é
Axê, axé
Quem não pode com a mandinga
Axê, axé
Não batuca opanijé

Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é
Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é

Onda forte não derruba
Axê, axé
Nem machuca quem tem fé
Axê, axé
Vou nas águas do meu santo
Axê, axé
Na enchente da maré

Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é

*Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é*

*Da Bahia me mandaram
Axé, axé
Minha figa de Guiné
Axé, axé
Com as bênção de Caymmi
Axé, axé
Jorge Amado e Caribé*

*Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é
Quem me vinga da mandinga é a figa de Guiné
Mas o de fé do meu axé não vou dizer quem é*

não vou dizer quem é... não vou dizer quem é...



*Capa do disco Passageiro do Vento,
de Reginaldo Bessa.
Fotografia por Carlos Pereira, 2025*

Então foi assim que a minha carreira de compositor, digamos... porque a música não tem tempo... a música quando tem um conteúdo que tem significado, que é o caso dessa música num momento em que se fala tanto da negritude, da afirmação da negritude, dos problemas que envolve no mundo todo a questão da negritude, e sendo essa música uma afirmação religiosa do que nós, negros, temos, não todos, mas uma grande maioria no Brasil, que é um país predominantemente negro. Não tem como resolver isso. Na Bahia, por exemplo, 80% da população é negra, não temos como esconder isso, essa afirmação da permanência da crença negra, apesar de toda a perseguição que houve durante a escravidão, que eles já eram proibidos de exercer seu credo, né?

Eu me lembro, eu me lembro como se fosse hoje, o carnaval durante a época da ditadura militar, carnaval... Era carnaval, na Rio Branco havia um grupo de negros fazendo um som, um som, aquele som que vocês sabem como é que é, é poderoso, né?! Vem a polícia e mandou parar. Era carnaval, mandaram parar... uma coisa, uma perseguição bem evidente, né? Então, sempre se procura o estabelecimento, *establishment*, se diz assim, da cultura vigente, a dominadora, né? Procura sempre de demonizar essa questão da religiosidade negra, que é autêntica, que é válida e tem que ser exercida, né? Tem que ser exercida. Então tem que existir junto com outras religiões, né? Todas as religiões têm o direito de existir, mas a do negro sempre é colocada como uma coisa meio marginal, demoníaca, né? Então isso, isso é oficial, na verdade, né? Mas ela resiste e vai permanecer, e nossa música, na verdade, deu uma pequena contribuição pra isso, né? Tanto que, no TikTok, de vez em quando aparece uma pessoa: “não canta essa música, essa música é música demoníaca”...

Beatriz: *Até hoje acontece?*

Tem! No TikTok tem uma mulher que é negra, inclusive, que deve ser pentecostalista, né? Religião pentecostalista, né? Tenho ótimo respeito, não tenho problema nenhum. Mas eu não permito que, sempre categorizam a nossa, nossa religião como fora do contexto, né? Mas, vai continuar, e apesar da perseguição, da perseguição, do preconceito, ela tá aí. E essa música aí, como tantas outras, de outros autores, tem esse mérito, né? Não digo mérito, né? Eu não vou falar em mérito. Essa... essa posição, que responde por isso.

Estudante: *A Unirio era na praia do Flamengo na época da ditadura militar, né?*

Sim, vou falar sobre isso agora. Importante: eu fiz o vestibular pra Unirio, pro Instituto Villa-Lobos, em 1970, e junto comigo, como era uma coisa nova, entraram vários nomes da música brasileira: o Carlos Imperial, que era produtor, Paulinho da Viola, muita gente entrou... Aquela que toca com Quarteto em Cy, Célia Vaz... A Laura Ronay, também, que é uma grande... Muita gente... o sobrinho do Radamés Gnattali, Roberto Gnattali, muita gente profissional de música e já com a carreira instituída, né? Então, o diretor era meu Xará, Reginaldo, tu lembra do sobrenome dele (pergunta à Beatriz)? 1970, em plena ditadura militar, né? Mas ele era um esquerdista, né? Então, ele não durou lá. Tiraram ele. Então, todo mundo que era da música, saiu fora; eu também saí.

No primeiro ano, fiz o primeiro ano, saí em protesto, porque assumiu um general, diretor do Instituto Villa-Lobos, que não sabia nada de música, não sabia nem o que era Do Re Mi. Uma coisa absurda, né? Aí, nós saímos. Mas, três anos depois, ou dois anos depois, eu pensei: “poxa, eu comecei um curso que eu adoro, cara. Vou voltar lá mesmo com o general, lá. Eu vou voltar pra completar meu curso”. E voltei. Acho que eu fui o único que voltou, mais ou menos. Os poucos que voltaram fui eu. E eu comecei até o meu curso de engenharia de som, que havia lá. Mas eles fizeram a modificação e colocaram tudo como licenciatura. Eu tinha que fazer uma adaptação, e comecei, e concluí a minha licenciatura. Foi muito bom, foi a coisa mais importante que eu fiz na minha vida. E me lembro do ambiente que era da escola de música.

Você passava no corredor, ouvia uma flauta, ouvia um trompete, ensaiando. As pessoas no corredor conversando sobre música, né? O festival de música que havia lá, até ganhei em primeiro lugar, o festival de música que teve lá, em parceria com o Nei Lopes também. E era uma coisa muito linda, né? Dá saudade até hoje, esse ambiente de você passar no corredor e ouvir aqueles sons, aquelas pessoas. As aulas de canto coral... todo mundo no auditório cantando com a partitura e tudo isso. Foi maravilhoso, uma coisa, assim, incrível.

Foi bacana que depois, sendo que nessa época, o Instituto Villa-Lobos era uma escola federal independente. Então você tinha várias escolas. A Escola de Medicina e Cirurgia, a Escola de Biblioteconomia. Então, a entidade era “Federação das Escolas Federais Independentes”. E depois foi que surgiu a Unirio, que veio pra cá. E tá tudo certo. Tem uma neta minha que tá estudando museologia. Ela (Beatriz) que tá fazendo doutorado. Então é uma entidade muito ligada à minha vida e à minha família. Muito legal isso.

Estudante: Como que era nesse período da ditadura pra produzir samba e letras que falam de negritude e da cultura negra?

Era complicado. Era complicado, muito complicado. A censura era muito, muito acirrada, né? Quando fazia um show, ia o censor lá ver o repertório... era uma coisa bem difícil, bem difícil. Você tinha que discutir, explicar, porque eles descobriam o pecado em tudo... Os pecados políticos, né? O pecado político em tudo. era muito difícil. Muito difícil... Houve artistas que foram muito perseguidos, como Taiguara, né? O próprio Chico Buarque. Muito visados, né? Pessoas muito populares. E eles consideravam que era ameaça às ideias, as chamadas como ideias deles lá. Era bem difícil. Bem difícil.

Beatriz: E, assim, tem um estudioso, Bocskay, que fez uma pesquisa desses documentos da ditadura.

Estudante: Ah, sim! Ele fez uma série de documentos pro O Globo, né? Ele tava fazendo um livro sobre o samba na ditadura militar, né? Eu tava lendo outro dia isso.

Beatriz: Então, uma das músicas que foi censurada e que tá no livro é uma música dele (Reginaldo) com Nei Lopes. E aí, inclusive, no livro, tem a foto da letra. Daqui a pouco você canta ela. E tem do lado a anotação, que era feita de caneta. E aqui foi a resposta da ditadura porque que censurou essa

música: “a consideração superior, por considerar que a letra, em pauta, tem pretensões de divulgar ideias racistas, com a frase ‘mais um negro que se põe a caminhar por uma estrada de agressão’. No caso, mais os negros do Brasil, numa luta pró-poder negro, problema que felizmente não é nosso, pois todos somos iguais, gozamos dos mesmos direitos e temos os mesmos deveres. 4 de novembro de 71”. Esse é o texto.

Estudante: O cara deu voltas e voltas e voltas pra dizer que a música é de preto.

Estudante: Parece uma resposta bem debochada.

Beatriz: Mas é porque se divulgava isso, da democracia racial. O Gilberto Freire plantou isso lá no “Casa Grande e Senzala”, que aqui nós somos um país multicultural. As três raças que convivem. A nossa riqueza, a nossa cultura é graças a essa mistura das três raças, que não foi uma mistura violenta, é uma mistura apaziguada. Todo mundo consegue se dar bem. Porque na época tinha o racismo nos Estados Unidos, que aí tinha lugar de branco e lugar de preto. Então, aqui, como não tinha essa separação legal, não, então não existe racismo. E eles dizem que a letra dele (Reginaldo) com Nei Lopes é uma letra racista, que tá falando de racismo. Tributo a Cassius Clay.

Vamos nessa? Tributo a Cassius Clay. Essa letra foi interessante porque eu conheci o Nei Lopes ele ainda não trabalhava comigo. Foi depois que ele foi trabalhar. Eu conheci o Nei numa casa de um amigo. E eu tinha uma ideia de fazer uma música chamada Tributo a Cassius Clay. Falei: “Nei, faz uma letra que eu coloco música. Ele fez a letra e eu coloquei a música. E teve essa dificuldade toda. O Cassius Clay depois virou o Muhammad Ali. Mas eu não quis trocar o título da música porque quando eu fiz a música ele era Cassius Clay. Entendeu? O Muhammad Ali veio depois, não tinha sentido eu trocar a letra, o título da música por causa disso.

Escaneie o código QR ao lado para ouvir o áudio.



TRIBUTO A CASSIUS CLAY
(Nei Lopes e Reginaldo Bessa)

One, two, three
A contagem progressiva
Four, five, six
No piano soa um velho blues
Seven, eight, nine
É mais um soco na vida
Ten

One, two, three
A contagem progressiva
Four, five, six
No piano soa um velho blues
Seven, eight, nine
É mais um soco na vida
Ten

No punho um som, no peito um sonho
É mais um negro que se põe a caminhar por uma estrada de agressão
Que eu não sei não onde vai dar, nem se vai dar
Não sei se chego ao Alabama, não Joanesburgo ou Salvador
Quando a contagem é progressiva
Tira a luva, vive a vida
E não esquece teu valor

One, two, three
A contagem progressiva
Four, five, six
No piano soa um velho blues
Seven, eight, nine
É mais um soco na vida
Ten

One, two, three
A contagem progressiva
Four, five, six
No piano soa um velho blues
Seven, eight, nine
É mais um soco na vida
Ten

*No canto encanto da contagem progressiva
Que se opõe ao que se vê
Um, dois, três, quatro, dez segundos
Para o mundo ver que eu sou tão você
Aperta a minha luva meu irmão
Ergue teu braço para o ar, Ergue teu braço para o ar
Quando a contagem é progressiva
Tira a luva, vive a vida
E não esquece teu valor*

*One, two, three
A contagem progressiva
Four, five, six
No piano soa um velho blues
Seven, eight, nine
É mais um soco na vida
Ten, Ten, Ten, Ten*



*Capa do disco Outro tempo, outro lugar, de Reginaldo Bessa.
Fotografia por Carlos Pereira, 2025*

Então, são músicas que falavam de um assunto que tinha que ser tocado, mas a dificuldade foi muito grande. Pra poder passar, foi muito difícil, muito difícil. A gravadora teve que ir lá... foi gravado inicialmente pela Sônia Santos, que era cantora da Som Livre. Então, a Som Livre intercedeu e aí foi. Se fosse eu sozinho não ia conseguir nada. Ai conseguiram fazer... até apareceu no Fantástico a Sônia Santos cantando, foi muito legal.

Beatriz: *Em que ano foi isso?*

Esse disco aí é de 72.

Beatriz: *E como é que você foi parar na sala de aula?*

Bom, eu terminei o curso aqui na Unirio, no Instituto Villa-Lobos. Mas eu tinha uma empresa, né? Estava bem estabelecido. Eu não pensava em dar aula. Mas, já bem idoso, né? até foi você que me recomendou (diz olhando pra Beatriz), eu fiz um concurso para o município e passei no concurso, contra todas as vicissitudes... Já tava bem idoso, né? Mas queria dar aula de música e passei. E fui indicado para uma escola municipal ali na rua Itapiru, e ali é uma região muito, que até na minha época, se dizia que ali era a Faixa de Gaza, porque é uma série de favelas ali, comunidades. Então a minha clientela eram crianças com muitos problemas, com muitos problemas, com muitos problemas. Tensas, né? A própria escola, era a escola Estados Unidos, era uma escola que em várias partes dela tinha buraco de bala. Buraco de bala, uma coisa muito complicada, né? E quando havia algum embate, tiroteio lá, as crianças chegavam na aula muito, muito tensas, né? Uma coisa muito difícil. A maioria pretos.

Eu tive que pegar essa missão e tive que inventar uma maneira de fazer lá a minha atividade de uma maneira que não estava nos manuais. Era um público muito diferente do que se vê. A própria diretora, quando me recebeu, na primeira entrevista, ela perguntou: “O que você pensa fazer?” “Bom, vou ensinar música a eles... Canto coral, atividade musical”... “O senhor não vai conseguir! Eles não sabem nem usar o próprio corpo”! “Eu vou tentar, né”? E consegui muita coisa. Conseguir intuir que o primeiro passo que eu tinha que dar lá era me integrar com eles emocionalmente. Uma posição de participar da vida deles de maneira a apoiar as dificuldades que eles tinham. Então, comecei a trabalhar com eles canto coral. Eu me lembro que a primeira aula que eu fiz com eles, eu falei: “todo mundo com a cabeça colocada na carteira, em silêncio. Vamos aprender a ouvir. Vamos sentir o ambiente, o ventilador, as coisas que estão acontecendo lá fora, para vocês aprenderem a ouvir”. Então eu fiz isso e deu até certo, né? E ter uma relação amistosa com eles, né? Tanto que, depois de alguns meses, vem um aluno que eu peguei, alunos de sete anos, oito, nove... máximo de nove anos, e falou: “Oh, Professor, o senhor é diferente! O senhor é diferente”. Porque os professores tratavam os alunos com um pouco de distância, né? Mas eu conhecia bem e tinha informação do que era viver naquele inferno, né?

Eu consegui chegar no coração deles, fiz amizade com eles. Tinha dificuldade, mas conseguia contornar. Uma vez chegou uma menina muito rebelde na sala de aula. Vem a diretora, vem a mãe dela chorando, chorando ... Aí a diretora falou: “você quer que eu tire ela da sua aula?”

“Não, não, ela vai ficar aqui e vai sentar na primeira carteira”. Aí eu consegui controlar a menina, foi muito legal isso.

Aí eu cheguei pra diretora: “pode marcar o auditório pro dia das mães”? “Por quê”? “O coral vai cantar... o coral vai cantar”. “Coral”? “Vai cantar! o coral vai cantar”. Ela ficou me olhando como se eu tivesse maluco, né? Aí, vai cantar, porque eu tinha pegado duas músicas do Tim Maia e ensinei pra eles. Eles se interessaram muito, aquela de “chocolate, chocolate, chocolate”... E aquela “quando o inverno chegar, eu quero”... Eles adoraram essa música. Tinha todo o entorno de funk que era o habitat deles e eles se entusiasmaram e fizeram. Foi lindo, lindo, lindo, lindo, lindo, lindo! Ela (diretora) chegou na sala de professores, a cara amarrada, assim: “Gostei muito, gostei muito”.

Aí depois veio o dia dos pais... Aí foi problemático. Eu fiz uma música pra eles cantarem no dia dos pais. Aí tinha uma menina chorando, chorando no canto, chorando. “O que foi”? “Eu não sei quem é meu pai”. Eu falei: “Não chore, não! Você tem pai, sim. Eu sou teu pai. Se você tem tio, é teu pai. O pai é um afeto, um amor. Eu te quero muito, entendeu? Você tem pai, não deixa de ter pai. O pai não é uma pessoa, é um sentimento. Aí, como a menina conseguiu controlar, fez o dia dos pais. Foi, também, bastante interessante, mas problemático. Numa comunidade dessa, os pais são aves raras. Mas consegui fazer, e assim foi o meu trabalho com eles. E alguns de vocês, não sei se todos, vão ingressar no magistério e a grande oferta pra vagas do magistério é no ensino público. É mais comum, porque é um público muito numeroso. E vocês vão encontrar esse problema e eu recomendo a vocês começarem pelo afeto. Tem que haver um afeto primeiramente. Eles têm que entrar na vida de vocês, tem que tratar com afeto.

E quando eu saí de lá eu já estava perto de fazer 70 anos, aí tive que parar. Porque agora é 75, mas na minha época eram 70 anos, a aposentadoria. Eu tenho quilos de cartas dos alunos pra eu não ir embora. “Eu estou sendo mandado embora”. Os professores mesmo fizeram uma festa pra mim, reconhecendo que, apesar da minha idade, eu tinha me esforçado muito. Ficaram com a recordação da pessoa já de idade que conseguiu transmitir alguma coisa. Foi uma experiência maravilhosa. Eu recomendo a vocês, se vocês forem dar aula para crianças carentes, que é a grande maioria do Rio de Janeiro, comece pelo afeto, porque a resposta acontece totalmente. Esse é o primeiro, primeiro passo.

Estudante: Quería saber melhor da tua cronologia. Quando você começou a gravar, você já estava formado? Qual foi o momento? Você entrou na Unirio já tendo a sua carreira?

Já, eu era dono de empresa. Tinha uma empresa de jingles. Tive bastante sucesso como jinglista. Eu tinha sido, também, redator de propaganda. Então, eu consegui entrar no meio, o que é difícil. Eu lembro... Entrar em publicidade, naquela época... hoje é mais comum. Era muito difícil, era um meio muito restrito, e eu consegui entrar e depois sair para ter minha empresa de produção de jingles. Então, eu não pensava em dar aula. Depois eu entrei e gostei muito. Até que teria continuado, mas a idade chegou... Era impossível.

Estudante: *Qual foi o ano que você fez o concurso?*

Dois mil e seis. E só assumi em dois mil e sete. Foi bem difícil. Eu estava com muita idade, já tinha muita idade. E tinha que disputar com gente nova.

Beatriz: *Você tinha quantos anos para passar no concurso?*

Sessenta e nove. Fiquei alguns meses, seis meses. Mas a experiência foi, na minha vida, assim, brutal! Uma coisa, assim, que me proporcionou muito do Brasil, você estar na sala de aula. Uma coisa é você ler no jornal, ouvir falar. Mas você estar com crianças que estão ali... Porque, na verdade, a escola pública, não sei como está agora, passados muitos anos, era um depósito de crianças. E eu também dei aula, algumas vezes, para as classes especiais, que era maravilhoso também, com síndrome de Down e tudo isso. É uma coisa incrível! Tinha lá uma sessão e eu fui dar aula para eles. Era separado.

Estudante (para Beatriz): *Você já era professora nessa época, quando ele foi ser professor?*

Beatriz: *Já, eu já era professora de música e botei pilha pra ele fazer. Mas ele (Reginaldo) foi meu primeiro professor de música.*

Eu tenho muita sorte porque tenho ela (Beatriz) aqui, que é professora de música, tenho o meu filho que é cantor, cantor de escola de samba, meu neto, que o é filho do meu filho, já é cantor do Salgueiro... Dizem que o DNA funcionou! Eu tenho uma que mora em Barcelona; é a melhor cantora da família, mas não tem a vocação. Tem uma voz maravilhosa, canta divinamente, mas não tem a vocação. Porque música, você tem que ter o talento, mas tem que ter a vocação. Porque depende de muita luta, você entrar no mundo da música. É muito difícil. Não estou desanimando ninguém, não, porque vocês estão preparados para lutar. Depende muito de sorte. Não... sorte é uma palavra muito vaga. Sorte é uma palavra muito vaga e discutível. Mas funciona muito, a sorte!

Estudante: *O senhor chegou a ter contato com a Alcione, na gravação?*

Não, mas tive contato com outra que ela gravou. Ela gravou seis músicas minhas. Seis músicas minhas... Eu não sou de procurar muito, eu sou um tipo meio retraído. Então isso não me ajudou muito. Eu sou muito tímido, muito tímido. Então, não fico em cima do cantor. Mas tive, sim, contato com ela.

Estudante: *Como é que era para você conseguir instrumentos de qualidade?*

O primeiro violão bom que eu tive foi na Argentina. Eu mandei fazer com um Luthier. Muito bom. Nesse disco aí, "Amor e Bossa Nova", esse violão aí, muito bom. Vou contar a história para vocês, desse violão aqui. Eu canto sempre no bairro da Cinelândia, que é um evento de carnaval na Cinelândia, e eu canto lá há 20 anos. Eu faço show lá os quatro dias de carnaval. E esse ano eu estava meio impaciente com o meu maestro, que é uma orquestra; e o maestro, ele

tem dificuldade. Então não faz ensaio, não faz ensaio... Você quer mudar uma música, ele é resistente... Então, a minha relação com ele é bem difícil. Então, eu decidi que eu ia comprar um violão para tocar lá, elétrico; caso a orquestra falhasse, ter o violão. Aí, eu resolvi comprar um violão. Eram poucos dias antes do carnaval e eu me preparei para comprar um violão top, Takamine, de tipo quatro mil, cinco mil reais, top. Aí comecei a correr. O preço era esse, era esse preço aí. Eu fui na rua da Carioca, que tem muitas lojas de instrumentos. Aí eu procurei pelo Takamine. Aí, eu vi um violão, assim: “Que violão é esse aí? Que violão é esse aí?” “Ah, esse é um Tajima”. Comprei esse a mil reais. Aí eu peguei o violão. Quando eu peguei o violão, a leveza dele me encantou, porque o meu problema no show era ter um violão elétrico, para ligar eletricamente. O Takamine foi uma escolha para um violão de alta qualidade. Não, não, também não é top; um violão top é vinte mil; esse é, tipo, cinco mil.

Aí comecei a procurar, testar o Takamine. Aí, eu voltei e até comprei esse violão em Botafogo, e era mais barato que lá na rua da Carioca. Uma loja única em Botafogo, era o mais barato, olha só que surpresa! Porque na rua da Carioca você tem dez lojas de violão, então você imagina que lá, pela concorrência, o preço é mais barato. E essa leveza dele me encantou. Ele tem afinador aqui, ele não é um violão de grande, ohh!!! A madeira dele é ordinária! Mas a função dele, que vocês estão ouvindo agora, servia para mim. Eu tenho outro violão de Luthier, um violão bem caro que eu tenho em casa. Mas eu, esses últimos meses, eu só tenho pego esse.

Ele se tornou meu amigo. E, na verdade, eu até modifiquei um pouco a minha maneira de tocar. Eu consegui uma evolução, porque ele é levinho. Eu tenho até Ovation, tenho dois Ovation, que eu não pego mais nem!!! Porque são pesados, aquela coisa dos anos 70... É pesado. Então, essa leveza, para tocar ao vivo, com microfone... Sem eletricidade, o que eu tenho lá em casa é melhor. Tem violão até de 50 mil, mas é para concerto. Mas para ser só solução do show, é a minha maneira, porque ele é fácil, ele é leve, ele vai comigo para a sala facilmente. Ele é meu amigo. Recomendo Tajima. É Tajima, quarta gema. Inclusive, eu estou desenvolvendo até um estilo diferente de tocar violão. Está diferente... Estou tocando com mais facilidade.

Estudante: *Você continua compondo?*

Eu componho, às vezes. Eu não tenho dificuldade de compor. Eu mesmo não tenho um repertório assim, muito... eu devo ter, gravada, assim, umas 100 músicas. Já vejo compositor: “Ah, eu tenho 500 músicas, 700 músicas”. Mas isso não me atrai muito, não. Eu prefiro aprimorar as músicas que eu tenho. Porque o violão é um instrumento muito perfeito. Ele é pequeno, você conduz ele para onde você quiser e, dentro dele, você tem a orquestra. Você pode desenvolver vários estilos de tocar violão, entendeu? Eu consegui, por exemplo, no último ano, desenvolver o uso do mindinho, que nenhum intérprete de violão, no mundo, recomenda o uso do mindinho. O que que acontece? Então, o mindinho aqui, eu pensei: “É um peso morto”! E esse peso morto influencia os outros dedos; levemente, mas influencia. Ao você trabalhar esse dedo aqui, você já fortalece o anelar, e você tem a possibilidade de tocar os acordes com quatro dedos puxando, além do baixo. Então, eu já estou passando isso para ela

(Beatriz), estou catequizando ela para ela aprender. Ela é jovem, pode melhorar. Eu levei um ano fazendo exercício. Eu, atualmente, eu faço, com esses quatro dedos aqui, cerca de dez mil movimentos por dia. Eu tiro a manhã toda, ligo a televisão, aquelas porcarias que a televisão tem lá... Fico lá vendo aquelas bobagens, aqueles crimes, aquelas coisas lá... E fico aqui, ó! (dedilhando o violão) Só isso. Tem que ter saco! Fico lá horas fazendo isso e desenvolvendo. É outra coisa! Eu toco o violão de cinco dedos. Eu toco, atualmente, o violão de cinco dedos. É outra coisa. Não precisa usar sempre, mas certos acordes é outra coisa. Recomendo a todos vocês que tocam violão a perder um ano da vida; ganhar, na verdade. E aprender a usar o mindinho.

Quando você toca piano, você usa. Quando você toca acordeon, você usa. Por que não vai usar no violão? Você tem um dedo, cara! Então manda cortar, se não vai usar, manda cortar! Então isso fortalece a mão toda. É uma coisa maravilhosa! Estou encantado com isso. Concordam com isso? Então, vamos trazer à vida o nosso mindinho, porque muitos músicos não tem o mindinho comprido. É um desperdício total. Quem tem? Mostra o teu. O teu é bom, o teu é bom, tá bem equilibrado com a mão. Mostra o teu, cadê? Tem que usar o violão. O violão merece isso! É muito comum a pessoa aprender a fazer aquele rasqueado e ficar naquilo a vida toda. Não é para isso que o violão foi inventado.

Estudante: *Como você aprendeu a tocar violão?*

Te contei. Meu pai deu o violão. Eu comecei sozinho. Eu nunca tive professor, assim, não. Eu acho que sou meio autodidata. Mas, ultimamente, estou desenvolvendo uma grande paixão pelo violão. Pena que estou no fim da vida, já. Mas vai dar tempo de fazer muita coisa. O jogo ainda não acabou!

Estudante: *E você faz letra ou só faz as melodias?*

Faço mais melodia, mas faço letra também. Mas a minha vocação maior é a melodia. Mas sempre fiz música sozinho. Mas a letra tem o Nei Lopes que fez muito comigo. O Delcio Carvalho, que é um moço que já faleceu. Na minha idade é isso, vai ficando sozinho. Aí tem que fazer amizade com vocês, porque da minha geração muita gente já partiu.

Estudante: *Você falou da sua primeira inspiração, no casamento regional. Quais foram suas outras referências musicais?*

A máxima. Música clássica. Eu vou a concerto desde cedo. Me lembro quando eu tinha o conjunto, quando eu era garoto, o rapaz que tocava acordeon, que era o líder, ele tinha curso de música, de academia. Aí, acabava o ensaio: “Poxa, toca essa música aqui do Offenbach, essa valsa aqui... Essa coisa aqui do Tchaikovsky”... Eu sempre gostei muito de música clássica, até hoje. Bach, Tchaikovsky, Rachmaninoff, Wagner...

Estudante: *Mas qual foi a referência que te deu Esse balacobaco preto aí? Porque não foi Tchaikovsky!*

Foi Família. Macumba! Macumba... Macumba é um nome, assim, pejorativo. Umbanda, na verdade.

Beatriz: *Eu escutava muito você falar do gênio, pra você um gênio, João Gilberto.*

Sim, João Gilberto foi um choque absurdo. Eu ouvi ele no rádio e fui procurar o disco. João Gilberto é uma coisa diferenciada, maravilhosa. Ele deu muito valor ao violão. Inclusive, no final da carreira dele, os 20 últimos, 21 anos, ele fazia show só com violão e voz. Ele não queria mais orquestra; o violão dele já era orquestra. Os últimos discos dele são fantásticos. Só o violão dele. Mas ele estudava muito. Eu tive um encontro com ele em Buenos Aires. Foi muito engraçado, inclusive. Eu fui ver o show dele, numa boate lá. Era o show metade ele e metade Astor Piazzolla, que não era muito famoso ainda. Estava começando a ficar famoso. Aí fui falar com ele: “Oh, João, eu sou brasileiro”. “Eu sou americano, não quero papo”, e virou as costas. Aí tudo bem, normal, tudo bem.

Aí depois do show do João Gilberto e do Astor Piazzolla, era o conjunto Os Cariocas e Elza Soares. Elza Soares, exatamente! Aí eu fui lá ver o show. Eu conhecia o Milton Banana, que era o baterista dela e conhecia Os Cariocas, que tinham gravado alguns jingles comigo aqui no Brasil. Aí eu fui lá falar com Severino. Aí, eu estava assistindo o show: “Você conhece o João Gilberto?” “Não, não conheço e não quero! Porque ele me tratou mal outro dia”. “Não, não, vem aqui, vem falar comigo!” Ele me apresentou o João Gilberto e ele me tratou bem. Mandou telefonar para ele no hotel. Maluco, não é?! Aí eu telefonei para ele, me atendeu, ele ficou uma hora no telefone, falando de coisa de música. Aí marcou para eu ir no hotel visitar ele, ele era casado com a Astrud, tinha um filho pequeno. O João Marcelo tinha um ano e meio. Aí, cheguei lá no hotel, tipo, logo depois do almoço, ele deitado na cama de pijama. Ficou sete horas ali, deitado, comigo. Cantando para mim. Aí, no intervalo, num momento lá, pro chá, que era inverno, o filho dele meteu o dedo no aquecedor e começou a chorar. “Poxa, esse menino chora desafinado”!!! Que maldade, né?! Aí, ele cantou sete horas para mim. Aí eu fui embora.

Aí eu ligava para ele, ele ficava uma hora no telefone falando de musica. Aí, depois eu fui no hotel, ele tinha viajado para os Estados Unidos para aquele show histórico no Carnegie Hall, da Bossa Nova. Ele tinha viajado já. Foi meu encontro com o João Gilberto. Único, definitivo, e já foi suficiente. Porque ele era muito doido. As histórias dele são públicas, né? “Joga por debaixo da porta”, “Eu não marquei nada com você, não”... Esse tipo assim, né?! Mas comigo ele não teve chance de fazer isso. Porque eu encontrei com ele uma vez, aprendi tudo o que eu tinha que aprender, foi suficiente. Mas ele é um gênio absoluto. O maior homem da música brasileira, eu acho, que conseguiu sintetizar o violão, fazer o violão funcionar como uma orquestra.

Estudante: *Você falou que o meio da música é muito difícil*

Atualmente, qualquer meio é difícil. Estou chovendo no molhado que, qualquer profissão, se você não tiver amor... Agora, se você for músico mesmo, foi o que eu falei para mim: “Eu vou

viver ou morrer de música”. Só isso! Tem que ter decisão, né? Viver ou morrer de música. Pode ser pintura, pode ser outra coisa, mas se você tomar decisão, tem que ser pra valer, que aí o resultado chega. De alguma forma, o esforço compensa e é prazer pro pessoal, cara! Você acordar com o violão, ali, pegar o violão e tocar a música...

Quando eu estava em publicidade, só para te mostrar a minha resposta, antes de fazer a firma, eu trabalhava como redator de propaganda e era muito bem pago, mas me aborrecia muito. Era muito bem pago! Era redator, criador, o que também já é uma coisa difícil de você entrar no Rio de Janeiro na década de 60. Difícil pra o branco e pro preto também. Pro branco é difícil, pro preto é impossível! Eu estava lá, mas eu me aborrecia muito. Fazia as coisas ali, e sabe como é? Aí, cheguei em casa, a minha mulher estava na cama, eu falei pra ela assim: “Esther, larguei a empresa”. Ela estava lendo jornal. Ela não tirou o jornal do olho não: “Demorou, hein!” Aí ela pegou, ela desenhava, fez um cartaz e botou na farmácia, nos lugares lá. Aí eu comecei a dar aula de violão. Aí foi que comecei a minha vida com música de maneira definitiva. Nunca mais parei.

Beatriz: *Mas conta a história desse disco que foi relançado há dois anos*

Os meus discos eles têm uma coisa interessante, eles agradam muito no exterior. Esse “Bossa Nova” aí, foi lançado por uma empresa alemã. Há três anos atrás, uma empresa americana relançou um dos discos. O da América tem uma tarja verde. Foi lançado na América e o outro foi lançado em Alemanha. Tanto, que uma filha minha, essa que mora em Barcelona, ela estava em Tóquio e comprou o meu disco! Morando em Tóquio! CD, no caso era CD. Comprou, estava na loja.

Beatriz: *Mas as gravadoras que te procuraram?*

Me procuraram. Ainda bem que eu sabia, mais ou menos, um pouco de inglês, falava um pouquinho. Aí deu para responder, fazer o contrato, tudo isso. Foi muito legal.

Estudante: *Você já estava com a sua carreira, aí você decidiu fazer a Unirio depois. Por quê? Você estava já pensando em ser professor? Por que você decidiu entrar?*

Eu queria concluir música. Eu queria aprender música. Eu queria ter um diploma de música. Eu queria ter um diploma, consolidar. Eu tenho que ter um diploma universitário e vai ser de música, não vai ser de outra coisa. Cheguei a estudar um ano, muitos anos antes, cheguei a fazer um ano de teatro, como diretor, mas depois parei. Aí eu viajei para Buenos Aires e parei. Mas cheguei a fazer um ano. Eu fazia teatro amador, mas quando eu escolhi a música... Eu ia para a sala de aula, era à tarde... Naquele tempo tinha o curso à tarde. Eu tinha meu escritório e eu levava um negócio chamado BIP, coisa antiga, tecnologia antiga. Estava na sala de aula e tocava aquela luzinha. Aí eu ligava para o escritório para resolver alguma coisa. Mas tudo era a tarde.

Estudante: *Esses debates que a gente faz hoje sobre antirracismo, sobre o racismo na música, essas*

coisas já estavam começando a ser pensadas na época que você estava estudando? Como é que era essa questão da música ser eurocentrada?

Não se falava disso, não. Não se falava.

Estudante: *E era muita música clássica também, música clássica europeia?*

Exatamente. Inclusive, o samba quase não tocava no rádio. O samba não tocava no rádio. Era uma coisa marginal mesmo. Escola de samba não tocava no rádio. Depois é que, nos anos 80, começaram a surgir as manifestações de samba. Tanto que, em 85, eu fui diretor da Rio Tur, Presidente da Comissão do Carnaval. O prefeito me indicou pra lá e eu comecei a fazer umas coisas que incomodaram! Eu criei o tal do Pagode na Prai, que era com associação com a Rádio Tropical. Então botava o palco em Copacabana, no Leblon, também em Sepetiba, Barra da Tijuca... No Leblon incomodou muito! Copacabana também. Eu botei um palco no Leblon, cara! E começou a dar o sucesso.

Até, coincidentemente, não digo que foi exatamente por isso, foi quando apareceu o Zeca Pagodinho. O Zeca Pagodinho apareceu aí. Um grande nome no Samba é o Zeca Pagodinho. O Zeca Pagodinho começou aí. Havia o samba, mas aquele samba domesticado, sabe como é que é? Que era tipo, segundo lugar na prateleira. Aquela: “É, deixa o crioulo cantar aí... Bota o crioulo aí entre dez, pra manter a cota”. Mas quando o pagode veio com o Zeca Pagodinho, veio com muita força popular e começou a ir nessa... Havia muito preconceito na zona sul. Botei no Flamengo... Quer dizer que a arte é uma luta também.

Estudante: *Na sua família tinha algum músico antes?*

Não. Mas eu lembro... Porque você está falando de uma família muito pobre. Então, pobre não tem muito... Tem que sustentar a família. Aos 40 você tinha dois filhos, depois vinha mais um. A luta do pobre era muito difícil. Então, não dá tempo pra esse tipo de coisa. É trabalho, trabalho, trabalho. Mas eu me lembro que meu pai e minha mãe, e aí tem que dar o crédito a eles, eles eram muito afinados. E tinha rádio em casa, tinha vitrola em casa. Aquela vitrola fantasmagórica que tem aquele bocal, aquele gramofone. Era a vitrola de casa, aquele troço de museu, era a vitrola de casa. Eles sempre gostaram muito de música. Sempre tinha rádio. Ele não praticava, não tinha chance. Mas eu me lembro de uma gravação que foi perdida dos dois cantando... Uma coisa maravilhosa, os dois cantando uma música do Noel Rosa. Então o DNA permanece. O jogo não acabou ainda, não. É isso aí.

Estudante: *É interessante isso que você falou que muitas vezes não tem tempo pra fazer a música, mas, geralmente, é impossível... quando você tem essa ligação, acaba por ouvir, apreciar...*

Na verdade, quando eu tinha lá meus 18 anos e começou a firmar a minha vocação, meu pai não gostou muito não. Não gostou não. “O cara vai morrer de fome”, entendeu? Muita gente morre de fome. Tem gente que morre de fome mesmo! Mas tem que ser aquilo: viver ou morrer de música. Viver ou morrer de música. Porque o esforço compensa. Eu conheço muito



*Reginaldo e Beatriz Bessa.
Fotografia por Carlos Pereira, 2025*

músico que luta muito, mas não desiste de jeito nenhum. O cara respira a música. Acaba que prevalece, não tem jeito. Se você tiver vontade mesmo, aquela garra, vai acontecer. De alguma maneira, alguém vai ouvir. Os ouvidos estão aí. Agora tem a internet, então... Tem os seus prejuízos, porque o direito autoral caiu muito por causa disso. Paga muito pouco. No tempo que vendia disco, era muito bom, era muito bom.

Para ter uma ideia, só para lembrar, lá pelos os anos 80, eu lembro que eu recebia, por mês, de direito autoral, sete salários mínimos. Era muito dinheiro. Não é muito pra você ficar rico, mas você vive. Só com custo de direito autoral, sem precisar fazer show. Porque, hoje, o que acontece: se o artista, hoje, não fizer show, ele não vive. Show é a principal fonte de renda. O Ivan Lins falou que ele entrou em depressão, porque com o advento da internet eles pagam 0,002, aquela micharia. E ele perdeu a aposentadoria dele. Ele tem que fazer show. Se ele não fizer show, ele não come. Ivan Lins... Aí é complicado. Eu saí muito para o Jingle também, que me deu uma independência financeira, fazer o jingle. Que agora já passou também, né?

Estudante: Quantos anos fazendo Jingle?

Ahh, uns 20 anos, talvez. Consegui criar minha família, que já é uma façanha. Você criar uma família, criar filhos... Tive três. Complicado.

Beatriz: Oh pai, ele está perguntando a época. Eu lembro de eu ser criança, no começo dos anos 80, e ele fazer, por exemplo, o jingle que o prefeito Saturnino Braga ganhou. Foi nos anos 80. Então foi entre 60 e 80.

Depois caiu muito. A questão do jingle era uma coisa muito popular, mas depois mudou para outra coisa, ficou só o visual, na televisão. Mas o jingle, inclusive, os jingles que eu fazia, na minha época, desde que comecei, eu só gravei com astro. Eu contratava Jackson do Padeiro, Miltoninho, Luiz Gonzaga... Contratava essa gente para gravar o jingle. Paulo Moura para fazer arranjo, Radamés Gnattali para fazer arranjo... Era fera, só fera. Era comum Os Cariocas, ou outro cantor famoso, um cantor importante... Era o que eu fazia. Não só eu, mas meus colegas também. Contratavam gente de primeira linha. E se gravava. E era muito bem pago o jingle nessa época. Muito bem pago. Eu me lembro que eu morava em Santa Tereza, num apartamento alugado, em 65. E eu estava saindo da agência, estava dando aula de violão e atrasei em três meses o aluguel. Aí, o dono do apartamento, que era meu vizinho, precisava daquele aluguel; era um cara pobre. “Poxa, Seu Reginaldo, o senhor está atrasado em três meses, eu vou ter que tomar minhas providências”...

Aí pintou uma concorrência. Naquele tempo, o jingle também era feito com concorrência: jingle que ganhava de 50 pessoas, era assim. Aí, foi feito uma concorrência para o Instituto Brasileiro de Café, para vender o cafezinho e a qualidade do café em geral. Aí, três concorrentes; eles resolveram dar três jingles para cada um. Aí eu fiz os três jingles. O cheque que eu recebi, eu mandei fotografar. Aí, bati na porta do meu senhorio: “Olha só, eu quero comprar o apartamento”. Comprei o apartamento. Comprei um apartamento em Santa Tereza. Era uma atividade muito bem paga, muito bem paga. Não era fácil entrar, até porque era tudo concorrência. O cara queria o jingle... Jornal e tal... Fazia concorrência. Então eu

consegui criar minha família, que foi o mais importante. Comprei um bom apartamento, depois eu comprei outro. Era uma atividade muito bem paga. Como a questão da música, também, que foi prejudicada pela internet, agora paga muito pouco.

Estudante: *Eu queria saber sobre como foi esse processo de criar a firma, como funcionava? Vocês tinham um estúdio?*

O negócio é o seguinte. Eu não tinha estúdio, não. Cheguei a ter, depois, o estúdio. Mas aí, eu abri a firma. Firma individual. Aluguei duas salas e chamei uma secretária. Tinha um pianista que também era compositor, era meu gerente. Tinha o Nei Lopes, tinha dois boys, tinha uma equipe pequena e tinha uma contato, que fazia o trabalho de rua de visitar os clientes. Aí deu muito certo, muito certo. Aí eu mudei de posto, de local...

Beatriz: *Gente, a gente está chegando no nosso horário, mas é que foi perguntado sobre a questão de você fazer música e letra. Ele tem uma música que é só dele. Inclusive, esse texto saiu em uma prova. não sei se foi Enem... Foi vestibular, foi vestibular, sobre História, pra analisar o contexto. E aí a gente termina o nosso encontro com a música. O nome da música é "Três Raças Tristes".*

TRÊS RAÇAS TRISTES
(Reginaldo Bessa)

*O índio amigo
Perdeu terras
Perceu mar
Perdeu sua inocência
E seus rios de pescar
O negro alegre
Do seu lar se separou
Perdeu sua liberdade
Na senzala então cantou
O branco trouxe
Sua fé sua ambição
Tudo que ele acreditava
Fosse a civilização
Muita coisa se perdeu
Muito grito o mar levou
Mas o sangue não se esquece
Muita dor se misturou
Curimã, curiê
Tudo em volta ainda sangra
De três raças tristes
Foi que nasceu meu samba*

Escaneie o código QR ao lado para ouvir o áudio.



Beatriz: Essa música já mostrava que não existe democracia racial. Hoje em dia se tem essa ideia, mas essa música já dizia. Essa música é de que ano?

Ah... 74. O verso mais importante é aquele: muito grito o mar levou. É a frase mais importante e verdadeira. Muito grito o mar levou.

Beatriz: Quero pedir uma salva de palma pra esse paião, de 88 anos, com essa energia. E eu quero contar pra vocês uma frase que ele me falou que eu nunca esqueci: Ele falou pra mim uma vez que uma vida é pouco pra fazer música.

Eu agradeço a atenção de vocês. O jogo não acabou. Não Acabou.



Nkyinkyim
(Adinkra que significa a natureza tortuosa da jornada da vida)
por Carlos Pereira, 2025

Letramento originário indígena: saberes ancestrais como caminhos de resistência e existência

por Aiyra Amana Tupinambá

Resumo

Este artigo discorre sobre o conceito de letramento originário indígena a partir das perspectivas dos povos da Amazônia, compreendendo-o como uma prática de transmissão de saberes ancestrais, cosmologias, línguas e modos de viver e narrar o mundo. A análise se ancora nas vozes e produções de autores indígenas como Daniel Munduruku, Davi Kopenawa, Eliane Potiguara, Maria Agraciada Tupinambá e Ailton Krenak, propondo uma reflexão crítica sobre a hegemonia do letramento ocidental e a valorização dos modos próprios de aprendizagem dos povos originários.

1. Introdução

O conceito de letramento, historicamente, tem sido associado à capacidade de ler e escrever segundo normas da língua portuguesa padrão. No entanto, para os povos indígenas da Amazônia, o letramento ultrapassa essa definição: ele é também a capacidade de ler os sinais da natureza, de ouvir os cantos dos ancestrais, de interpretar os ventos, rios e árvores. O letramento originário indígena é um ato de conexão com o território, com a memória coletiva e com a espiritualidade.

A educadora e escritora Eliane Potiguara (2003) afirma que “nossos corpos são escritos pela ancestralidade, pelas histórias que nossos avós contavam ao redor do fogo”. Nesse sentido, o letramento indígena é um movimento de resistência cultural e epistêmica, pois desafia a imposição de uma única forma de saber e comunicar.

2. Letramento como Caminho Ancestral

O letramento originário começa antes mesmo da fala: ele se dá pelo corpo, pelo gesto, pela convivência coletiva. É o que o escritor e professor Daniel Munduruku (2010) define como “o saber da escuta”, um tipo de aprendizagem que valoriza o silêncio, a contemplação e a oralidade. Para ele, “os povos indígenas não precisam aprender a ler livros, mas a ler o mundo – e isso eles já fazem há milênios”.

Nesse contexto, o letramento originário não está separado da vida. Ao contrário, ele é profundamente integrado aos ciclos da natureza e ao cotidiano da comunidade. É também um letramento cosmológico, pois ensina sobre os seres visíveis e invisíveis, sobre os espíritos da

floresta, sobre o tempo não-linear dos ancestrais.

Maria Agraciada Tupinambá (2022) destaca que “o nosso modo de ensinar e aprender é feito de palavras que dançam, de histórias que curam, de cantos que guiam”. Para ela, o letramento indígena é também um instrumento de cura coletiva, pois reativa as conexões perdidas pela colonização.

3. Oralidade, Território e Memória

A oralidade é um dos pilares do letramento originário. Mais do que uma ausência de escrita, ela é um modo de narrar que preserva o movimento, a musicalidade e a memória viva. Como ressalta Davi Kopenawa Yanomami (2015), “nós falamos com os espíritos da floresta, ouvimos seus conselhos, repetimos suas histórias – é assim que ensinamos nossos filhos”.

Para os povos amazônicos, o território também é texto: os rios são linhas que narram caminhos, as montanhas são livros de pedra, os animais são personagens vivos. Cada elemento da floresta possui voz, linguagem e ensinamento. O letramento originário, assim, é também ecolinguístico, pois considera a linguagem como parte de um sistema maior de vida e interdependência.

4. Letramento como Resistência Política e Existencial

O letramento originário indígena, ao ser reconhecido como legítimo, subverte a lógica colonial que historicamente excluiu saberes não ocidentais do campo da educação formal. Como afirma Ailton Krenak (2019), “enquanto continuarmos nos alfabetizando apenas com o alfabeto dos colonizadores, permaneceremos desconectados de nossa própria alma coletiva”.

A resistência indígena passa também pela escrita, não como negação da oralidade, mas como ferramenta de tradução e afirmação política. Escritoras como Eliane Potiguara e Graça Graúna têm usado a poesia como meio de recuperar a memória e denunciar os silenciamentos históricos. A escrita, nesse sentido, se transforma em flecha: uma arma simbólica de retomada de território e identidade.

5. Considerações Finais

O letramento originário indígena é uma prática ampla, viva e complexa. Ele não cabe nas molduras das escolas ocidentais, mas pulsa nos cantos, nas danças, nas narrativas e nos corpos que resistem. Valorizar esse letramento é reconhecer que existem muitas formas de sabedoria e que todas elas merecem existir com dignidade.

Como nos lembra Daniel Munduruku, “a escola precisa desaprender para reaprender com os povos indígenas”. Somente assim será possível construir uma educação verdadeiramente intercultural e plural.

Referências

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. *A sabedoria das águas*. São Paulo: Callis, 2010.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TUPINAMBÁ, Maria Agraciada. “Educação e Saberes Ancestrais”. In: *Revista Saberes Indígenas*. Universidade Federal do Pará, 2022.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.



Nossa Casa
(Pictograma do alfabeto da língua Ndébélé que significa casa)
por Carlos Pereira, 2025

O valor da comunidade em um mundo que só fala de indivíduo

por João Guilherme Oliveira Silva

Nos últimos anos, o discurso do “faça por você”, “seja sua melhor versão” e “vença sozinho” conquistou força em todo o mundo ocidental. Impulsionado principalmente pelas redes sociais, pelo mercado e pela lógica do desempenho, esse tipo de discurso gerou um conceito de que cada um deve se bastar, o que fez levar a coletividade a ser vista como um “peso”. O foco é sempre o “eu”: minha carreira, minha produtividade, minha felicidade, meu sucesso.

Esse estilo individualista parece natural e aceito pela maioria nos dias de hoje, entretanto é consequência de uma construção histórica. No pensamento ocidental moderno, a pessoa é colocada no centro de todas as coisas, ela é quem decide, ela consome, ela se realiza. A liberdade acaba virando um sinônimo de independência. E isso se reflete principalmente nas relações: mais gente mora sozinha, evita vínculos profundos e prefere escolher vínculos temporários em vez de vínculos mais duradouros. A solidão, antes vista como um problema, virou, infelizmente, quase uma forma de status.

Ao contrário disso, muitos modelos de vida não ocidentais (como o de diversas comunidades africanas e indígenas) seguem uma lógica bastante diferente das ocidentais. Nesses contextos, o coletivo vem bem antes do pensamento individual. O bem-estar de uma pessoa está diretamente ligado ao bem-estar do grupo como um todo. Ser alguém não é algo que se conquista sozinho apenas, mas também que se constrói na relação com os outros do clã, com a natureza e também com os ancestrais. A ideia de “comunidade” não é apenas geográfica, mas também simbólica, prática e, principalmente, afetiva.

Isso não significa idealizar esses grupos ou negar que existam conflitos e problemas neles, mas mostra que o jeito ocidental de viver (centrado principalmente no indivíduo) não é o único possível de existir, além de que, talvez não seja o mais saudável, pois, nos últimos anos, estudos têm enfatizado que o excesso de individualismo está diretamente ligado ao aumento de casos de ansiedade, depressão, isolamento social e esgotamento. O que era vendido como liberdade, infelizmente, muitas vezes, se transforma em uma solidão.

Ao mesmo tempo que, em momentos de crise que foram citadas, é a ideia de comunidade que reaparece como uma saída ou uma solução. Durante a pandemia, por exemplo, muita das vezes foram os vizinhos, os amigos de bairro e associações beneficentes que ajudaram muitas pessoas a sobreviver nesses momentos de crise. Em tragédias climáticas, como as enchentes que causaram uma crise no Rio Grande do Sul, foram as redes comunitárias que socorreram

primeiro, antes da ajuda oficial.

A cultura digital também contribui com esse paradoxo. Por um lado, promove uma superexposição do indivíduo: todos conseguem se promover, construir sua imagem, vender sua marca pessoal, entretanto, por outro lado, cria bolhas, desinformação e a falsa impressão de conexão. Essas redes prometem, principalmente, comunidade, mas oferecem likes, visibilidade, mas não pertencimento. E assim, mesmo com tanta “conexão”, nunca as pessoas estiveram tão sozinhas.

Resgatar o valor real da comunidade não é voltar no tempo ou rejeitar a autonomia por completo, mas é reconhecer, também, que o ser humano é, por natureza, relacional, basicamente ninguém se forma sozinho. As conquistas individuais, por mais legítimas que sejam, são sustentadas por redes que não são enxergadas de apoio, cultura, afeto e história. E que a vida, mesmo que em comum, apesar dos conflitos, é o que dá o real sentido à existência.

Ter um pensamento voltado em um sentido de comunidade também é repensar prioridades. Em vez de competir o tempo todo, colaborar, acumular, compartilhar, buscar só o próprio conforto, pensar no impacto coletivo das ações. E isso vale para todas as áreas da vida, do modo como as pessoas consomem e também à forma como se relacionam. Não é uma utopia, é uma necessidade prática, em um mundo em constante colapso climático, com desigualdade crescendo exponencialmente e crises sociais cada vez mais intensas, nenhuma solução será eficaz se for pensada de forma isolada e individualista.

O desafio, portanto, consiste em as pessoas aprenderem a se relacionar umas com as outras, e isso não se ensina apenas de forma teórica, mas também por meio da experiência, da escuta e da disposição para o diálogo. Em vez de encorajar a ideia de que cada indivíduo deve triunfar sozinho na vida, talvez seja o momento apropriado para que as pessoas recordem que ninguém alcança vitórias isoladamente. O verdadeiro avanço, ao contrário, está em avançar junto com os outros. Comunidades indígenas e africanas, que há muitos anos mantêm e praticam modos de vida fundamentados na interdependência, no cuidado mútuo e na conexão coletiva, demonstram que existem outras formas de existir que são viáveis e continuam a ter relevância, mesmo frente a várias tentativas de apagamento em sua história. Aprender com essas maneiras de viver não é idealizá-las, mas sim reconhecer que, em um mundo doente causado pelo excesso de individualismo, existem sabedorias que persistem, mesmo que de forma silenciosa.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. São Paulo: Cortez, 2005.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

DURKHEIM, Émile. *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CABRAL, Károl Veiga. O momento atual da Síndemia. In: Fundação Oswaldo Cruz. *Curso Nacional de saúde mental e atenção psicossocial na Covid-19*. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2022/07/Cartilha-01_Curso-Saude-Mental-Fiocruz_Modulo-1_.pdf. Acesso em: 12 jul. 2025.

United Nations Educational and the Regional Office for Education in Latin America and the Caribbean. *Indigenous Knowledge and practices in Education in Latin America: exploratory analysis of how indigenous cultural worldviews and concepts influence regional educational policy* 2017. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247754_eng. Acesso em: 12 jul. 2025.



*Existo a partir de múltiplas existências
(Pictograma do alfabeto da língua Ndébélé que significa unidade, união)
por Carlos Pereira, 2025*

Campos antes de Campos: território, cultura e extermínio dos Goytacazes

por Aaron Horowitz

Dentre todas as etnias indígenas que habitavam esse país antes da chegada dos portugueses, várias possuem registros abundantes, seja por descrições dos colonizadores, por registros arqueológicos ou mesmo por integrantes atuais de aldeias. A memória dos Goytacazes, no entanto, é pouco conhecida nos dias de hoje, já que são oficialmente considerados extintos como etnia independente, de acordo com a FUNAI. Por outro lado, deram nome à maior cidade em extensão do estado do Rio de Janeiro, Campos dos Goytacazes, e ainda possuem uma história a ser descoberta, com registros arqueológicos recentemente encontrados.

Antes de tudo, vale comentar que o texto guarda uma relação pessoal com o autor, que um dia foi morador da cidade e guarda ligações familiares com a região até hoje. Porém, assim como a maior parte das pessoas, conhece pouco — ou nada — sobre aqueles que, antes, habitavam aquelas terras. Portanto, seja bem-vindo a uma jornada de conhecimento, que por vezes se confundirá com autoconhecimento.

Por volta do ano zero da era cristã, os tupis expulsaram e/ou assimilaram outras etnias do litoral, chamadas grupo Jê, tornando-se a etnia predominante no litoral do Sudeste/Sul do Brasil. Foram tão representativos que deles deriva a alcunha de Goytacaz. Não se sabe ao certo o que significava, mas as principais vertentes apontam para corredores ou nadadores. Ainda na questão do nome, a pronúncia de Goytacaz, provavelmente, era mais parecida, para os tupis, com Watacá.

As aldeias da etnia Goytacaz compreendiam, principalmente, o delta do rio Paraíba do Sul, um lugar rico em recursos que permitiu a agricultura, pesca e caça. Além disso, esta região era predominantemente caracterizada pela presença de manguezais, pântanos e áreas de inundação. Dessa forma, viviam em palafitas, e sua relação com os ambientes aquáticos era notória em todas as descrições dessa população, que no auge chegou a 12 mil pessoas.

A descrição do indígena Goytacá geralmente indica uma pessoa de estatura mais alta e de pele mais clara que outras etnias, tradicionalmente com a cabeça raspada na frente e cabelos longos atrás. Como viviam próximo ao rio Paraíba e eram considerados exímios nadadores, também eram descritos como arredios e combativos. Em termos de vestimentas, o Goytacaz tinha o traço marcante de utilizar apenas pinturas no corpo, sem nenhuma espécie de tanga.

Os Goytacazes tinham embates constantes com algumas aldeias que coabitavam a região, em

especial os Guarulhos, mas também os Tamoios, Aimorés, Guaranis, Puris, Coroados, entre outras. Depois, os embates tornaram-se mais frequentes com os portugueses que cá vieram, quando a história da resistência das aldeias indígenas ganhou mais força no imaginário de quem foram os Goytacazes.

Durante a colonização portuguesa, a colônia brasileira foi dividida em 15 capitanias hereditárias, transferindo aos donatários o dever de desenvolver e explorar o território. A capitania onde hoje fica a cidade de Campos dos Goytacazes foi chamada de Capitania de São Tomé e, posteriormente, de Parahyba do Sul.

A Capitania de São Tomé foi inicialmente doada a Pero de Góes da Silveira, um donatário relativamente sem muitas posses (o único que não era nobre ou militar de alta patente a se tornar donatário), que veio ao Brasil em 1531 na comitiva de Martim Afonso de Souza. Como no resto da colônia, houve a tentativa de introduzir cultivos de cana-de-açúcar e criação de gado. Porém, por inúmeras vezes, houve embates com os nativos, resultando na morte de mais de 30 pessoas em dois grandes ataques.

No primeiro, os colonos conseguiram fugir e buscar reforços. Porém, com a dificuldade no segundo ataque, passaram a ter muita dificuldade de conseguir homens. A resistência dos Goytacazes foi o suficiente para que Pero desistisse e voltasse para Portugal, com dívidas e sem sucesso. Esse episódio é o começo do que será a memória do povo Goytacaz, sua bravura e alta capacidade de combate (além da fama de antropofagia).

Depois desse episódio, a capitania foi abandonada por muito tempo, até que Gil de Góes (filho de Pero) resolveu se aventurar em terras brasileiras. Gil montou um pequeno vilarejo denominado Vila Rainha, um pouco distante de onde seu pai se estabeleceu. Novo donatário, mesmos problemas. Mais uma vez, os Goytacazes foram bem-sucedidos em expulsar os colonos. Se antes já era inédito um donatário devolver suas posses à Coroa, a resistência Goytacaz o fez duas vezes.

Após duas derrotas consecutivas, a Coroa resolveu incorporar o território à Capitania do Rio de Janeiro. Então, a terra foi entregue a sete capitães, que passaram a dizimar os nativos. Dada a bravura e fama dos Goytacazes, a estratégia precisou ser diferente: infecção por varíola. Os portugueses recolhiam roupas utilizadas por doentes e as deixavam em trilhas utilizadas pelos indígenas, que, sem anticorpos, foram aniquilados.

No início do século XVIII, o último grupo organizado fugiu da praia do Farol até onde hoje se chama Distrito de Goytacazes e, então, a aldeia que ali “findara cansados, doentes e sem nenhuma resistência, foram mortos impiedosamente e riscados do mapa”. E esta é a narrativa que supõe o fim de um povo que, pela resistência a invasores (primeiro os tupis e depois os portugueses), acabou privado de contar sua própria história e sobrevive na memória dos relatos de seus próprios algozes.

Porém, esse não é o fim da história Goytacá. Coletivos como o Retomada Goytaká buscam

“resgatar histórias vivas e milenares” a fim de inverter a narrativa de inferiorização da herança indígena. Há, ainda, iniciativas como a do historiador Hélio Cordeiro que expõe aspectos do cotidiano e da cultura nativa através de objetos e elementos da religiosidade tradicional. Em suma, apesar do massacre do povo Goitacá, a sua herança e cultura seguem enraizadas na terra que habitavam.

Referências:

Bueno, Eduardo. Goitacás – a tribo indígena mais selvagem do Brasil. *YouTube*, Brasil, 10 mar. 2024. Disponível em: https://youtu.be/WSPrp9_L5ZA. Acesso em: 22 jun. 2025

Casa de Cultura de Goitacazes receberá exposição sobre povos indígenas. Campos Informa, Campos dos Goytacazes, [s.d.]. Disponível em: <https://camposinforma.com.br/noticia/14177/casa-de-cultura-de-goitacazes-recebera-exposicao-sobre-povos-indigenas.html>. Acesso em: 4 set. 2025.

Castro, Carlos de. Índio Goytacá era alto e bravo, dizem historiadoras de Campos, RJ. *G1 Norte Fluminense*, Rio de Janeiro, 30 abr. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/norte-fluminense/noticia/2013/04/indio-goytaca-era-alto-e-bravo-dizem-historiadoras-de-campos-rj.html>. Acesso em: 22 jun. 2025

Pardo, Aristides Leo. Não foi nada fácil: a tardia colonização portuguesa e a resistência dos índios Goytacazes na Capitania de São Tomé. *Sobre Ontens*. v. 2, n.6, p.50-55. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1GdA-kifLjXCIPQ93BqqY24nb1bUE5iPn/view>. Acesso em: 22 jun. 2025

Retomada Goytaká [Conta no Instagram]. (s.d.). “Somos um coletivo de pessoas indígenas em contexto urbano. Estamos construindo o movimento de retomada ancestral dos diversos povos que habitaram e habitam este território...” Publicado em: <https://www.instagram.com/p/DIrX4mPOV3L/>. Acesso em: 4 set. 2025.



Preconceito
(Pictograma do alfabeto da língua Ndébélé que significa guerra, hostilidade)
por Carlos Pereira, 2025

Festival de Parintins: A disputa entre Bumbás e o que ela representa para a identidade brasileira

por Adriana Mota Barbosa

Parintins é uma cidade localizada no interior do Amazonas, é a quarta mais populosa da região, construída em um passado conturbado com algumas mudanças de nome e conflitos étnicos, como a maior parte do Brasil. A ilha carrega uma identidade muito única: A festa Bumba meu boi.

Com dimensões de um mega espetáculo, o evento, que acontece anualmente, é responsável por tornar esta pequena cidade um grande centro de cultura indígena e afro-brasileira. A festa nomeada como “Festival Folclórico de Parintins” gira em torno da disputa de dois bois: o Caprichoso e o Garantido. As apresentações acontecem no final de junho, na época das festas de São João, no “Bumbódromo”, uma arena com lotação para 35.000 pessoas, construída para comportar o público. Encantando os torcedores, chamados de “galera”, com teatro, música, dança, adornos e alegorias, o evento se assemelha a magnitude dos desfiles de escola de samba.

Qual a origem desse festejo?

A tradição do boi-bumbá é uma das variações de bumba meu boi, que remonta à lenda da Mãe Catirina, uma mulher que estava grávida e com desejo de comer língua de boi. Para satisfazê-la, seu marido, Pai Francisco, sacrifica o boi favorito do patrão, que ameaça matá-lo. Quem salva Pai Francisco da morte é o Pajé, que ressuscita o boi antes da tragédia acontecer. Toda a narrativa é ambientada no contexto da Amazônia: os povos indígenas, as criaturas e todo o encantamento do maior bioma do planeta. Em meados de 1960, o festival passou a ser regulamentado, e a expressão artística dos bumbás foi tomando rumo para ser o que é hoje.

A música

O ritmo predominante é chamado de toada, um estilo de cantiga simples e regional, formada por estrofes e rimas. A música envolve diversos instrumentos como o violão, o cavaquinho, o pandeiro, o chocalho, o triângulo, a zabumba, a matraca, etc. A construção dos 21 aspectos avaliados na competição (listados no Quadro ao lado), atualmente, veio de detalhes e costumes que representam e exaltam a cultura nortista, garantindo que os aspectos tradicionais da região sejam traduzidos e perpetuados na festa em todas as edições.

Bois-bumbás

Cada boi tem uma personalidade artística, simbólica e emocional única que atrai diferentes tipos de pessoas. A cidade se divide em “galeras” que torcem fervorosamente para seu boi. Entre diferentes lados, os bois opostos não tem o nome pronunciado, sendo chamados de

Quadro - Conjunto de itens avaliados

- 01 - *Apresentador*: Anfitrião, Mestre de Cerimônia, Porta-voz do espetáculo que leva ao conhecimento do espectador a apresentação dos itens disputantes.
- 02 - *Levantador de toadas*: Intérprete (cantor) musical da trilha sonora do espetáculo.
- 03 - *Batucada ou marujada*: Conjunto de brincantes que fazem o acompanhamento percussivo das toadas, sendo base para o espetáculo.
- 04 - *Ritual indígena*: Representação artística de uma celebração ou rito indígena, fundamentado em consonância ao espetáculo do Boi-Bumbá.
- 05 - *Porta-estandarte*: Brincante que conduz o estandarte símbolo do Boi-Bumbá.
- 06 - *Amo do boi*: Brincante que representa o dono da fazenda, que entoa versos dentro dos fundamentos do espetáculo.
- 07 - *Sinhazinha da fazenda*: Brincante que representa a filha do dono da fazenda no Auto tradicional do Boi-Bumbá de Parintins.
- 08 - *Rainha do folclore*: Brincante que representa a diversidade das manifestações da cultura popular brasileira.
- 09 - *Cunhã-poranga*: Mulher bonita em Nheengatu, brincante que representa os povos indígenas.
- 10 - *Boi-bumbá (Evolução)*: Boi escultórico articulado que é o símbolo maior da manifestação popular de Parintins, manipulado por brincantes denominados “tripa do boi”.
- 11 - *Toada (letra e música)*: Gênero musical popular do Boi de Parintins, suporte lítero-musical do festival.
- 12 - *Pajé*: Personagem arquétipo do curandeiro, xamã, sacerdote indígena considerando a referência sagrada e mitológica dos povos indígenas.
- 13 - *Povos indígenas*: Brincantes que representam os grupos étnicos que compõe os povos indígenas da Amazônia e/ou do território brasileiro, dentro do contexto do espetáculo do Boi-Bumbá.
- 14 - *Tuxauas*: Brincantes que representam os chefes dos povos indígenas por meio de indumentárias que simbolizam o cocar alegórico.
- 15 - *Figura típica regional*: Estrutura artística alegórica e cênica que representa a identidade regional do amazônica em sua diversidade.
- 16 - *Alegorias*: Estruturas artísticas que funcionam como suporte cenográfico para as apresentações.
- 17 - *Lenda amazônica*: Estrutura artística alegórica e cênica. Narrativa que ilustra a cultura dos povos da Amazônia dentro do contexto do espetáculo do Boi-Bumbá de Parintins.
- 18 - *Vaqueirada*: Brincantes que representam a figura dos vaqueiros no contexto histórico, os guardiões do Boi-Bumbá.
- 19 - *Galeria*: Conjunto de torcedores dispostos nas arquibancadas laterais gratuitas. Massa humana que formam coreografias uníssonas e organizadas no contexto do espetáculo.
- 20 - *Coreografia*: Movimentos coreografados dos grupos de dança apresentados durante o espetáculo.
- 21 - *Organização do conjunto folclórico*: Fluidez e organização da apresentação dentro do contexto do espetáculo.

“contrário”, uma particularidade que incentiva ainda mais a rivalidade entre o vermelho e azul.

O Boi Garantido é uma das duas estrelas do tradicional Festival de Parintins, e tem cores vermelha e branca. É conhecido como “o boi do povo” e tem como símbolo um coração, posicionado em sua cabeça. Sua origem está ligada à figura marcante de Lindolfo Monteverde, pescador de origem negra, descendente de escravizados, repentista, compositor e grande nome da cultura popular amazonense. Nascido em 1902, Lindolfo criou o Boi Garantido com poesia, paixão e resistência, tornando-se um ícone da história do boi-bumbá até sua morte, em 1979. A personalidade do Garantido é vibrante, emotiva e voltada para as raízes e tradições do povo simples da região, atraindo multidões que se identificam com sua força, seus mitos e sua paixão.

O Boi Caprichoso é conhecido por sua estética refinada, espírito inovador e forte ligação com a juventude. De cores azul e preta, carrega orgulhosamente uma estrela na cabeça, representando o sonho, a arte e o brilho da cultura popular. A origem do Boi Caprichoso está intimamente ligada à trajetória dos irmãos Cid, cearenses que se estabeleceram em Parintins. Em 1913, o boi ganhou oficialmente seu nome, durante uma brincadeira de boi-bumbá, quando o advogado Furtado Belém, disse: “Se aquele boi branco é garantido, o nosso boi preto é caprichado”. A frase não apenas batizou o boi, como definiu sua essência: um boi marcado por encantar o público com suas apresentações grandiosas, que unem tradição e inovação.

O Festival

O evento, atualmente, é extremamente organizado, com regras e costumes bem definidos. Para a avaliação das apresentações, são avaliados 21 itens, com notas para cada um deles. A cada ano, é escolhido um tema diferente que perpassa a tradição do festejo Bumba meu Boi. A apresentação é moldada de maneira que tudo mostrado tenha conexão com o eixo principal escolhido pelo boi. Os temas variam de mitos e tradições indígenas, até aspectos da natureza humana. Recentemente, as apresentações foram erguidas com as temáticas:

Boi Garantido:

2025: “Boi do Povo, Boi do Povão”

2024: “Segredos do Coração”, explorando a arte, o carinho e o amor”

2023: “Garantido, Campeão da Vida”

Boi Caprichoso:

2025: “É Tempo de Retomada” e “Amyipaguana: Retomada pelas Lutas”

2024: “Cultura, o Triunfo do Povo”

2023: “Amazônia, Nossa Luta em Festa”

Com vitórias nos últimos três anos consecutivos, o Caprichoso ficou 1,1 pontos do boi Garantido, vencedor da 58ª edição do festival (2025). Essa distância entre as notas é de costume, as notas das apresentações sempre ficam muito próximas; então, cada décimo conta.

Neste ano, aconteceram movimentos que fogem do normal: o presidente do Caprichoso acusa dois jurados de manipulação do resultado do festival. Durante a apuração dos votos, os

representantes do bumbá azul se retiraram alegando injustiça. Em coletiva de imprensa o presidente do boi afirmou que, dias antes do Festival, todos jurados escalados para este ano foram trocados em benefício ao Garantido. Ele informou que vai avançar juridicamente com o processo, acionando o Ministério Público e recorrendo na Justiça comum.

O tema do Caprichoso foi “É Tempo de Retomada” um profundo chamado à reconexão com nossas raízes e à continuidade da humanidade. Retomar, nesse contexto, é lembrar e honrar, reconhecer que a sabedoria dos povos ancestrais, ainda muito invisibilizada, guarda caminhos de cura, equilíbrio e respeito à natureza e à vida. Ao propor uma retomada de práticas tradicionais e curativas, o tema fortalece a luta racial ao resgatar saberes africanos e indígenas que resistiram ao apagamento histórico e à violência estrutural. É um manifesto que coloca no centro a importância dos conhecimentos tradicionais, tanto da medicina da floresta aos rituais de conexão com o sagrado, quanto resposta às crises do presente. “É Tempo de Retomada” convida todos a enxergar a ancestralidade como potência de transformação e a cultura popular como resistência viva.

O “Boi do Povo, Boi do Povão”, tema do Garantido, carrega a força de uma identidade que é plural e, ao mesmo tempo, singular. Uma tradição viva que abraça as lutas contemporâneas dos povos e faz do seu espetáculo uma voz de resistência, entoada de norte a sul do Brasil. É um espaço de reverberação dos sofrimentos, das demandas e das possibilidades de estabelecer outras verdades, presentes nos saberes e fazeres de mestres e mestras das múltiplas culturas que o Brasil abriga. Representam o corpo diverso, que é o povo brasileiro. “Somos as vozes das florestas, das aldeias, dos quilombos, das comunidades ribeirinhas, do pulsar coletivo de quem resiste. Somos a força que alcança todos e todas que encontram na cultura um grito de luta e esperança.”

Com apresentações cada vez mais incríveis, a disputa pelo título só tende a ser mais acirrada. A avaliação, ainda que regularizada, é subjetiva, e espera-se que os jurados selecionados sejam pessoas de relevância na cidade de Parintins e, acima de tudo, se mantenham fiéis à ética definida nas diretrizes do Festival.

Brasil afora

O universo de Parintins interage com o mundo artístico brasileiro muito mais do que se imagina. Artesãos parintinenses, responsáveis pela construção de alegorias grandiosas, são os mesmos que movimentam os carros das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, evidenciando a conexão entre o espetáculo do Boi-Bumbá e o carnaval brasileiro. Essa integração artística também se reflete nas toadas, gênero musical típico do festival, que ganharam destaque nacional através de artistas renomados. O sambista Jorge Aragão já compôs para o Garantido, e Chico da Silva, autor de sambas marcantes como “Sufoco”, também é o criador da icônica toada “Vermelho”, imortalizada por Fafá de Belém, grande admiradora do festival. Ivo Meireles, da escola de samba Mangueira, integra a Batucada do Garantido, enquanto Daniela Mercury não só cantou na arena em 2010 como também levou o Boi para o trio elétrico no carnaval de Salvador. Essas colaborações refletem diretamente em dois itens avaliativos do festival: a toada (letra e música) e a organização do conjunto

folclórico, mostrando como o Boi-Bumbá transcende fronteiras regionais e se afirma como expressão artística nacional.

Nos tempos modernos, até o mercado precisou se adaptar à força cultural de Parintins. Marcas locais e nacionais moldam suas estratégias visuais de acordo com a rivalidade entre Caprichoso e Garantido, incorporando elementos tradicionais e símbolos regionais às embalagens e campanhas. As cores azul e vermelha ultrapassam o fanatismo torcedor e se tornam signos identitários, estampando produtos, roupas e materiais promocionais. Essa apropriação simbólica demonstra a força da figura típica regional e da galeria, a massa torcedora que, além de participar da festa, influencia esteticamente o cotidiano e a economia local. Ao transformar os bois em ícones de consumo cultural, Parintins mostra como a arte popular pode dialogar com o mercado sem perder sua essência comunitária.

A magnitude do Festival de Parintins é motivo de orgulho para o Brasil. Mais do que uma festa regional, ele é uma plataforma viva de valorização e eternização da ancestralidade afro-brasileira e indígena. Elementos como o pajé, os povos indígenas, os rituais e os mitos amazônicos integram o espetáculo com profundidade e respeito, traduzindo tradições orais e saberes ancestrais em linguagem cênica. Esse diálogo com o sagrado e com a memória coletiva transforma o festival em um patrimônio cultural vivo, levando para o palco e para o mundo as histórias dos povos que nunca, ou pouco tiveram sua verdadeira narrativa contada. Ao ocupar espaços nacionais e internacionais com essas vozes, Parintins afirma sua relevância como centro de resistência cultural, beleza e autenticidade brasileiras.

Fontes consultadas:

<https://www.agenciaamazonas.am.gov.br/noticias/festival-de-parintins-2024-conheca-os-21-itens-avaliados-nas-apresentacoes-dos-bumbas/>

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2025-06/festival-de-parintins-conheca-historia-do-boi-caprichoso>

<https://g1.globo.com/am/amazonas/festival-de-parintins/2025/noticia/2025/07/01/presidente-do-boi-caprichoso-acusa-dois-jurados-de-manipulacao-do-resultado-do-festival-de-parintins-2025.ghtml>

<https://cultura.am.gov.br/caprichoso-e-garantido-rivalidade-de-geracoes-com-identidade-cultural/>

<https://www.festivaldeparintins.com.br/conheca-a-origem-do-festival-de-parintins/>



Beleza
(Desenho inspirado nas artes utilizadas para adornar as casas em
comunidades Changana, ao sul de Moçambique)
por Carlos Pereira, 2025

poemas e
outras poesias





*Rio da floresta
Fotografia por Carlos Pereira, 2023*

Quem navega pelos rios da floresta, navega pelos caminhos da alma

Quem navega pelos rios da floresta
não navega só por água,
navega por memória,
por espírito,
pelas veias da Terra viva.

O remo risca o tempo,
o tempo é sagrado.
O rio não corre — ele sonha.
Como nos lembra Krenak,
"O rio é um ser que pensa e sente, mas os homens esqueceram de escutar."

No espelho d'água vejo o rosto da minha bisavó,
suas palavras são sementes que brotam na pele do mundo.
"Elas carregam o universo no ventre e no canto",
sussurra Eliane Potiguara,
"Sou mulher, sou raiz, sou folha que dança no tempo da Mãe Terra."

Cada curva do rio é um segredo guardado por anciãos.
Cada folha caída, um aviso dos encantados.
Daniel Munduruku nos revela:
"Nosso corpo é morada dos espíritos e nossos passos contam histórias de origem."
Por isso, quando mergulho,
não é apenas o corpo que afunda,
é a alma que se banha em ancestralidade.

A floresta me fala na língua dos trovões,
no sussurro das águas-vivas,
na dança dos peixes.
Davi Kopenawa, com sabedoria Yanomami,
nos lembra dos Xapiri,
"os espíritos que descem das montanhas e cantam nos sonhos do xamã."

Ao meu eu futuro, talvez, meu futuro eu - encruzilhadas psicossociológicas escrevíveis

*por Victor Meirelles
Artista Pesquisador IP UFRJ,
Doutorando em Psicossociologia UFRJ
victormeirellesator.ufrj@gmail.com
IG: [@victormeirellesator](https://www.instagram.com/victormeirellesator)*

A encruzilhada de um futuro Eu, que passado se dialoga presente

Aos que sussurram gritos silenciosos no amanhecer violento das coisas, na evolução das incertezas, na busca de, no descaminho, se encontrar, e diante a seca represa se banhar do que viu, pelo que poderia ter visto, no soluçar da vida, que jamais será um viver. Inscrevo, descrevo, escrevo, reescrevo um corpo história que antes escravo escravizado, agora escrevo enraizado...

Para corresponder-me, remeto às águas que fluem nos córregos do tempo, por um rio viver em correspondência, confluência, a imensidão das águas que ocupam o ser oceano, a qual num rito de passagem se torna a mensagem, escrevível, flecha lançada pelo arco Conceição Evaristo, na dobra do tempo exuziaco, perante a filosofia de existir, resistir na existência, nesse origami da vida em busca do viver.

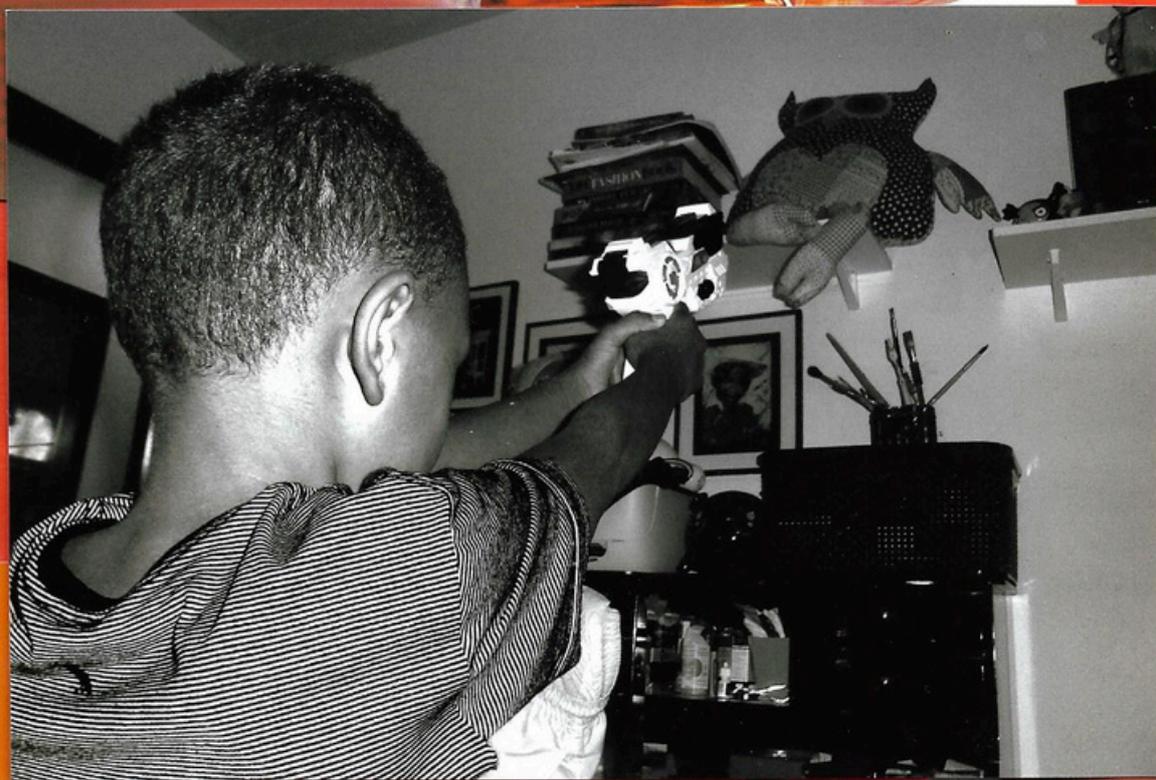
Como diz, disse, diria e tenha dito Krenak, o Ailton, em uma fala conversa que versou o futuro que talvez seja uma ficção no sentido, sentir do amanhã, que 'talvez' não chegue. Mas no resistir de um corpo a se aquilombar na memória e na certeza de um 'talvez' se movimenta pela natureza e quer dizer hoje a quem foi ontem: preservar o amanhã é nutrir o agora a se reverberar em uma linha que tece uma rede a nos balançar, ao circular inspiratório do passado, pelo fôlego presente, para expirar o amanhã no 'talvez', que veio por um quê, que adiará o desistir.

É para mim que escrevo, como em uma retórica de mim, do EU, mas um eu que vive, o nós em nós, que é a terra, a semente, natureza, a favela, a aldeia, o quilombo, o movimento, escola, o mundo, a galáxia.

Eis que trago o 'talvez' como pavimento da rua que venho a caminhar, nessa encruzilhada filosófica do diálogo comigo mesmo, pensando que nessas esquinas do EU possam atravessar o nós, e no que falo aqui 'talvez' transite no conhecer do outro.



Vida em ato
Fotografia por Carlos Pereira, 2023



es·tres·se
(inglês *stress*)

substantivo masculino

Conjunto das perturbações orgânicas e psíquicas provocadas por vários estímulos ou agentes agressores, como o frio, uma doença infecciosa, uma emoção, um choque cirúrgico, condições de vida muito ativa e trepidante, etc.

Estresse
por Rodrigo Barreto, 2025

Grito de socorro

O som das panelas nocturnas sessou!
Ah, que a bela cidade das acácias, Ka-Mpfumo.
O barulho cessou, já amanheceu;
As balas de borracha se calaram!
A abonaça veio de vagarinho, e tímida como o preguiça,
À espreita, na rua, e na esquina da zona,
Os assobios tipificavam-se,
O medo se escondia nos bolsos.
Onde esta a tua pedra?
Ah que alivio, que os carros de guerra se foram,
Aquela metralhadora carregada de balas verdadeiras
era para os filhos dos pobres sem pais heróis;
Fui aos lavabos, sentei-me na pia,
E baixei a descarga, mas o cheiro pairava no ar!
Porque as janelas ainda se encontravam fechadas,
pelo medo das balas perdidas sem olhos,
O gás ainda cheirava lá na rua de casa,
Foi a policia de choque que se disfarçou de protectora, enviada para nos dispersar;
Estávamos furiosos pela roubalheira dos nossos votos!
Foi covardia dos ladrões, burgueses pretos!
Mau cheiro, mau cheiro, uhm uhm uhm,
Basta! o ar levará isso, e tudo vai passar
vamos lavar a sujeira na pia!
Talvez consigamos nos sentar na sala para dialogar com os heróis da independência!
Eles é que mandam todos os bairros.
O som das panelas sessou por enquanto,
pois o filho dos pobres vai voltar a nos convocar para uma passeata na avenida!
Lá, e naquele dia, não só as panelas soarão, os tambores também se ouvirão em Lhanguene!
Dançaremos ao som do Panza e da Marabenta do Sukuma!
Aqueles que estão em Michafutene, se levantarão para nos apoiarem a bater as panelas e os tambores.

Nélio Cândido, 14 de maio de 2025

Águas profundas

O Índico são águas salgadas, e muito profundas.

Elas criam uma distância entre terras e gentes.

Os oceanos são obra do Criador que servem para nos separar.

Na travessia das águas, somos chamados de estrangeiro e indígena,

Assim podemos ser chamados de povos daqui e de lá. São águas salgadas do Índico.

Águas frias do Atlântico! irmão das águas do sul!

A distância que cria saudades entre aqueles que se desejam melhor.

O nosso Criador é criativo, Ele cria distâncias físicas para nos sentirmos longe, para inventarmos barcas e navios.

O Criador nos fez criar a internet para falarmos uns com os outros entre o Índico e o Pacífico, entre o mar e o rio, entre o lago e a lagoinha.

O Criador é um artista criativo!

Nélio Cândido, 22de julho de 2025



*Olhando o mar
Fotografia por Carlos Pereira, 2024*

Tambor de Anna Érika

Pode e é necessário, uma preta majestosa, os voduns comunicar.
Não apenas com um rosário, a magia do adoxu das filhas negras em transe girar.
Caçula, Abiã reserva-te teu feitiço e enegresce teu ser.
Preta gingando no nilo, costura tuas tranças, coroa-te com turbante, faz teu ancestre florescer.

sente a força de olorun, tua casa está aqui.
sente a força de mawu, tua casa está aqui
sente a força de zambi, tua casa está aqui

Mulher reverbera teu grito, resiste, comanda a gira e incorpora
tens ao lado Nanã, Iemanjá, Iansã, Ewá, Oxum, Obá, todas elas Iabás
veste tua indumentária, transcende tua glória no agora
Matriarca é quem comanda e encanta os voduns, nkisis e orixás.

Yami oxorongá, bruxa preta enfrenta o mal que te assujeita
Faz com que qualquer um te respeita
Brada teu grito visceral, erga o punho efusivo.

Menina mina como preta, te tornarás mulher.
Saluba Nanã, traz tuas filhas ao mundo e recolhe-las na morte.
Odoiyá Iemanjá, rainha do mar, fecunda sonhos nos presságios que vier.
Eparrey Iansã, tira o lar como missão das tuas filhas e guia os ventos para a sorte.
Ora iê iê ô Oxum, permite o afeto das relações em quem viver.
Obá sirê Obá, não temes ao ódio dos homens e perpetua a mulher forte.
Ri ró Ewá, segues os caminhos traçados e trançados pelas raízes ancestrais

Vibre a força do jeje-nagô, bantu, ketu, tua casa está aqui.
Este chão que aqui pisamos deste território é esteira.

Teus domínios, teu império divino, assentado em África
No Brasil, não te calas ao intento de algoz seu
Não deixe a energia do sagrado feminino
Vir do sistema cisheteropatriarcal eurocentrado devastar seu ser.





Mãe Baobá
por Carlos Pereira, 2025



*Arara preta em noite de luar
por Carlos Pereira, 2025*

Araruna

Tenho um sobrenome que é nome de ave.
Araruna.
Arara preta.
Um nome que veio antes de mim,
mas que ninguém nunca me ensinou a guardar.

Não sei quase nada desse lado da minha família.
Não sei as histórias, não conheci os rostos,
não ouvi as línguas.

Nem sei direito de onde vieram,
só sei que vieram.
E que eu fiquei aqui,
com o nome.

Cresci entre palavras ocidentais,
entre certezas muito bem organizadas.
Mas mesmo assim, desde pequena,
tem alguma coisa que me chama.
Um sopro, um silêncio.
Como se uma parte de mim soubesse de um lugar
que eu nunca pisei.

Não é sobre saber.
É sobre sentir.
Não é sobre ter certeza.
É sobre ouvir bem baixinho.



por Juliane Barroso, 2024

Sobre o que é ancestralidade

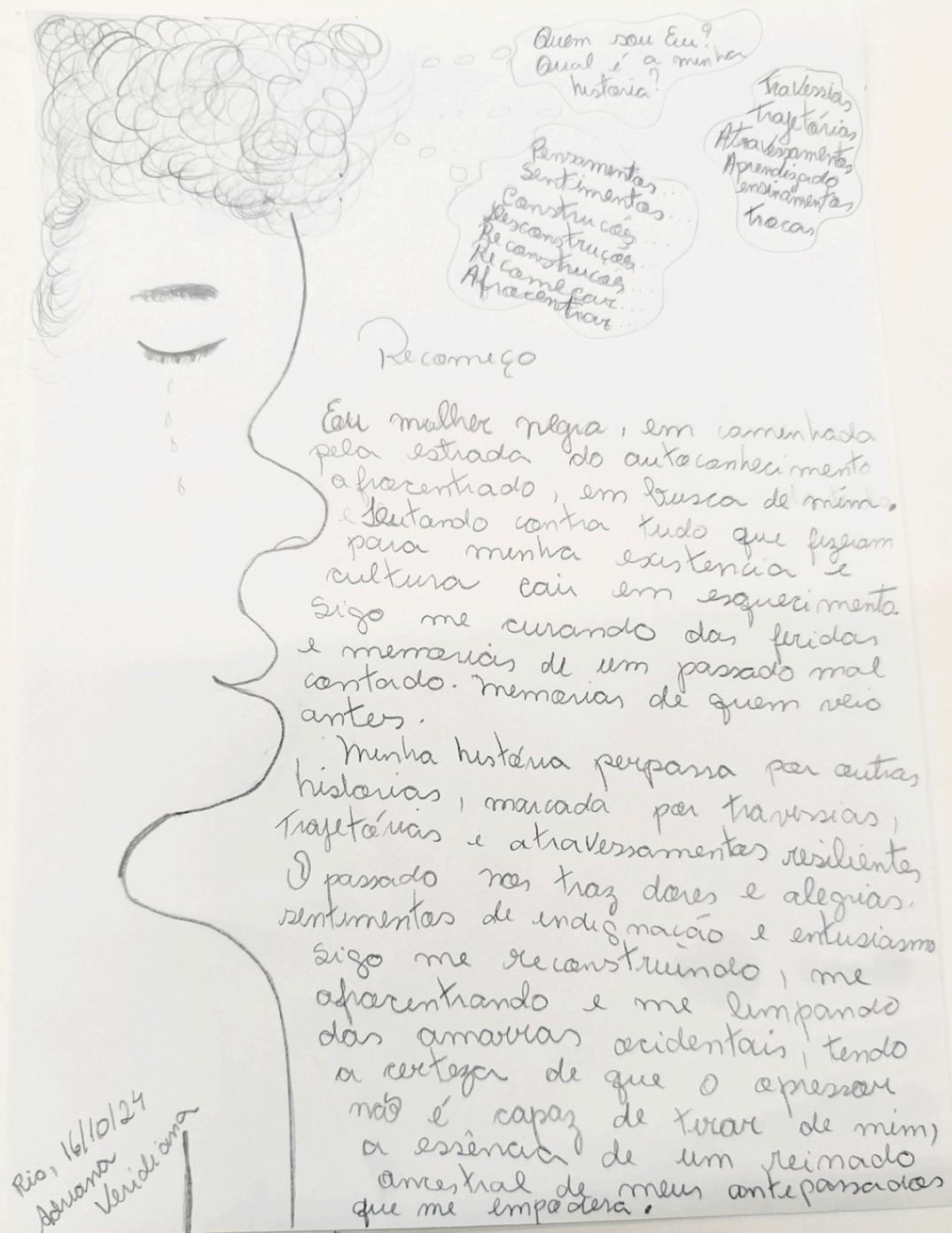
Quando a gente dança
um carimbó,
um congado,
um marabaixo,
nós estamos vivenciando a estória não contada nos livros.

Quando a gente canta
um samba,
um ponto,
uma reza,
nós estamos vivenciado a estória não contada nos livros.

Quando a gente toca
um pandeiro,
um tambor,
um agogô,
nós estamos vivenciado a estória não contada nos livros.

Quando nós estamos vivenciado a estória não contada nos livros
nos estamos nos conectando pelos com a nossa ancestralidade
porque ela não está nos livros
está na vida.

Drieli Sampaio



por Adriana Veridiana (Adriana Arantes dos Santos), 2024



Na imagem há uma metade de máscara bruta, com meu olho aparecendo no vão. Na parte despida, imagens intuitivamente colhidas que remetem ao meu contato com a ancestralidade, incluindo a escolha de adicionar uma imagem de uma pessoa indígena sendo “defumada” (não sei se usam o mesmo termo que usamos na matriz afro), por mais que ainda seja uma raiz minha que preciso aprofundar com mais cuidado, em outro nível. Sinto isso.

O breve poema “descascando rumo ao sumo das verdade não contadas, o que descortina mata as frágeis ilusões” somada às imagens remete ao momento em que me encontro: sinto a transformação que se aproxima e me sinto descascando. É necessário retirar a máscara, encontrar a fonte e deixar a nova identidade se consolidar. É um resgate que integra partes necessárias ao amadurecimento. As verdades ocultas, a forma de viver... tudo que me foi omitido. Não vem sendo um processo fácil, pois embora já tivesse acessado alguns debates, esse é um momento de também sentir. Então venho sentindo muito, do prazer até a dor.

por Debora Costa, 2024

Cultura Oleira

A cidade de Itaboraí, na região metropolitana do Rio de Janeiro, carrega em seu solo e nas mãos de seus artesãos uma tradição ancestral: a cultura oleira. Muito antes da urbanização, o aldeamento indígena de São Barnabé já cultivava práticas ligadas ao barro e à modelagem. Esta ilustração é uma homenagem a essa história viva da minha cidade natal, no qual durante a disciplina pude refletir sobre a importância da manutenção dessa herança cultural.

Do Barro à Tradição
A jornada dos povos indígenas e a força dos oleiros de Itaboraí

1. Antes da cidade, a terra viva
Muito antes das ruas e estradas, em Itaboraí, povos indígenas habitavam o território. Na aldeia de São Barnabé, havia uma grande presença de tupinambás ou tamoios. Todos em harmonia com a natureza e o barro.

2. O barro como origem
Para os povos originários, o barro não é apenas matéria — é memória. Usavam-no para fazer vasos, utensílios e arte. Tudo com o sopro do sagrado, com a força criadora do feminino e da natureza.

3. Chegadas e misturas
Com o tempo, outros povos chegaram: Os colonizadores, os franceses, os holandeses. Mas os indígenas resistiram. Seus saberes se entrelaçaram aos novos modos, e o barro continuou sendo herança viva.

4. Itaboraí dos Oleiros
Na entrada da cidade, surgiram os oleiros. Muitos descendem, direta ou indiretamente, dos povos originários. Seus vasos e enfeites de jardim trazem na forma o eco de uma tradição antiga.

5. Tradição que vive
A cultura oleira de Itaboraí é resistência. É arte que veio da terra, das mãos indígenas e hoje enfeita casas, quintais, memórias.

Cada peça moldada guarda o tempo, a terra e a alma de um povo.

bpc

por Brendha Pereira Carvalho, 2025



*Flores também se banham de sol
Fotografia por Carlos Pereira, 2025*



De acordo com o que é sabido da comunidade Maia-Quiché, a palavra era a existência da cultura e o fôlego que permitia com que seus ensinamentos se mantivessem vivos entre as gerações, sendo assim a base formativa da sociedade.

Desta forma, medidas de preservação foram tomadas para que as histórias não desaparecessem durante a invasão espanhola no continente, sendo uma delas a criação de um registro escrito em quiché que compilava os relatos orais, conhecido como *Popol Vuh*. Este livro, foi um dos únicos sobreviventes das queimas colonizadoras de manuscritos e contém o mito da criação do mundo que inspirou esta produção artística.

“Tudo estava em silêncio e deserto no escuro, na aurora. Só o Criador, o Formador, Tepeu, Gucumatz, A-que-Concebe, O-que-Gera, estavam na água, radiantes. Estavam lá envoltos em plumas verdes de quetzal e plumas azuis de cotinga. Daí veio o nome de Gucumatz. [...] A terra se criou com sua palavra, apenas. Para a terra nascer, disseram apenas: Terra!, e a terra surgiu no mesmo instante.” (Popol Vuh)

Baseando-se neste relato, surgiu a produção dessa ilustração que representa Itzamná, o deus criador dos Maias yucatecos, em sua iconografia clássica envolto pelas plumas de Gucumatz, conhecido como Serpente Emplumada, usando a palavra para iniciar a criação de tudo. Essa obra contém fortes influências do quadro *La Creación del Universo* de Diego Rivera (1931), e foi pensada com o intuito de servir como uma ilustração de apoio aos versos do livro, uma vez que era comum a constituição de escritas pictóricas por meio de narrativas hieróglifas em estelas de pedras e superfícies arquitetônicas como paredes e tetos.

por Angela Stelitano, 2024

As Visitas de Fayola

Diz que era uma menina, uma mulher. Mas, não, não e não. Era Fayola.
Pois, vejam só. Era domingo, lembro bem.
Estava Fayola triste, cabisbaixa, um choro só. Farta da vida, de idas, e vindas, da lida, do pó.
Tão desolada Fayola estava que se esquecera quem era.
Tão magoada estava ela... Que, pudera, pudera...
Se esquecera que era feita e coberta por inteiro de cobre em pó.
Ela sempre esquecia quem era ela.
Sem saber que era guardada. De verdade.
Se esquecendo que era guardada de verdade.
Ela sempre esquecia quem era ela.
Ela sempre esquecia que era bem, e, muito bem, guardada.
Ela sempre esquecia quem era ela.
Fayola chorou, chorou, deitou-se, e adormeceu.

E sonhou, mesmo sem querer
Sonhou, e se pôs a sonhar.
Sonhou que estava dormindo, num leito lindo, lindo e lindo, como os amores...
Num quarto pequeno, colorido, enfeitado de Lua, de estrelas, de luar.
No teto de seu quarto havia véus, de todas, todas, todas as cores. Em sua cama macia, cetins e
almofadas rendadas. Um lustre, um abajur, cortinas de carmim.
No ar, um cheiro inebriante de mirra, de lavanda, e também de jasmim.

Estava tranquila, num sono profundo, “merecedor”. Quando, de repente, fora acordada por
duas vozes de mulher. Ela, como de costume, queria se espreguiçar, pois despertar é mui
diferente de acordar. Ela queria com carinho se levantar e se acolher, se abraçar frente ao
espelho, antes de abrir com cuidado a porta para quem quer que fosse. Mas, as Duas estavam lá
fora, a se queixar, pois com elas, “aquelas” duas vinha muito frio, um vento gélido, uma
sensação de morte. Elas não vinham sem nada trazer consigo.

A mulher, mesmo sem querer, se levantou, abriu a porta e as fez entrar. As recebeu contra a
sua vontade. Pois há anos elas vinham, se esbaldaram com as dores de Fayola e não queriam
partir.



A porta
Fotografia por Carlos Pereira, 2025

Achávamos que você não iria nos querer por perto, pois foi assim mesmo que sempre aconteceu. Mas, por ter mudado o rumo, e entendido que não somos más... achamos por bem ofertar as coisas que temos de melhor em nossos guardados, para você, que merece, sim, o Mundo. E deram-se as mãos, e partiram. E a mulher, pela primeira vez, sorriu ao se despedir das Duas Irmãs.

Neste ínterim, Fayola acordou de seu sonho. Ficou intrigada com tudo que havia visto, ouvido, sentido naquele sonho, que mais parecia um grande devaneio.

Foi até o terreiro, com a ideia e uma vontade enorme de abraçar a Grande Árvore. Fazia tanto tempo...

Abraçou. Encostou o nariz no tronco, acariciou suas nervuras, as folhas, os frutos. Tudo, tudo, tudo... Olhou para a copa, e viu um embrulho branco, tão difícil de pegar, parecia protegido, sei lá... Quem disse que tem de ser sempre fácil? Pegou um banquinho de madeira, se pirulitou por cima dele, e conseguiu, finalmente, pegar o embrulho.

Com muito cuidado, Fayola desembalhou a trouxa. E qual não foi sua surpresa quando viu o que nela havia... E Vovó, que era Árvore, que era Tempo, que era tudo, lhe segredou:

“Uma peneira grande, para aprender a escolher todas as coisas, na vida...
Uma cuia média, para guardar água boa e beber com paciência...
Um pilão pequeno para pilar sempre e sempre o que for de mais ruim.
E quando tiver virado pó... basta apenas depositar numa árvore novinha, novinha...
E seguir em frente, sem olhar para trás.”

Bitta Bardo, Outono de 2025



*Onde vai um, vão mais dois
por Bitta Bardo, 2025*

Diz Que Eram Três Reis, ou, Ainda, como Ogum, Oxóssi e Ossaim sempre fazem a gente se curar

Diz que eram os Três Reis
Que não eram magos
Mas, ainda sim, Reis.
Não, diz que eram uns...
Três Reis. Seria assim?
Não, não eram Três em Um
Mas eram Deuses
Orixás, pois sim.
Não, não eram. Isso.
Eles o são.
Eram, foram, e sempre serão.
Três, sempre e sempre
Três
Disseram:
“Te abaixa, mas não se rebaixe
Temos três coisas pra ti
E toda vez
E todas as vezes
E serão muitas, adiantamos
Que a Tristeza e a Decepção se
Achegarem, e se achegarão
Pois são parte, sim, o são
Sim, elas são parte, fazem parte da Vida,
Elas não têm pressa de se ir,
E elas não têm porque se ir
Então, vem, pois
Convide-as a ficar por um tempo
Pois Tempo também é Orixá
E com as duas irmãs
Tu te assenta por um bom tempo
Deixe-as visitar
As queira bem
Mas, em seguida, quando elas já tiverem se fartado



*Caminhos,
por Bitta Bardo, 2025*



*Tia Ditinha Maria da Silva
por Bitta Bardo, 2025*

Sobre a Revista

Esta revista foi idealizada em 2022 pela primeira turma do curso de extensão "Pedagogia da Ancestralidade", como uma forma de publicar e compartilhar as produções realizadas ao longo do curso e após a sua conclusão. Essas produções buscavam abordar a ancestralidade a partir de aspectos da vida de cada participante, considerando a história do nome de cada participante, a história da família e das antepassadas, e a história dos territórios. Foram produzidos registros escritos e audiovisuais, bem como várias artes.

Em 2023 publicamos o primeiro número da revista, ano em que tivemos a segunda turma do curso que, desde então, também participa da elaboração das produções publicadas na revista. O mesmo ocorre com a terceira turma, de 2024. Além dos materiais produzidos pelos extensionistas e cursistas, também há materiais publicados por convidadas que, ao longo do tempo de trajetória do curso, nos ajudaram e ainda ajudam a pensar temas e abordagens, participaram dos encontros, ou mesmo serviram de inspiração para o que foi feito, falado e compartilhado. Para além das atividades desenvolvidas ao longo do curso, hoje temos o prazer de publicar materiais diversos produzidos pelas pessoas que compõem a Coletyva, num processo livre e contínuo de criação.

Para além do que é publicado na revista, existe um grande número de trocas e afetos compartilhados entre as pessoas, que juntas, formam a Coletyva Pyndorama.

A cada ano são publicados três números da nossa revista. Esperamos que ela seja inspiradora no seu processo particular de construção de identidade e pertencimento e ajude a construir a consciência originária que necessitamos para existir em plenitude, estar em integração com o mundo e cultivar o bem-viver nos territórios.

Desde já, te esperamos no próximo número. Até lá!

Nossos agradecimentos

A todes que se empenharam para que o curso “Pedagogia da Ancestralidade” fosse criado e oferecido, desde 2022, bem como que esta revista fosse criada e publicada.

A todes que participaram do curso e que apoiaram a nossa ação, em especial es extensionistas e es parceiros que somaram na condução e facilitação: Beatriz Matos Teixeira, Cecilia do Espírito Santo Esteves, Giulia Simas Bloise, Maria Clara Freze de Paula Silva, Pietra Cristina Soares Mascarenhas, Roberta Gil, Ana Beatriz Figueiredo, Fernanda Torres Oliveira, Isabela Farias dos Santos de Andrade, Leanlia Marinho de Aguiar, Rodrigo de Sousa Barreto, Tereza Onã, Kaka Portilho, Bitta Bardo, Socorro Brasil, David Alves da Costa, Eduardo Santana Toledo, Natália Braz, Sarah Gomes Costa, Silvana Holanda, Vitória Lima, Carlos Pereira.

A Felipe Sousa de Souza por ter criado a identidade visual da Coletyva Pyndorama e do G PI.

As instituições parceiras da Coletyva Pyndorama: Instituto Hoju e Aldeia Marakan’á pelo apoio.

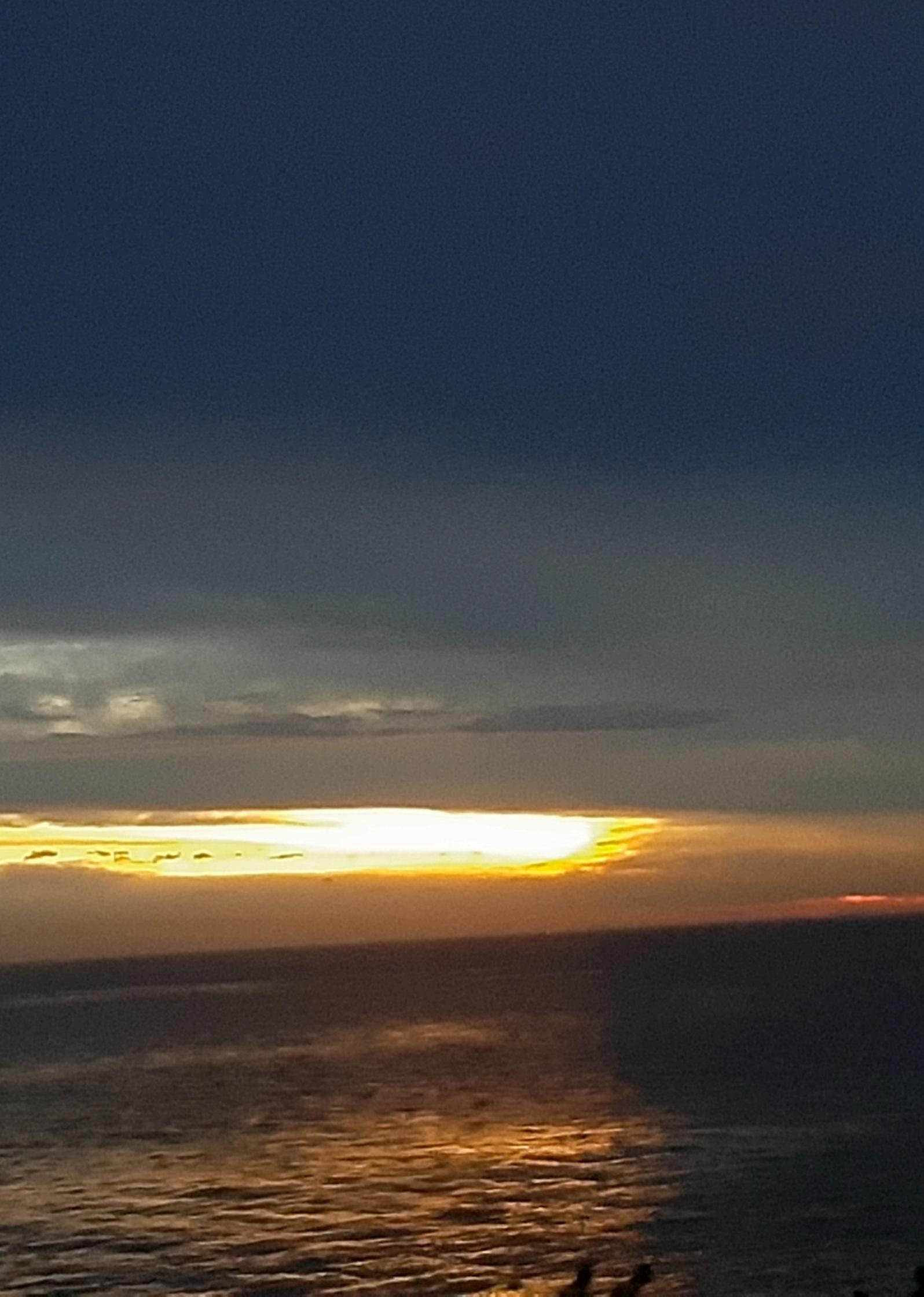
E, por fim, a Flávia Natércia, que foi incansável na criação de nossa identidade e nossa base de pensamento, refletida nos materiais por ela produzidos, nas trocas com ela realizadas, nos momentos com ela compartilhados e nos sonhos com ela construídos. Malunga, continuaremos seu legado e honraremos sua memória. Suas sementes já se tornaram árvores e floriram em nós.



Travessia
por Carlos Pereira, 2025



Fotografia por Izabella Trindade, 2024



Autories neste número

Aaron Horowitz

Adriana Mota Barbosa

Adriana Veridiana (Adriana Arantes dos Santos)

Aiyra Amana Tupinambá (Alciete Arruda Azevedo)

Alexander Santiago Rodrigues

Amadeuza Batista

Ana Lilyan Santos

Ana Paula de Oliveira

Angela Stelitano

Beatriz Bessa

Beatriz Matos

Bitta Bardo

Brendha Pereira Carvalho

Carlos A. R. Pereira

Autories neste número

Claudia Moreira
Daniela Rosa
Debora Costa
Drieli Sampaio
Flora Araruna
Helson Potiguara
Isabele Pinheiro Cruz
Izabella Trindade
João Guilherme Oliveira Silva
Juliane Barroso
Nélio Cândido
Pedro Ka'aguasu Potiguara
Reginaldo Bessa
Rodrigo Barreto
Victor Meirelles



Aconhego
por Daniela Rosa, 2024



Comigo ninguém pode
Fotografia por Carlos Pereira, 2025

Sobre o G PI

G PI é o Grupo de pesquisa interdisciplinar em ciências e tecnologias africanas, indígenas e diaspóricas, criado em 2020 por Carlos Alexandre Rodrigues Pereira, assim que ele assumiu o cargo de professor no Núcleo Interdisciplinar para o Desenvolvimento Social (Nides), um órgão suplementar do Centro de Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A criação do G PI foi pensada para institucionalizar na UFRJ, no âmbito da pesquisa, as ações interdisciplinares que estavam sendo desenvolvidas e/ou criadas com foco nas ciências e tecnologias originárias e tradicionais. O grupo se organizou de diferentes formas ao longo do tempo, se estruturando conforme as experiências vividas e a interação entre as pessoas. Hoje, considera seis eixos de atuação, ou linhas de pesquisa:

1) **Corpo, território, cultura e identidade**, que se dedica a estudos sociais que abordem a relação entre os processos de construção de identidades e corporeidades e os processos de territorialização. Considera, em suas abordagens, as manifestações de culturas, o estabelecimento de relações e vínculos, a manifestação de determinantes sociais de saúde e a capacidade de agência. Busca, também, a construção partilhada de conhecimento na perspectiva de territórios de favela, periferia e subúrbio sobre ambiente, saúde, tecnologia e bem-viver;

2) **Diásporas e processos de territorialização**, dedicada a estudar os movimentos de diáspora, especialmente aqueles que envolvem comunidades originárias e tradicionais, e aqueles que ocorrem no continente africano e no continente americano, tendo como enfoque principal, porém não exclusivo, as comunidades negro-africanas e as comunidades indígenas no Brasil, entendendo diásporas como processos de migração, voluntários ou não, que são contextualizados no tempo e no espaço;

3) **Estudos de Gênero e Sexualidade**, que visa a estudos sobre gênero e sexualidade a partir de diferentes matrizes civilizatórias, em especial as cosmopercepções indígenas africanas e das américas, e as afrobrasileiras. Aborda, também, gênero e sexualidade na contemporaneidade ocidental considerando a interseccionalidade entre raça, etnia, território e classe.

4) **Povos originários de África, suas historiografias, ciências e tecnologias**, relacionada a estudos sobre sociedades originárias de África, suas culturas, ciências e tecnologias, apoiado no arcabouço teórico das suas filosofias endógenas;

5) **Povos originários das Américas, suas historiografias, ciências e tecnologias**, que visa abordar conhecimentos e tecnologias de povos originários do continente americano, preservar suas memórias e seu legado tecnocientífico; e

6) **Sistemas Tradicionais de Medicina**, dedicada a pesquisa sobre os sistemas tradicionais de medicina originários de África e das Américas. Aborda, também, a contribuição desses sistemas para a cultura popular brasileira de cuidado em saúde. Visa, também, pesquisar sobre a interação entre os sistemas tradicionais e os sistemas convencionais de medicina ocidentais, destacando possibilidades de institucionalização, por exemplo, via políticas para práticas integrativas e complementares em saúde.

O grupo foi inicialmente criado sob o nome de Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Educação, Saúde, Ambiente e Cultura Africana, Afro-diaspórica e Indígena, nome que destacava os campos de estudo envolvidos nas abordagens do grupo à época. Contudo, em 2022, teve seu nome alterado para destacar mais seu foco de interesse no debate sobre ciências e tecnologias originárias e diaspóricas. O termo diaspóricas aparece no nome do grupo para destacar o interesse na observação de como os movimentos de diáspora se relacionam a criação/adaptação de modos de vida e processos de territorialização, entendendo, também, que comunidades tradicionais no Brasil se formam, boa parte delas, influenciada por processos migratórios de populações originárias.

A identidade visual do grupo foi criada pelo artista Felipe Sousa de Souza, que integrou dois símbolos *adinkra* (*Sankofa* e *Asase Ye Duru*) com a folha e pendão da Sangra D'Água. *Sankofa* é um *adinkra* que representa a sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro e *Asase Ye Duru* representa a divindade da mãe Terra. A Sangra D'Água (*Croton urucurana*) é árvore nativa da América do Sul e sua folha tem formato semelhante ao desenho de um coração. Seu látex tem propriedades terapêuticas e é usado na contenção de sangramentos e sua madeira pode ser usada para embarcações.

Para saber mais sobre o G PI acesse o perfil do grupo no [Instagram](#) que também pode ser acessado pela imagem abaixo. O contato do grupo é pelo e-mail gpigrupodepesquisa@gmail.com





BH-1	02	BH-2
------	----	------



em·pa·ti·a
(grego *empathia*, -as, paixão)

substantivo feminino
Forma de identificação intelectual ou afetiva de um sujeito com uma pessoa, uma ideia ou uma coisa (ex.: a empatia entre os voluntários e a população local era evidente; assistimos à perfeita empatia entre piano e violino).

SR-1	02	SR-2
------	----	------

Empatia
por Rodrigo Barreto, 2025

Sobre a Coletyva Pyndorama

O Coletyvo Pyndorama foi criado em 2020 devido à dificuldade de formalizar, no espaço universitário, ações educativas e de pesquisa na temática das ciências, tecnologias e culturas originárias, tradicionais e diaspóricas e de conseguir apoios para a sua realização.

Inicialmente, o Pyndorama foi proposto como um programa institucional de ensino, pesquisa e extensão universitária, mas depois ganhou a identidade de coletivo independente, livre e popular, com o intuito de incentivar e defender ações sobre as temáticas de interesse, dentro e fora da universidade.

Essa mudança ampliou a identidade do coletivo e gerou a possibilidade de expandir para fora do ambiente universitário o seu alcance e engajamento. Mais tarde, já em 2023, ganhou a identidade de Coletyva, em honra ao berço civilizatório matriarcal que orienta o pensamento e a organização social na África negra, conforme descreveu Cheik Anta Diop.

A grafia é com Y, que na tradição de algumas línguas indígenas como o Tupy-Guarany, é vogal sagrada. Sua utilização na escrita em português expressa o manifesto, uma demarcação indígena na língua do colonizador, conforme defende o artista indígena potiguara João Nyn.

A Coletyva Pyndorama utiliza como proposta metodológica a construção partilhada de conhecimento. Por isso, dialoga com uma ampla rede de pessoas e instituições comprometidas com o contra-colonialismo e contra-racismo, bem como com a justiça histórica e cognitiva para com sociedades negras e indígenas. Para saber mais e apoiar a Coletyva, acesse: <https://www.coletyvapyndorama.com/> ou escaneie o código QR abaixo:



É muito bom



poder voltar

pra dentro

É muito bom poder voltar pra dentro
por Carlos Pereira, 2025



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

